

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE –
PPGPCS
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

VALORES E TRAJETOS DO PATRIMÔNIO CATARINENSE NAS EXPOSIÇÕES
UNIVERSAIS (1876 E 1889) E DE HISTÓRIA DO BRASIL (1881)

MURILO RISTOW CATARINA
ORIENTADORA: PROFA. DRA. SANDRA PASCHOAL LEITE DE CAMARGO
GUEDES

JOINVILLE – SC

2022

MURILO R. CATARINA

VALORES E TRAJETOS DO PATRIMÔNIO CATARINENSE NAS EXPOSIÇÕES
UNIVERSAIS (1876 E 1889) E DE HISTÓRIA DO BRASIL (1881)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Linha de Pesquisa Patrimônio, Memória e Linguagens, da Universidade da Região de Joinville (Univille), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, sob orientação da professora Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes

JOINVILLE – SC

2022

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

C357v Catarina, Murilo Ristow
Valores e trajetos do patrimônio catarinense nas exposições universais (1876 e 1889) e de história do Brasil (1881) / Murilo Ristow Catarina; orientadora Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes. – Joinville: UNIVILLE, 2022.

136 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural – Universidade da Região de Joinville)

1. Patrimônio cultural – Santa Catarina. 2. Exposições. 3. Valores. I. Guedes, Sandra Paschoal Leite de Camargo (orient). II. Título.

CDD 363.69

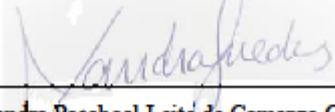
Termo de Aprovação

“Valores e Trajetos do Patrimônio Catarinense nas Exposições Universais (1876 e 1889) e de História do Brasil (1881)”

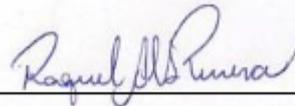
por

Murilo Ristow Catarina

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.

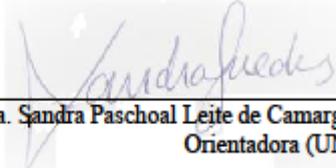


Profa. Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes
Orientadora (UNIVILLE)



Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

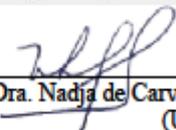
Banca Examinadora:



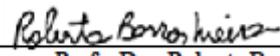
Profa. Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dra. Lúcia Gonçalves
(U. DE SC)



Profa. Dra. Nadja de Carvalho Lamas
(UNIVILLE)



Profa. Dra. Roberta Barros Meira
(UNIVILLE)

Joinville, 22 de fevereiro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Por todo o período em que eu estive no mestrado, percebi que esse trabalho seria impossível de ser feito sozinho, o que é irônico já que em várias ocasiões me pegava sozinho, com um livro nas mãos, pensando sobre como resolver todos os questionamentos que surgiam com a pesquisa. Entretanto, é mais do que justo que ao final dessa caminhada, eu agradeça a quem nunca me negou forças, paciência, incentivo e me ouviu reclamar tantas vezes.

Gostaria de iniciar agradecendo primeiramente a minha mãe, Aparecida, que foi mãe, pai, sozinha cuidou e ensinou a importância da educação, ensinou desde cedo a ter gosto por estudar, por mais que jogar videogame fosse bem mais legal. Minha mãe me ensinou coisas que eu nunca esqueci, me ensinou a ser forte, e que mesmo que haja desavenças, temos um ao outro, e sempre acreditou no filho. Mãe, obrigado por acreditar sempre em mim, me apoiar nas minhas decisões, por ser essa mulher forte, e eu lhe dedico esse trabalho, um troféu do que você me ensinou. Não somos iguais, você é uma das minhas inspirações para sempre ser alguém melhor.

Não poderia deixar de agradecer outros da família, minha madrinha Cléa, e meu padrinho Pedro, que sempre me deram o maior suporte, me apoiaram, e também acreditaram nas minhas capacidades, estenderam a mão quando precisei, e o resultado disso, é eu estar finalizando um mestrado.

Ao meu avô que a vida me deu, Dalmo ou como eu o chamo “Mámo”, que mesmo não sendo de sangue me tem como um filho, me apoiou a vida toda, me deu conselhos valiosíssimos, e que mesmo eu não sendo mais aquele garoto, que não conseguia chamar pelo nome, ainda me apoia em tudo que eu faço, me dá conselhos, e me faz dedicar este agradecimento, a todo carinho, afeto e amor que me deu em todos esses anos. Gostaria que minha avó que a vida me deu também, Maria, ou simplesmente “Ía”, estivesse vendo, ela que sempre falou que sonhava em me ver formado, faleceu antes mesmo do término da graduação. “Ía”, eu queria que você estivesse aqui comigo, pra eu te abraçar, falar que tudo isso é por vocês, mas eu sei que estou te deixando orgulhosa, sinto muito sua falta.

Quero agradecer aos meus amigos e amigas, que são sem dúvida alguma as melhores pessoas que um mestrando poderia ter como amigos, em especial ao Bruno um amigo desde o ensino médio, que nas horas em que as risadas estavam frouxas, estava comigo, comemorando, mas não saía de perto quando os maus momentos chegavam. Obrigado por todo o apoio, por me ajudar, por me ouvir reclamar por horas a fio, e por sempre falar que eu aguentaria, isso foi

essencial. Quero agradecer a Rafaela, minha amiga de graduação, que sempre me deu forças, sempre acreditou no que eu faço, sempre me dando todo o suporte possível, dando ideias, discutindo assuntos que me ajudaram a chegar até aqui e que também ouvia as minhas reclamações sobre tudo. E por último, agradecer a Heloísa, uma amiga que me ajudou com vários aspectos, me dando ideias, e tendo a paciência de revisar muitas das coisas que eu escrevia. A todos os amigos, meus mais sinceros agradecimentos, sem vocês isso não seria possível e eu sou sempre grato a todos.

Não posso deixar de agradecer a minha orientadora Sandra Guedes, que virou minha amiga, que sempre me apoiou, desde a graduação, me deu uma oportunidade na iniciação científica e desde então eu tenho a honra de trabalhar com essa mulher incrível, que me inspira a ser tão incrível como você. Eu agradeço todos os atos de paciência, afeto e amizade, a generosidade de compartilhar tanto conhecimento comigo. Serei sempre grato a você, foi uma honra ser seu aluno, seu orientando, colega de profissão e amigo.

Quero aproveitar a oportunidade para agradecer a Professora Roberta Meira e Nadja Lamas pelas riquíssimas contribuições feitas durante meu exame de qualificação e todo o conhecimento compartilhado nas aulas do mestrado. Agradeço também a professora Janice Gonçalves por aceitar fazer parte da banca de defesa. Foi incrível trabalhar com profissionais de tão alto nível.

Por fim, agradeço a todos aos colegas do GEIPAC e do GEMUR por todas as discussões, dicas e experiências compartilhadas. Agradeço também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela bolsa de estudos concedida durante os dois anos do mestrado. Sem o apoio financeiro que a coordenação oportunizou, nada disso teria acontecido. Ações de fomento da ciência são cada vez mais relevantes para que os cientistas brasileiros nas mais diversas áreas possam contribuir com a sociedade e transformar a vida de todos.

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado tem como objetivo compreender por meio de objetos enviados para três exposições selecionadas, os trajetos e os valores atribuídos ao patrimônio cultural de Santa Catarina no século XIX. O trabalho foi organizado em três artigos, sendo o primeiro sobre a Exposição Universal da Filadélfia de 1876, o segundo sobre a Exposição de História do Brasil de 1881 e o terceiro sobre a Exposição Universal de Paris de 1889. As exposições foram selecionadas conforme a disponibilidade de documentos online, devido à pandemia de Covid-19. A análise foi feita a partir de documentos relacionados com as exposições, principalmente catálogos que estão disponíveis virtualmente nos bancos de dados da Biblioteca Nacional, Biblioteca do Senado, Arquivo Nacional e bancos de documentação como o portal *Internet Archive* e o *Research Libraries*. A metodologia utilizada foi a de análise documental qualitativa, baseada nos textos de Jacques Le Goff e Reinhard Koseleck, auxiliando no trato com os documentos, já a discussão de Valores do Patrimônio Cultural segue as ideias de Alois Riegl e Janice Gonçalves. Como resultado deste trabalho identificamos uma mudança nos valores atribuídos ao patrimônio cultural de Santa Catarina ao longo do século, na exposição da Filadélfia Santa Catarina apresentou apenas produtos agrícolas, atribuindo valor econômico e um valor de uso aos objetos selecionados. Já na Exposição de História do Brasil de 1881, a província catarinense enviou itens principalmente com valores históricos, mas também itens que destoavam dessa concepção à época. Por fim, na Exposição de Paris de 1889, Santa Catarina mais uma vez envia itens de origem agrícola com um valor de uso atribuído, e que acaba contribuindo com a representação do Brasil como um país rural que foi criada pelos europeus, e mesmo não sendo algo negativo para a elite brasileira, não era o objetivo do império nas exposições. Contudo, há itens de Sambaquis que são de origem catarinense e que tem os valores históricos e científicos atrelados a eles. Os trajetos dos itens foram das cidades e colônias enviados à capital da província para uma triagem da comissão de exposição provincial, que organizavam uma exposição antes de enviar para a capital do Império, onde aconteceria uma outra exposição organizada pela comissão nacional de exposição, com itens de todo o país. Após essa exposição os itens eram enviados para os países sede das exposições universais. Essa lógica somente não se aplica à Exposição de História do Brasil de 1881, já que não havia comissão provincial. Depois das exposições os itens deveriam voltar aos seus donos, se possível, pois itens de origem natural não resistiam à duração da exposição mais a viagem e acabavam sendo descartados. Os itens que foram enviados para as exposições, sendo de origem agrícola na Exposição da Filadélfia, itens que fugiam do que era considerado histórico, retratando o cotidiano dos imigrantes na Exposição de História do Brasil de 1881, e itens provenientes de sambaquis catarinenses, na Exposição Universal de Paris de 1889, que demonstravam que havia mais do que apenas produtos de origem natural e agrícola na província. Percebe-se, no final do século, uma mudança significativa no tipo de objetos enviados pelo Brasil para uma exposição universal: se na exposição de 1876 foram enviados apenas produtos comerciais, agrícolas, na de 1889 já apareceram objetos de valor histórico, como os provenientes de sambaquis de Santa Catarina. Esses objetos, pertencentes ao acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, já eram considerados patrimônio brasileiro na época.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Valores; Santa Catarina; Exposições.

ABSTRACT

The present master's dissertation aims to understand, through objects sent to three selected exhibitions, the paths and values attributed to the cultural heritage of Santa Catarina in the nineteenth century. The work was organized in three articles, the first one about the Universal Exhibition of Philadelphia in 1876, the second one about the Exhibition of Brazilian History in 1881, and finally the Universal Exhibition of Paris in 1889. The exhibitions were selected according to the availability of online documents, due to the Covid-19 pandemic. The analysis was done from documents related to the exhibitions, mainly catalogs that are available virtually in the Biblioteca Nacional, Biblioteca do Senado, Arquivo Nacional and documentation banks such as the Internet Archive portal and Research Libraries. The methodology used was qualitative document analysis, based on texts by Jacques Le Goff and Reinhard Kosseleck, helping in the treatment of documents, while the discussion of Cultural Heritage Values follows the ideas of Alois Riegl and Janice Gonçalves. As a result of this work, we identified a change in the values attributed to the cultural heritage of Santa Catarina throughout the century. In the Philadelphia exhibit, Santa Catarina presented only agricultural products, attributing economic value and also a use value to the selected objects. In the Brazilian History Exhibition of 1881, the Santa Catarina province sent items mainly with historical values, but also items that did not follow this conception at the time. Finally, in the Paris Exhibition of 1889, Santa Catarina once again sends items of agricultural origin with a value of use assigned, and that ends up contributing to the representation of Brazil as a rural country that was created by the Europeans, and even though it was not something negative for the Brazilian elite, it was not the objective of the empire in the exhibitions. However, there are items of Sambaquis that are from Santa Catarina and that have historical and scientific values attached to them. The items were sent from the cities and colonies to the provincial capital for a screening by the provincial exposition commission, which organized an exposition before sending them to the capital of the empire, where another exposition organized by the national exposition commission would take place, with items from all over the country. After this exhibition the items were sent to the host countries of the universal exhibitions. This logic does not apply only to the History of Brazil Exhibition of 1881, since there was no provincial commission. After the exhibitions the items should return to their owners, if possible, because items of natural origin could not withstand the duration of the exhibition plus the trip and ended up being discarded. The items that were sent to the expositions, being of agricultural origin in the Philadelphia Exposition, items that escaped from what was considered historical, portraying the daily life of the immigrants in the 1881 Brazilian History Exposition, and items coming from Santa Catarina's sambaquis, in the 1889 Paris Universal Exposition, showed that there were more than just products of natural and agricultural origin in the province. At the end of the century, a significant change can be seen in the type of objects sent by Brazil to a universal exhibition: if in the 1876 exhibition only commercial and agricultural products were sent, in the 1889 exhibition objects of historical value already appeared, such as those from sambaquis from Santa Catarina. These objects, belonging to the collection of the National Museum of Rio de Janeiro, were already considered Brazilian heritage at the time.

Keywords: Cultural Heritage; Values; Santa Catarina; Exposition.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1:Exemplo de trecho do Catálogo..... | 32 |
| Figura 2: “Main Building”..... | 34 |
| Figura 3: “Demonstrações dos minérios no canto inferior esquerdo”..... | 43 |
| Figura 4: “Estande do Brasil”..... | 46 |
| Figura 5: “Parte do estande do Brasil revestido em algodão”..... | 47 |
| Figura 6: “Engenho d'assucar de S. A. R. o Duque de Aumale: perto da rua da Ilha ao lado esquerdo do Cubatão”..... | 66 |
| Figura 7: “O Engenheiro A. Wunderwald com seus companheiros”..... | 67 |
| Figura 8: “Casa do Snr. O. Dörrfel, caixeiro da direção e consul de Hamburgo”..... | 68 |
| Figura 9: “Casa da direcção: dono o Snr. L. Aubé”..... | 69 |
| Figura 10: “Casa do Snr. Jordan, negociante, rua do Caxoeira”..... | 70 |
| Figura 11: “Casa do Snr. Richlin, sapateiro, rua do Príncipe”..... | 71 |
| Figura 12: “Casa do Snr. G. Hasse, negociante, rua do Príncipe”..... | 72 |
| Figura 13: “Igreja Catholica da rua da Telheira”..... | 73 |
| Figura 14: “Exposição Universal de Paris: exposição brasileira – Vista obtida debaixo do pilar oeste da Torre Eiffel”..... | 85 |
| Figura 15: Expositor por classe..... | 88 |
| Figura 16: “Exposição Universal de Paris: exposição brasileira”..... | 92 |
| Figura 17: “Exposição Universal de Paris: exposição brasileira. Sala do Comitê, rua Lafayette”..... | 93 |
| Figura 18: “Exposição Universal de Paris: exposição brasileira. Pavilhão do Brasil visto do Pavilhão da República da Argentina”..... | 94 |
| Figura 19: “Exposição Universal de Paris: exposição brasileira. Lado esquerdo da fachada voltado para a bandeira da República Argentina”..... | 95 |
| Figura 20: “Exposição Universal de Paris: exposição brasileira. Vista da estufa pelo interior do Jardim”..... | 96 |
| Figura 21: “Exposição Universal de Paris: exposição brasileira. Vitória Régia”..... | 97 |
| Figura 22: “Exposição Universal de Paris: exposição brasileira. Vista da Vitrine “mate””..... | 98 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|----------|---|
| ABNT | Associação Brasileira de Normas Técnicas |
| AN | Arquivo Nacional |
| BN | Biblioteca Nacional |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CEHB | Catálogo da Exposição de História do Brasil |
| CPDOC | Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil |
| CNPQ | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico |
| FGV | Fundação Getúlio Vargas |
| GEIPAC | Grupo de Pesquisas Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural |
| IHGB | Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro |
| MEM | Museus e Espaços de Memória: representações, acervos e função social |
| SIAN | Sistema de Informação do Arquivo Nacional |
| UDESC | Universidade do Estado de Santa Catarina |
| UNIVILLE | Universidade da Região de Joinville |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. O VALOR DO PATRIMÔNIO CATARINENSE NAS AMÉRICAS: A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DA FILADÉLFIA DE 1876..... | 29 |
| 2.1. Introdução | 29 |
| 2.2 O Brasil em uma Exposição Universal nas Américas | 33 |
| 2.3 Itens Catarinenses na Filadélfia..... | 40 |
| 2.4 Considerações Finais do artigo..... | 48 |
| 3. SANTA CATARINA NA EXPOSIÇÃO DE HISTÓRIA DO BRASIL DE 1881 | 50 |
| 3.1 Introdução | 50 |
| 3.2 História, Documento Histórico e Patrimônio Cultural | 54 |
| 3.3 Valores atribuídos ao patrimônio cultural | 57 |
| 3.4 Santa Catarina na exposição de 1881 | 59 |
| 3.6 Uma exposição de história de presente para o imperador..... | 73 |
| 3.7 Considerações finais do artigo | 76 |
| 4. O PATRIMÔNIO CULTURAL DE SANTA CATARINA NA EXPOSIÇÃO DE PARIS DE 1889..... | 79 |
| 4.1 Introdução | 79 |
| 4.2 O Brasil na Exposição de Paris de 1889..... | 84 |
| 4.3 O papel de Santa Catarina no contexto brasileiro da Exposição | 87 |
| 4.4. O Brasil através das lentes: fotografias do Brasil na Exposição de 1889. | 91 |
| 4.5. Considerações Finais do artigo..... | 99 |
| Referências Bibliográficas | 104 |
| APÊNDICE A – Tabela de itens catarinenses enviados para a Exposição Universal da Filadélfia de 1876..... | 111 |
| APÊNDICE B - Tabela de itens catarinenses enviados para a Exposição de História do Brasil (1881) | 113 |
| APÊNDICE C - Tabela de itens Catarinenses enviados para a Exposição Universal da Paris de 1889 | 136 |
| APÊNDICE D - Quadro de Expositores Catarinenses na França (1889) | 137 |

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), na linha de pesquisa Patrimônio, Memória e Linguagens. É vinculada também ao Grupo de Pesquisas Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural (Geipac) e ligada ao projeto guarda-chuva “Museus e Espaços de Memória: representações, acervos e função social” (MEM), coordenado pela orientadora dessa dissertação. Este trabalho foi financiado parcialmente pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Por estar associada a um programa de Pós-Graduação interdisciplinar, essa dissertação dialoga com várias áreas do conhecimento, ou sejam, História, Museologia e Patrimônio Cultural.

Sobre mim, Murilo Ristow Catarina, sou formado em História pela Univille e durante a graduação participei da Iniciação Científica, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), tendo sido orientado pela Professora Dra. Sandra Guedes, orientadora atual da presente pesquisa. A temática abordada durante a Iniciação científica foi articulada em torno das representações sociais dos joinvilenses sobre os museus da cidade. Tal experiência me inseriu no contexto dos estudos sobre museus, acervos e outros conceitos que são úteis a esta dissertação. Toda a ideia sobre o tema da dissertação veio de uma conversa com a Professora Sandra, enquanto eu me preparava para a minha banca de TCE na graduação e nos programávamos para o mestrado, então nessa conversa eu sinalizei o interesse em trabalhar com acervos e cultural material, quando surgiu o tema da presente dissertação.

No início da pesquisa foi realizada uma busca bibliográfica, primeiramente em livros que abordassem o tema, logo após, em bancos de dados acadêmicos. Essa pesquisa foi feita no Portal de Periódicos da Capes, no Banco de Dados da Scielo e no Catálogo de Teses e Dissertações. Assim, por meio de um conjunto de palavras chaves, utilizando o filtro avançado, começamos com as palavras Exposição Universal, e tivemos como resultado 175 trabalhos com esse tema no portal de periódicos e 73 na plataforma Scielo. A seguir, afunilamos a busca com os termos Exposição Universal e Santa Catarina, os números diminuíram para 11 no Portal de Periódicos e nenhum na Scielo Também procuramos sobre a Exposição de História de 1881, a ideia de trabalhar com essa exposição veio quando percebemos que ela foi feita nos mesmos moldes das exposições universais e por pessoas que delas participaram, mas agora em um âmbito nacional. Nos mesmos portais procuramos a palavra “Exposição”, juntamente com o

ano “1881” e tivemos o resultado de apenas 1 trabalho na plataforma Scielo e 7 resultados no portal de periódicos, porém destes 7, 3 artigos eram repetidos e já haviam sido encontrados no Scielo e um deles não tinha relação com essa exposição, então acabamos encontrando 3 artigos, apenas. Assim lemos os 14 trabalhos que estavam disponíveis e concluímos que nenhum deles tinha o mesmo escopo, objetivos, ou metodologia do trabalho que estávamos propondo.

Esta dissertação tem o objetivo de poder entender, por meio dos objetos enviados para as exposições selecionadas, os discursos que se faziam sobre o patrimônio cultural da província de Santa Catarina. Por meio dos documentos que descrevem os itens que foram enviados, podemos identificar o que era compreendido como um item de valor cultural, no século XIX, na província, além de analisar o que Santa Catarina queria demonstrar com os objetos enviados para esses eventos. Assim, o problema de pesquisa é entender quais os valores atribuídos ao Patrimônio Cultural de Santa Catarina no Século XIX e o objetivo geral foi identificar os valores atribuídos e a trajetória de objetos de origem catarinense que tenham sido enviados para fora da Província, no século XIX, para exposições nacionais ou internacionais. Como objetivos específicos foram propostos os seguintes: localizar a documentação que registrasse o trânsito dos bens catarinenses enviados para as exposições; compreender para onde os objetos foram levados; identificar o contexto sociopolítico do período em questão e compreender o conceito de atribuição de valor do Patrimônio Cultural.

O estudo do fluxo dos objetos catarinenses no século XIX permite a compreensão dos valores atribuídos a estes itens, os quais remetem aos mais diversos significados. Entender os valores atribuídos a objetos que originalmente pertenciam ao que entendemos ser patrimônio cultural catarinense e que, devido a esses valores, foram usados pelas comissões das exposições para representar a Província ou o Brasil em outras localidades, pode nos ajudar a compreender melhor nossa cultura.

Entendemos por Patrimônio Cultural algo que tem uma atribuição de valor social, o patrimônio pode ser, neste caso, tombado, protegido ou não, mas não será isso que será a regra, já que por mais que percebemos uma visão prematura do que é patrimônio, não havia tanta preocupação em conservá-lo como hoje em dia.

A identificação desse patrimônio que está além das fronteiras do Estado é um esforço que contribui para um maior conhecimento sobre a História e o patrimônio cultural de Santa Catarina e dos grupos sociais que aqui se instalaram.

A opção metodológica foi de trabalhar a dissertação em forma de artigos, sendo que cada um tratará de uma exposição da qual a província de Santa Catarina foi convidada a participar, no entanto, foi adotada uma formatação única seguindo as regras previstas na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) ao invés de seguir as formatações de cada revista para qual os artigos foram pensados. Assim, a dissertação está dividida em três artigos, sendo o primeiro sobre a Exposição da Filadélfia de 1876, o segundo artigo sobre a Exposição Nacional de História de 1881 que ocorreu na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e o terceiro e último sobre a Exposição Universal de Paris em 1889. O recorte utilizado foi principalmente pela disponibilidade e acesso aos documentos em tempos de pandemia, visto que as exposições analisadas são as que os documentos estão em maior quantidade na web. Além disso, entre as Exposições Universais escolhidas, há um intervalo temporal de 9 anos para que fosse possível perceber mudanças, ou não, nos valores atribuídos ao longo do tempo. Da mesma forma, foram selecionadas exposições que ocorreram em diferentes continentes, ou seja, uma na Europa e outras duas nas Américas, uma no Brasil e outra nos Estados Unidos.

Para apoiar as discussões apresentadas nessa dissertação, algumas teorias e conceitos foram mobilizados: em relação ao conceito de Patrimônio Cultural, foram mobilizados autores como Maria Cecília Londres Fonseca¹ e Ulpiano Bezerra de Meneses²; sobre o Processo de Valoração do Patrimônio, Janice Gonçalves³ e Alois Riegl⁴ e a metodologia da análise de documento, trabalhando com Jacques Le Goff⁵ e Reinhard Koselleck⁶.

Quando pensamos em patrimônio, um dos conceitos que utilizaremos é o proposto por Fonseca⁷ que propõe uma concepção mais ampla do patrimônio, discutindo patrimônios imateriais como danças, lugares e saberes, ao contrapor a visão tradicional de patrimônio, descritas por exemplo, pelo arquiteto Viollet-Le-Duc (1814-1879) que ao tratar de restauração,

¹ FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: Por uma concepção ampla do Patrimônio Cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 49-58.

² MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, 1, 2009, Ouro Preto. **Anais [...]**, Brasília: IPHAN, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2_vol1_ForumPatrimonio_m.pdf. Acesso em: 12 set. 2019.

³ GONÇALVES, Janice. **Figuras de valor**: patrimônio cultural em Santa Catarina. Itajaí: Casa Aberta, 2016.

⁴ RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos**: a sua essência e a sua origem. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

⁵ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990. 476 p.

⁶ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre História. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2000. 351 p.

⁷ FONSECA, Maria Cecília Londres. Op.cit.

estipula o que é ou não patrimônio, e o próprio Riegl, que apenas reconhecia monumentos, edifícios e lugares ligados à história oficial como patrimônio. Como muito bem discutiu Ulpiano Bezerra de Meneses⁸, é muito difícil separar o aspecto material do imaterial de um patrimônio, ao se compreender essa relação, o horizonte de entendimento se expande, pois, quando falamos de um bem patrimonial, estamos também falando das memórias e das implicações imateriais que se relacionam com aquele bem, como por exemplo o saber fazer de um edifício, ou uma memória afetiva a partir de um monumento ou objeto, afinal, a nosso ver, o que torna um bem patrimônio ou não é, principalmente, a atribuição de valor dada por uma sociedade a alguma coisa.

Para discutirmos a valoração do Patrimônio Cultural utilizaremos a obra do historiador da arte austríaco Alois Riegl⁹, que trabalha com a valoração do Patrimônio no contexto do Século XIX. Em **O culto moderno dos monumentos**, publicado originalmente em 1903, Riegl demarca algumas categorias de valores, como o valor histórico, valor artístico e valor de memória.

O autor conceitua o valor de antiguidade como um valor que apresenta um aspecto fora de moda, descolado do tempo em que está, para ele, a antiguidade é a contraposição ao tempo-presente. Esse valor apela para a condição visual, a pátina, a tinta descascada, o visual descolado do tempo, e a não deformação total pelas forças da natureza como chuvas e ventos. Esse aspecto captura os olhares e chama a atenção em comparação ao que poderia ser considerado atual, contemporâneo, na época.

Sobre o valor histórico, para Riegl¹⁰, representa um registro da atividade humana e não importa a sua degradação, mas sim a sua origem. Para o autor a diferença entre o valor histórico e o valor de antiguidade é que no valor histórico as degradações são reversíveis e a ideia desse valor é conservar o patrimônio, causando o mínimo de dano a partir do “Hoje”, pois os danos prejudicam a reconstituição histórico-científica daquela obra em seu tempo relacionado com o presente e para isso, necessita de uma mobilização de conhecimentos específicas para o diálogo

⁸ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Op.Cit.

⁹ RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos**: a sua essência e a sua origem. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

¹⁰ Idem.

entre o passado e o presente, diferentemente do valor citado anteriormente, já que o valor histórico aparece quando a materialidade do bem oferece a comparação entre os tempos.

O valor de comemoração tem por objetivo tornar algo eterno, invocando uma lembrança intencional de algo. As forças da natureza que degradam o patrimônio que representa aquela comemoração também precisam ser combatidas a fim de assegurar a imortalidade daquela celebração. Para o autor, o valor de memória intencional permanece como uma barreira intransponível, mesmo que os homens homenageados não estejam mais em terra.

O autor relaciona o culto aos monumentos ao valor de memória, afirmando que este valor seria como um valor que engloba todos os outros supracitados. Contudo, o autor também relaciona o culto aos monumentos com os valores da atualidade (dele) que abarcam outros valores como o valor de uso e o valor de arte que inclui o valor de novidade e o valor de arte relativo.

O valor de uso tem o intuito, como o nome diz, de dar utilidade. Existe uma diferença do valor de antiguidade, em que se deixa o monumento ao seu destino, e as ações da natureza, pois no valor de uso opera-se a manutenção para que esse uso seja mantido. Segundo o autor, temos um desejo de substituir obras mais antigas por novas, mas o custo, a demora, e a mão de obra necessárias devem ser levadas em conta, e então a preservação entra em cena para que o valor de uso seja mantido nesses monumentos.

O próximo valor que Riegl¹¹ trabalha é o valor de arte. Esse valor está ligado ao conceito de arte no início do século XX, quando Riegl escreve seu texto, e é atribuído com relação às formas, cores, técnicas e conceitos utilizados. Contudo uma obra de arte também pode trazer o conceito de “novidade”, então aqui temos um caso em que os dois valores podem ser atribuídos ao mesmo monumento. Esse valor talvez seja o mais mutável de todos.

Para compreender o valor de arte para Riegl, é importante conhecer o conceito de *Kunstwollen*, que em alemão significa algo como “Vontade da arte”. Para o autor austríaco, essa vontade é condicionada pela visão de mundo, refletida na arte que se produz por um ser humano. Para Riegl, o que interessa é capturar a arte a partir da experiência de mundo de quem produz a obra. Este conceito compreende a arte como autonomia e permite entender a arte em

¹¹ RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos**: a sua essência e a sua origem. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

suas estruturas simbólicas, um uso na coletividade social e nas questões do conhecimento ligadas à estética¹².

Por fim o autor trata do Valor de Novidade, que é relacionado por ele com o valor de arte, e contrapõe-se diretamente ao valor de antiguidade pois para um valor ser de novidade ele se mantém, se possível, sem traços de degradação, afinal retrata algo novo. O valor de novidade “é o valor de arte para as grandes massas sem tanta cultura”¹³, que segundo o autor, retrata mais a vitória do homem sobre a natureza, sobre a degradação natural dos objetos e monumentos. As técnicas de restauração possibilitariam esse controle do Homem à degradação natural dos monumentos.

É importante esclarecer que os valores discutidos por Riegl não são categorias classificatórias absolutas, os valores interagem entre si da mesma forma que se contrapõem. Também não são únicos, então pode-se atribuir mais de um valor a um mesmo patrimônio e, inclusive, ao atribuir um deles, já estão inseridos outros valores.

A discussão de Riegl auxiliará a compreender os valores atribuídos ao patrimônio cultural catarinense no século XIX, já que o autor escreve em um período muito próximo àquele que está sendo analisado. Riegl deixa claro o entendimento de patrimônio como monumento algo que é feito por mãos humanas e que sempre tem um valor atribuído pela sociedade que o cerca e que segundo o autor, deveria ser preservada para sempre e apresentada para as novas gerações.

Além de Riegl, também dialogaremos com Janice Gonçalves¹⁴ que trabalha com o processo de valoração do patrimônio cultural catarinense, o que ajuda a compreender a esfera regional. Juntos esses autores nos ajudaram a entender esse processo e como os valores atribuídos ao patrimônio se modificam com o passar do tempo. O sistema de valoração de um patrimônio cultural está sempre relacionado ao tempo, a seu presente e seu passado¹⁵. O que se

¹² OLIVEIRA, C. M. S. ALOÏS RIEGL, O CONCEITO DE KUNSTWOLLEN E O BARROCO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES EM HISTÓRIA DA ARTE. *Saeculum – Revista de História*, [S. l.], n. 28, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/18186>. Acesso em: 18 abr. 2022.

¹³ RIEGL, 2014, p. 71

¹⁴ GONÇALVES, Janice. **Figuras de valor**: patrimônio cultural em Santa Catarina. Itajaí: Casa Aberta, 2016.

¹⁵ Idem.

considerava importante em um determinado período pode perder o seu valor em outro local e tempo histórico.

O texto da professora ligada à Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) faz uma ligação direta entre a música e o patrimônio cultural, afinal, as figuras de valor são um termo da música e representam a duração de um som ou o silêncio musical. No texto da professora Janice Gonçalves essas figuras de valor têm a função de representar os significados que o patrimônio pode apresentar na vida das pessoas, a importância, suas identidades, intenções, interesses. Gonçalves traça um paralelo com a “duração” de um patrimônio estudando as políticas de criação e preservação do patrimônio cultural catarinense. O livro conta com um total de 299 páginas e é dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo a autora trabalha com um recorte temporal entre as décadas de 1930 a 1970 e discute as primeiras ações de tombamento pela esfera federal antes mesmo de ter uma instância estadual de gerência do patrimônio cultural. O capítulo também trata da relação entre os profissionais do patrimônio e da crença e produção, ou não, de valor do patrimônio cultural catarinense.

O segundo capítulo se propõe a entender a mudança de entendimento sobre o que é patrimônio, novas frentes de preservações e de tombamento e as relaciona com o Instituto Histórico e Geográfico e Academia de Letras, ambos de Santa Catarina. Este capítulo também fala da Comissão Catarinense de Folclore que faz com que alguns patrimônios ganhem destaque a partir da documentação analisada pela autora, como o próprio folclore catarinense. A autora também trata da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) destacando a importância da Arqueologia e discute a falta de representatividade indígena em comparação à forte presença de estudos sobre o patrimônio ligado à imigração alemã, italiana e portuguesa.

O terceiro e último capítulo discute o papel das instituições estaduais de proteção do patrimônio, e demonstra a tensão que existe no jogo de poderes do patrimônio cultural, sobretudo entre 1983 e 2004 em tombamentos feitos pela Fundação Catarinense de Cultura. Por meio das suas pesquisas a autora exhibe o interesse público por meio de algumas instituições do estado. Estes interesses que em conflito com os interesses da sociedade, ou com a representatividade daquele patrimônio e a atribuição (ou não) de valor a ele faz com que se formem debates e até mesmo um confronto de ideias sobre o inventário do patrimônio estadual.

Voltando à analogia com a música, ao longo de todo o livro a autora vai demonstrando o processo da criação e constituição de um patrimônio cultural catarinense, instância por instância, com exemplos de tombamentos, com discussões. E assim contribuindo para a compreensão do que é o patrimônio cultural catarinense.

A obra nos ajuda a compreender como se construiu o patrimônio cultural de Santa Catarina, quais escolhas foram feitas até aqui, para a autora, o patrimônio de Santa Catarina foi constituído de uma forma sempre recortada, ora querendo se aproximar das origens brasileiras por meio do patrimônio de origem lusitana no litoral, ora dando ênfase e criando mecanismos de uma valorização do patrimônio ligado à imigração europeia no estado catarinense. A autora deixa evidente que há uma riqueza no patrimônio cultural, com o folclore, costumes, danças, construções, ritos e tantos outros exemplos, mas que ainda se vê limitada por questões étnicas.

Segundo Rubino¹⁶, um patrimônio é um bem cultural de identidade social e política, com isso, atos como o de lembrar carregam seu sentido político, social e econômico. As narrativas construídas socialmente com relação ao patrimônio cultural permitem a lembrança de a quem aquele patrimônio remete. Assim, os valores atribuídos ao patrimônio cultural têm relações entre as narrativas sociais bem como relações entre os diversos valores atribuídos por diversos grupos sociais sobre o mesmo patrimônio, como escreve Gonçalves¹⁷.

Ao longo da dissertação esses conceitos bases presentes no trabalho de Janice Gonçalves nos ajudam a responder o objetivo de compreender o conceito de atribuição de valor ao patrimônio, mais especificamente entendendo como ocorreu este processo em Santa Catarina.

O historiador e museólogo francês Hugues de Varine¹⁸ entende o patrimônio no século XX como um objeto do público e como um objeto público deve representar a diversidade do grupo social que lhe atribui valor e que por esse grupo deve ser protegido. Então podemos compreender melhor como os valores do patrimônio cultural são ressignificados ao longo do tempo pelos diferentes grupos sociais e conforme o próprio conceito do que é patrimônio, em determinado tempo histórico, se modifica.

¹⁶ RUBINO, Silvana. **As fachadas da História: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – 1937/1968**. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

¹⁷ GONÇALVES, Janice. **Figuras de valor: patrimônio cultural em Santa Catarina**. Itajaí: Casa Aberta, 2016.

¹⁸ VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

Desde a colonização do Brasil, o envio de espécimes naturais e de outras naturezas para a Europa foi uma prática constante e que se intensificou após a abertura dos portos às nações amigas por Dom João VI, rei de Portugal, em 1808, em especial a viajantes, naturalistas e botânicos que chegaram ao Brasil e levaram consigo amostras de diferentes coisas, as quais compuseram acervos de museus e institutos de pesquisas de diversos lugares do mundo.

Ainda no século XIX, em 1822, o Brasil rompe relações de dependência com Portugal. Ação esta, que daria origem ao Império do Brasil, um Estado-nação soberano com capital estabelecida no Rio de Janeiro que, aos poucos, tentava construir suas tradições, significados, datas comemorativas, ritos e heróis, a fim de concretizar o que viria a ser o ideal de nacionalidade brasileira. Tal processo não foi concluído no período imperial, discussão em pauta até a atualidade, afinal, os conceitos de Estado e Nação estão cercados de inúmeros significados e modificam-se com o passar dos anos¹⁹.

A criação de um Estado-nação ocorre em um processo dinâmico que evoca o estado-nacional como uma sociedade que se identifica como particular, diferente de outras. O conceito de nação emerge substituindo uma visão hierárquica por uma percepção igualitária de sociedade. Essa relação entre Nação e Estado demonstra o caráter ideológico do processo de construção da nação e evidencia a constante atualização da legitimidade ao Estado²⁰.

Visando a construção de um ideário de nação brasileiro, é criado, em 1838, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) com o objetivo de organizar, metodizar e publicar documentos que registrassem bens, fatos, lugares e pessoas consideradas importantes para a História e a Geografia do Brasil, com o foco voltado para as principais regiões do país, principalmente a capital do Império, Rio de Janeiro. Os estatutos do IHGB estabeleceram seus objetivos em cultivar relações nacionais e internacionais, assim como concentrar, na capital do império, as informações sobre diferentes regiões do Brasil. Este modelo foi reproduzido nas províncias que passaram a centralizar em suas capitais as informações das demais localidades. Sedes regionais do IHGB surgiram inicialmente em São Paulo, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais²¹ e no final do século, em 1896, também em Santa Catarina e, no decorrer do século XX, em outros estados.

¹⁹ GUERRA, François-Xavier, **A nação moderna: nova legitimidade e velhas identidades**. JANCSÓ, I. (org.). Brasil: formação do Estado e da nação. São Paulo: Hucitec/Fapesp/Editora Unijuí, 2003

²⁰ REIS, Elisa Pereira. O Estado Nacional como Ideologia: O caso brasileiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 187-203. 1988.

²¹ CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu**. Chapecó: Argos, 2006.

Museus, Arquivos e Bibliotecas também foram criados com os mesmos objetivos. Os “museus nacionais” no século XIX eram instituições que colaboravam com o projeto de construção ritual e simbólica da nação organizando em seu corpo um discurso, dando base para o sonho de uma nação bem-sucedida²². O Museu Nacional destaca-se como importante peça para compreender a relevância da História Natural do Brasil do século XIX. Segundo Rangel²³, o Museu Nacional, criado em 1818 como Museu Real, foi um dos poucos museus oitocentistas do país a se dedicar à História Natural. Aliado a outros museus, inaugurados posteriormente, como o Museu Paraense de História Natural e Etnografia (1866) e o Museu Paulista, vinculado a uma coleção particular chamada Museu Sertório (1890), o Museu Nacional foi um dos responsáveis pela disseminação da ciência no país; recolhendo objetos de viajantes e naturalistas que por aqui passavam, estudando-os, catalogando-os e publicando as descobertas em sua revista.

Chagas²⁴ entende que a criação do Museu Real tinha como objetivo transplantar a civilização europeia para o Brasil. Aberto ao público em 1821, o Museu Real foi criado a partir de coleções como a “Casa de História Natural de Xavier dos Pássaros”, considerada nas Américas como a principal instituição vinculada à ciência natural, fundada em 1781 pelo vice-rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza, com o intuito de montar uma exposição, além de enviar espécimes para Portugal, ato regulamentado desde a Colônia²⁵.

Para além do Museu Real, que reunia coleções de diversas regiões do Brasil, viajantes estrangeiros também contribuíram significativamente para a criação de acervos dentro e fora do território brasileiro. Os naturalistas que vinham ao Brasil eram geralmente homens que tinham a tarefa de catalogar e enviar espécies à Europa, a exemplo de Georg Heinrich von Langsdorff (1774 – 1852), naturalista alemão, naturalizado russo, que passou um ano (1803-1804) em território catarinense colecionando espécies de pássaros, entre outros animais²⁶.

O botânico alemão Carl Philipp von Martius teve importante participação na catalogação e descrição de fisionomias vegetais para herbários, além de trabalhos

²² Idem.

²³ RANGEL, Marcio Ferreira. Os periódicos científicos e os museus de história natural no Brasil do século XIX. **Questões em Rede**, Rio de Janeiro, p. 2-16, 2013.

²⁴ Idem.

²⁵ D'ALMEIDA, José Mario; DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. Casa dos pássaros: local de preparação de material zoológico a ser enviado para Portugal. **História da Ciência e Ensino**, São Paulo, v. 18, p. 3-22, 2018.

²⁶ WINDISCH, Paulo G. A contribuição de Langsdorff para a pteridologia no Brasil. **Pesquisas: Botânica**, São Leopoldo (RS), n. 51, p. 151 - 156, 2001.

antropológicos²⁷. O Brasil passou a receber imigrantes, além de naturalistas, como August Saint-Hilaire, Louis van Houtte, Auguste Ghiesbrecht e Jean Linden, que buscavam novas espécies de plantas.²⁸

Acredita-se que a presença de objetos de origem vegetal em exposições possa demonstrar a sua relevância para a época. Nesse contexto buscamos compreender os valores atribuídos ao patrimônio cultural catarinense que foi enviado para exposições, como a de 1881, montada na Biblioteca Nacional e nas Exposições Universais de 1876 e 1889.

Essas exposições aconteciam, anualmente ou de dois em dois anos. Eram grandes feiras que tinham como objetivo principal o comércio de itens que eram importantes para a época, além de demonstrar ao mundo os mais novos inventos tecnológicos.

As exposições universais no século XIX eram vitrines para uma nação, um espetáculo do capitalismo industrial. Nessas exposições as nações enviavam objetos para demonstrar seus desenvolvimentos e firmar parcerias comerciais. As Exposições eram visitadas por milhões de pessoas e inauguraram a era da retórica que associava tempos e espaços dispersos em um mesmo local de representação, no caso a representação da modernidade e do progresso. O governo imperial criou condições para frequentar esses espaços, registrando sua presença na maioria das mostras universais depois da década de 1850, como em Londres em 1862, Paris em 1867, Viena em 1873, Filadélfia em 1876 e novamente Paris em 1889²⁹.

Participar de uma exposição universal sendo um império tão jovem como o Brasil era importante para demonstrar o progresso e disseminar os símbolos, os rituais cerimoniais e as imagens desse progresso que se materializavam em um espaço fundamental³⁰ para a sua reprodução³¹. Ainda reforçando este ideal de vitrine do progresso, existiam as premiações que ressaltavam a qualidade dos produtos apresentados.

²⁷ KURY, Lorenay. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 8, n. 1, p. 863-880. 2001.

²⁸ STOLS, Eddy; MASCARO, Luciana Pelaes; BUENO, Clodoaldo (org.). **Brasil e Bélgica: cinco séculos de conexões e interações**. São Paulo: Narrativa Um, 2014.

²⁹ AMOROSO, Marta. Crânios e cachaça: coleções ameríndias e exposições no século XIX. **Revista de História**, Universidade de São Paulo, n. 154, p. 119, 30 jun. 2006.

³⁰ Esses espaços contavam com uma grande infraestrutura, incluído grandes pavilhões para abrigar a exposição e até mesmo monumentos na cidade que os recebia como a Torre Eiffel, construída na Exposição Universal de Paris de 1889 demonstrando todo o progresso daquele país anfitrião (NEVES, 1988).

³¹ NEVES, Margarida de Souza. "As 'Arenas Pacíficas'". Gávea: **Revista de História da Arte e Arquitetura**. Rio de Janeiro, PUC-RIO, p. 29- 41, abr. 1988.

Para entender as Exposições Universais é necessário compreender o contexto científico do mundo no século XIX. Gouvêa³² apresenta as transformações pelas quais o processo de construção do conhecimento estava passando, com a criação de métodos e técnicas para a produção de conhecimento como as que conhecemos hoje.

No campo historiográfico, uma das primeiras tentativas de tornar a História um conhecimento científico ficou a cargo do historicismo alemão que, segundo Barros³³, estabelece uma metodologia de estudo do passado a partir de análise de documentos escritos oficiais. Esta metodologia, que teve como principal expoente Leopold Von Ranke, possui aspectos considerados importantes até os dias de hoje. Já no século XX, a História avançou como ciência, discutindo a relação do historiador com os documentos. Marc Bloch, na década de 1940, apontava para a necessidade de o historiador analisar um documento dentro do seu tempo de criação. Ainda nos *Annales*, Jacques Le Goff³⁴ demonstrava a não neutralidade de um documento, características que deverão permear a análise documental nesta dissertação.

A memória de um passado cria uma relação entre o tempo que se passou e o tempo presente. Segundo Santos³⁵, um objeto tem o poder de ajudar a recordar parte desse passado, onde o objeto retirado da totalidade do seu contexto original adquire novos significados, como a própria autora cita, um objeto ao ser doado para um museu, tem um significado para quem doa, já quando passa a integrar uma coleção ou acervo, o seu significado muda de acordo com o discurso que se quer demonstrar, pois a história social das coisas, em um extenso período de tempo e em níveis sociais longos, constrói coercitivamente a forma, os símbolos e a estrutura de curto prazo, mais específicas e particulares, e isso constrói a possibilidade de conexão com um passado. Nos museus isso também ocorre, criando os simbolismos em torno do que é antigo, raro e exótico.

A metodologia utilizada na dissertação é de cunho qualitativo e analítica, os documentos foram localizados, inicialmente, nos sites da Biblioteca Nacional (BN) e da biblioteca do

³² GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Estudos sobre desenvolvimento humano no século XIX: da biologia à psicogenia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 134, ago. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000200013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 23 jul. 2020.

³³ BARROS, José D'Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 977-1005, set. 2013.

³⁴ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990. 476 p.

³⁵ SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

Senado Federal. Nos sites foram localizados os documentos principais para esta dissertação, os catálogos das exposições, no caso das Exposições Universais, disponíveis no site da Biblioteca Virtual do Senado, contam com textos descrevendo o Brasil, explicando itens como sua população, economia, território entre outras informações. Após esse contexto sobre o país, o documento traz a relação de itens enviados pelas províncias do Império em uma lista que varia sua organização dependendo da exposição, muitas vezes separando itens manufaturados, itens artísticos, itens naturais e outros, além dos subitens, como por exemplo, nos “itens naturais” aparecem as plantas, árvores, flores, minérios entre outros. Já no Catálogo da Exposição de História do Brasil de 1881, disponível no acervo virtual da Biblioteca Nacional, os itens estão organizados conforme a ordem crescente do seu número de inscrição na exposição e por vezes separados por estados; mas não é a regra, nesse caso a busca ocorreu pelo nome dos documentos, procurando por alguma relação com a província catarinense.

Para identificar documentos históricos que registram o envio de bens culturais catarinenses para fora da província no século XIX, foi realizado um mapeamento no Arquivo Histórico de Joinville, a busca por tais documentos foi feita apenas neste arquivo pois a retomada do funcionamento dos arquivos durante o período de pandemia, ocorreu apenas no fim do processo de pesquisa. A busca por tais documentos, como por exemplo uma circular da província de Santa Catarina da época, encontrado no Arquivo Histórico de Joinville. Essa busca foi feita, inicialmente, por meio de acervo virtual, durante a pandemia de COVID-19, principalmente no acervo virtual da Biblioteca Nacional e da Biblioteca do Senado Federal e até mesmo na Biblioteca Nacional Francesa, cujas evidências sobre as exposições foram obtidas a partir de leituras feitas anteriormente. Após este processo, foi feita uma pré-análise da documentação.

Após a localização dos documentos foi realizada a classificação e análise dos mesmos, com base no texto de Barros³⁶, que sugere a utilização de perguntas para uma análise crítica do documento escrito, tais como: “Quem é o autor”, “Qual seu contexto”, “Onde”, “Quando” e “Porque ele escreve?”.

³⁶ BARROS, José D’Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 977-1005, set. 2013.

Um dos conceitos discutidos por Jacques Le Goff que iremos trabalhar nesta dissertação é o de Documento-monumento, do livro “História e Memória”³⁷. O autor evidencia alguns problemas que a ciência histórica deve discutir, como por exemplo a percepção de tempo histórico. O autor francês discute que a História nutria no início das discussões históricas no século XIX um interesse pelas datas importantes e que no século XIX, se cultivava um interesse voltado à relação entre história e memória no tempo. O documento é, para Le Goff, um recorte consciente ou não de uma época, que é ressignificado pelas pessoas através dos tempos, desde a sua produção. Há sempre tem uma intencionalidade de manter certos documentos ao invés de outros. A discussão da análise do documento faz-se muito importante quando a proposta é compreender e identificar, por meio de documentos, os rastros dos bens culturais que saíram do Estado de Santa Catarina.

Para Le Goff³⁸, o Documento-monumento é aquele que foi feito com uma intencionalidade de projetar-se no futuro, algo para registrar, que demonstra uma versão da sociedade do passado e suas relações de poder.

Para a análise do documento é importante também entender que o tempo passado, assim como a documentação, não está estático e intocável. Koselleck³⁹ discute que, ao revisitar o passado com problematizações feitas em um determinado presente, há também, uma ressignificação do passado, pois para o historiador alemão, o tempo é um conceito totalmente humano, o passar do tempo, o futuro, o presente e o passado, além da percepção de aceleração e desaceleração deste tempo humano. Então ao analisar um documento, as subjetividades reveladas pelo tempo se tornam muito mais aparentes, tanto na tentativa de compreensão do passado, quanto no processo de ressignificá-lo.

A dissertação está dividida em três (3) artigos, sobre a Exposição Universal da Filadélfia (1876), a Exposição de História do Brasil de 1881 que ocorreu na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e por fim sobre a Exposição Universal de Paris (1889), a última participação do Brasil como um Império. O primeiro artigo intitulado “O Valor do Patrimônio Catarinense na Exposição Universal da Filadélfia de 1876”, teve como objetivo compreender o processo de valoração atribuído à amostra enviada por Santa Catarina para a exposição, entendendo como

³⁷ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990. 476 p.

³⁸ LE GOFF, Jacques. **Idem, ibidem**.

³⁹ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre História. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2000. 351 p.

se deu a organização provincial para que isso se tornasse possível. O artigo teve metodologia de caráter qualitativo e documental e como base documentos referentes à exposição disponíveis no site da biblioteca do Senado; documentos provinciais, mais precisamente relatórios de presidentes da província do *Center for Research Libraries*, um site em que estão disponíveis vários documentos do âmbito provincial do Brasil no Século XIX e documentos disponíveis no Arquivo Histórico de Joinville. Os documentos analisados foram fotografias da exposição e os catálogos das exposições pertencentes aos acervos da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional. A busca por tais documentos foi feita, inicialmente, por meio de acervos virtuais das duas instituições. Também foram analisadas fotografias referentes à exposição que estão disponíveis online no sítio do Arquivo Nacional. Como resultado podemos compreender que a economia de Santa Catarina foi representada em seus principais pilares na época, uma economia de exploração mineral e de itens de origem natural, contudo, percebemos um aceno de Santa Catarina à indústria têxtil, segmento novo na época e que teria seus principais expoentes na década de 1880. Também entendemos como funcionou a logística de envio de itens para os Estados Unidos. Por fim, identificamos os valores atribuídos ao patrimônio catarinense os valores de uso aos itens enviados, valores que foram atribuídos pelas comissões de exposição nacional e a comissão de exposição universal, que também atribuíram valores históricos a itens que registravam e contavam a história desse jovem Império.

O segundo capítulo intitulado “Os Valores atribuídos ao Patrimônio Catarinense na Exposição de História do Brasil de 1881”, pretende compreender os valores atribuídos ao Patrimônio Cultural de Santa Catarina a partir da análise dos itens enviados pela Província, ao Rio de Janeiro, para fazer parte da Exposição de História do Brasil de 1881. A metodologia utilizada foi a de análise de documentos com base nos textos de Barros⁴⁰. A análise foi feita a partir de documentação existente nas plataformas virtuais da Biblioteca do Senado e da Biblioteca Nacional. A partir dessas fontes constatamos que a Província enviou, aproximadamente, 286 itens à capital do Império para contribuir com a exposição, dentre pinturas a óleo, desenhos, gravuras e fotografias. Os documentos foram localizados, inicialmente, pelo catálogo da Exposição que está disponível no site da Biblioteca Nacional

⁴⁰ BARROS, José D’Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 977-1005, set. 2013.

(BN). Todos os objetos, enviados pela província de Santa Catarina, foram listados em uma tabela no *Word* e identificados por nome, número de registro, se foi exposto ou não, e os tomos do catálogo em que se encontravam, assim tivemos uma sistematização que permitia um acesso mais rápido a informações básicas e recorrentes na pesquisa. Foram comparadas as quantidades dos itens enviados para a exposição pela província catarinense com o que foi realmente exposto. Como resultados compreendemos que os valores atribuídos tanto pelo Império quanto pela Província de Santa Catarina estão ligados aos bens do patrimônio cultural com itens que demonstram a história da província, como memórias, mapas e afins, demonstrando uma organização e o desenvolvimento e contribuindo assim com o discurso que possivelmente estava se construindo ao organizar o acervo a partir dos itens enviados à Biblioteca Nacional coletados por todo o país. Além de identificar os valores atribuídos ao patrimônio histórico catarinense conseguimos entender qual o discurso que a província estava construindo com esses itens. Trabalhamos com os títulos dos documentos registrados no Catálogo da Exposição e no Guia da Exposição e as imagens que fazem parte do álbum chamado “Vistas Fotográficas da Colônia Dona Francisca”, produzidas em 1866 pelo diretor da colônia Louis Niemeyer, álbum que passou a fazer parte da coleção Dona Thereza Cristina Maria e traz 8 imagens de casas, igreja, imigrantes e um engenho, a fim de exemplificar a possível representação do fotógrafo sobre a Colônia. As fotos estão disponíveis *online* no portal Brasileira Fotográfica, que faz parte da Biblioteca Nacional.

O terceiro e último artigo trata da Exposição Universal de Paris de 1889, e pretende compreender a participação de Santa Catarina nesta exposição a partir dos patrimônios enviados à capital parisiense. A metodologia utilizada foi a de análise de documentos relativos à exposição, tais documentos que são principalmente o catálogo da Exposição e as imagens fotográficas confeccionadas pelo Brasil e que estão disponíveis nos sítios da Biblioteca Nacional Francesa e do Arquivo Nacional, respectivamente. O documento contém 204 páginas e traz a listagem completa dos itens que foram enviados à França por parte do Brasil, além de uma brevíssima apresentação do Brasil, mostrando a organização do país para participar do evento. Foram identificados os itens e listados com o objetivo de compreender o motivo de terem sido escolhidos para a exposição. Na Exposição Universal de Paris, havia o interesse do imperador de mostrar o Brasil como uma nação civilizada e em franco progresso, contudo, o que se percebe é que o país, ao dar um ar quase místico aos jardins e estufas, no seu estande denominado Palácio da Amazônia, construiu uma representação muito mais pelo exótico do

que aquela pretendida. Os valores econômicos atribuídos aos itens de origem natural também foram notados e o valor histórico foi representado por itens de origem em Sambaquis.

A partir da análise de todos esses fatores foi possível compreender os trajetos do patrimônio cultural catarinense no século XIX, bem como a relação dos itens enviados por várias pessoas e instituições ao longo das exposições com o conceito de patrimônio cultural e a participação da província em algumas exposições.

2. O VALOR DO PATRIMÔNIO CATARINENSE NAS AMÉRICAS: A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DA FILADÉLFIA DE 1876.

RESUMO: Este artigo pretende compreender o processo de atribuição de valores aos objetos enviados por Santa Catarina para a Exposição Universal da Filadélfia, de 1876, entendendo como se deu a organização provincial para que isso se tornasse possível. A metodologia é de caráter qualitativo e documental. Os documentos analisados são além do catálogo da Exposição da Filadélfia, fotografias da exposição pertencentes aos acervos da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional, Research Libraries e Arquivo Histórico de Joinville. A busca por tais documentos foi feita por meio de acervos virtuais das quatro instituições buscando no acervo de ambas pelas palavras “Exposição”, “Filadélfia” e “Brasil”, e seus correspondentes em inglês. Os resultados nos ajudam a compreender o papel de Santa Catarina na imagem do Brasil construída para essa exposição. Foi identificada a tentativa de demonstrar a organização e o desenvolvimento econômico da província, contribuindo com o discurso relacionado ao progresso e à riqueza do império brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Exposição Universal; Patrimônio Cultural; Filadélfia; Santa Catarina.

ABSTRACT: This article intends to comprehend how the province of Santa Catarina participated in the Universal Exhibition of Philadelphia in 1876, and possibly understand how the provincial organization worked. The data collection was done through qualitative and documentary research, initially under virtual collections of four institutions searching for the words “Exposition”, “Philadelphia” and “Brazil”. The analysis was realized over photographs of the exhibition belonging to the collections of the National Library and the National Archive. The partial results help us to understand the role of Santa Catarina in the image of Brazil built for the universal exhibitions. An attempt to demonstrate the organization and economic development of the province was identified, contributing to the discourse related to the progress and wealth of the Brazilian empire.

KEY-WORDS: Universal Exhibition; Cultural Heritage; Santa Catarina.

2.1. Introdução

O objetivo deste artigo é compreender o processo de valoração dos objetos enviados por Santa Catarina para a Exposição Universal da Filadelfia de 1876, entendendo como se deu a

organização provincial para que isso se tornasse possível. A metodologia deste artigo teve como base a análise de documentos referentes à exposição disponíveis no site da biblioteca do Senado, de documentos provinciais disponíveis no *Center for Research Libraries* e documentos disponíveis no Arquivo Histórico de Joinville.

Em 1876, na cidade da Filadélfia, localizada no estado americano da Pensilvânia, ocorria a Exposição Universal da Filadélfia que teve a participação de mais de 40 países, incluindo o Brasil. O catálogo e imagens da exposição serão analisados nesse artigo afim de compreender o valor atribuído aos objetos catarinenses enviados para esta exposição. A exposição que também marcaria o centenário da independência norte-americana durou de maio até novembro daquele ano.

As exposições universais do século XIX, foram palcos de cenas que representavam nações em progresso e evolução tecnológica, mas também “feiras” de novidades⁴¹. As exposições universais eram locais que representavam a modernidade e o capitalismo que se instalava na maioria das nações participantes como doutrina econômica, onde as grandes nações estavam interessadas em encontrar fornecedores, máquinas e, principalmente, mercados consumidores.

Segundo Santos⁴², as feiras, já vinham ocorrendo no final do século XVIII na França e início do XIX na Inglaterra, mas essas eram de caráter local, com um interesse em trocas para alavancar a agricultura. A Exposição Universal de 1851 mudou essa situação, reunindo 25 países e 15 colônias inglesas. Entre os anos de 1851 e 1900 seriam realizadas dez exposições universais, e ainda, cada uma querendo ser mais universal que a outra, trazendo mais e mais os conceitos de progresso, modernidade e tecnologia nos itens expostos e até nos prédios sedes, especialmente construídos para abrigar o evento e que eram um show à parte⁴³.

Esse espetáculo contava com vários atores, que tentavam expor seus principais produtos no espaço disponível do pavilhão, para além dos interesses econômico entre os países, uma demonstração do exótico, do raro, e de uma ideia civilizatória em uma “estranha arrumação”:

⁴¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v.2, p.151-167, jan./dez. 1994.

⁴² SANTOS, Paulo Cesar dos. Um olhar sobre as Exposições Universais. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. *Anais*. Natal: Anpuh, 2013. p. 1-15.

⁴³ Idem.

Cada país buscava trazer para o seu pavilhão toda a nação que representava, sendo este desejo enciclopédico de tudo mostrar maior que o espaço disponível. Os arranjos dos objetos nas exposições, assim como os próprios prédios faziam parte do espetáculo, onde a mercadoria passaria a ser o centro das atenções. Mas na ânsia incansável de se expor do industrial ao exótico, caía-se numa estranha arrumação, numa vertigem causada pelos objetos arrumados e ao mesmo tempo amontoados.⁴⁴

Para a análise proposta neste artigo foram localizadas fotografias da Exposição no acervo digital do Arquivo Nacional (AN), são onze imagens, todas em boa resolução permitindo a análise do conteúdo. Também foi utilizado o Catálogo da exposição, disponível no site Internet Archive, em inglês⁴⁵. O catálogo que está na versão em inglês, apresenta mais detalhes, como a carta de aceite do governo imperial em participar do evento, além de uma lista completa dos itens que foram expostos pelo Brasil na Exposição.

O catálogo, que conta com 471 páginas, é dividido em uma introdução sobre o império do Brasil, sua tecnologia, estatísticas, geografia e informações gerais do país⁴⁶.

Após a introdução e as informações sobre o país, o Catálogo apresenta os itens expostos que foram catalogados em diversos departamentos numerados. Cada departamento corresponde a uma categoria geral de itens expostos, como por exemplo, o Departamento I era denominado “Mineração e Construção”. Esses Departamentos, por sua vez, eram divididos em subitens, como por exemplo, no Departamento I há os subitens “minérios, minerais, pedras de construção e itens de mineração” e “produtos metalúrgicos”, dentre outros. O Departamento II era dedicado à “Manufatura”, subdividido em produtos químicos, cerâmicas e porcelanas e assim sucessivamente (Figura 1), todos seguidos pelos nomes dos produtores/expositores.

⁴⁴ (SANTOS, 2013. p. 10)

⁴⁵ CORNELL UNIVERSITY. **Catalogue of the Brazilian Section:** universal exposition of Philadelphia. Filadélfia: Hallowell & Co., 1876.

⁴⁶ Idem.

DEPARTMENT II
MANUFACTURES.

—
CHEMICAL
—

CLASS 200.

104. L. B. Lendenberg. Cape Frio; Rio de Janeiro. SALT.

105. A. G. d'Araujo Penna. Rio de Janeiro (City). HOMOEOPATHIC VEGETABLE TINCTURES. OPODELDOC (Mikania Guaco.) This Opodeldoc is considered in Brazil as an excellent sudorific and antisyphilitic, and is used also as antidote for the bite of venomous snakes.

106. Chemical Laboratory. Rio de Janeiro. CHEMICAL and PHARMACEUTICAL PRODUCTS.

107. Ferreira Maia & Co. Pernambuco (City). PHARMACEUTICAL PREPARATIONS.

108. F. Aprigio da Yeiga. Maceió; Province of Alagoas. PHARMACEUTICAL PRODUCTS. (Agricultural Hall.)

109. F. J. Lepage. Province of Minas Geraes. PHARMACEUTICAL PRODUCTS. (Agricultural Hall.)

110. D. F. Z. Perdigão. S. Luly do Maranhão. PHARMACEUTICAL PRODUCTS.

111. Commission for the Province of Maranhão. PHARMACEUTICAL PREPARATIONS.

112. Commission for the Province of S. Paulo. MEDICAL PREPARATIONS.

Figura 1: Exemplo de trecho do Catálogo. FONTE: CORNELL UNIVERSITY. Catalogue of the Brazilian Section: universal exposition of Philadelphia. Filadélfia: Hallowell & Co., 1876.

O Catálogo apresenta um mapa da Exposição e do prédio principal onde estavam os brasileiros, mostrando tanto a localização do estande brasileiro como a presença brasileira em outras edificações, como o hall de máquinas, por exemplo.

A metodologia utilizada foi a de análise documental⁴⁷. Os objetos provenientes de Santa Catarina foram localizados com base no Catálogo da Exposição e listados com a identificação dos nomes de quem os havia enviado. O próximo passo foi a classificação e a análise dos mesmos com base em Barros⁴⁸, foram feitas perguntas básicas para uma análise crítica, como: “Quem é o autor”, “O que se queria com esse documento”, “Qual contexto”, “Onde” e “Quando” foi feito.

A análise do documento também foi baseada no conceito de documento-monumento de Le Goff⁴⁹ tentando entender o esforço da sociedade daquela época em se projetar no futuro por

⁴⁷ BARROS, José D'Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 977-1005, set. 2013.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990. 476 p.

meio de um documento que refletisse os valores da sociedade em que foi produzido. Retratando suas relações de poder e jogos políticos.

As informações sobre os itens enviados por Santa Catarina foram cruzadas com bibliografias sobre a economia da época afim de identificar a importância desses itens para a província catarinense.

2.2 O Brasil em uma Exposição Universal nas Américas

O próprio imperador do Brasil, que se identificava com o universo científico como um grande entusiasta e sempre procurava estar acompanhado por cientistas, D. Pedro II, tomou para si a imagem de um imperador cientista e queria expandir essa imagem para o Brasil no exterior.

Participar de uma exposição universal sendo um império tão jovem como o Brasil era importante para demonstrar o progresso e disseminar os símbolos, os rituais cerimoniais e as imagens desse progresso que se materializavam em um espaço fundamental para a sua reprodução⁵⁰. Ainda reforçando este ideal de vitrine do progresso, existiam as premiações que ressaltavam a qualidade dos produtos apresentados.

Porém não eram apenas os países que estavam expondo seus itens que queriam demonstrar seu desenvolvimento. Os países que sediavam as exposições aplicavam um esforço gigantesco em demonstrar o quão grandiosos eram os espaços⁵¹ e as estruturas destinadas às exposições. No caso da exposição americana, foram construídos mais de 200 prédios para abrigar a exposição, sendo um para cada estado americano expor seus itens e os outros destinados aos demais países expositores.

As exposições universais contavam com prédios colossais construídos pelos mais famosos arquitetos de cada país. Havia uma disputa não oficial de quem construiria os prédios mais modernos, e na exposição americana não foi diferente, com seus mais de duzentos prédios com destaque para o *Main Building* (Figura 2), o prédio principal e o *Machinery Hall*, que abrigava as inovações no quesito maquinário.

⁵⁰ NEVES, Margarida de Souza. “As ‘Arenas Pacíficas’”. Gávea: **Revista de História da Arte e Arquitetura**. Rio de Janeiro, PUC-RIO, p. 29- 41, abr. 1988.

⁵¹ Esses espaços contavam com uma grande infraestrutura, incluído pavilhões gigantes para abrigar a exposição e até mesmo monumentos na cidade que os recebia como a Torre Eiffel, construída na Exposição Universal de Paris de 1889 demonstrando todo o progresso daquele país anfitrião (NEVES, 1988).



Figura 2: Main Building. 1876. FONTE: Arquivo Nacional (Disponível em: <https://sian.an.gov.br>. Acesso em 07/11/21)

Essas construções foram utilizadas em cartazes de divulgação da exposição e demonstravam o desenvolvimento arquitetônico americano e a grandeza da exposição. As fotografias faziam com o que os prédios especialmente construídos para as exposições rodassem o mundo e essas fotos se constituíssem em documentos históricos.

O caráter universal do evento se ajustava a um novo projeto político que se forjava no século XIX, aliando nacionalismo e burguesia. Esta, desejosa de implantar sua visão de mundo e orgulhosa de si mesma, congratula-se com o planeta em expansão comercial. Tudo materializado em discursos, prédios e fotos. Os prédios dos eventos que sediavam as exposições também podiam circular o mundo através de fotos vendidas durante o evento. A grandiosidade dos prédios que abrigavam as exposições tornou-se parte da documentação sobre o tema e sendo até mesmo objeto de pesquisas⁵²

Quando pensamos na participação brasileira na Exposição Universal da Filadélfia, por vezes não fazemos ideia dos desafios logísticos de reunir os itens de todo o país. Via de regra,

⁵² SANTOS, 2013. p. 3

toda a organização começava com um comunicado do governo imperial para as províncias requisitando os itens “excepcionais” das províncias para serem enviadas à Filadélfia. Ao chegar às províncias o comunicado era encaminhado para a câmara de vereadores das cidades ou a administração das colônias.

A partir de jornais de Santa Catarina como por exemplo O Despertador⁵³, conseguimos ter uma ideia de como essa dinâmica aconteceu dentro da província. No caso de Santa Catarina, após o comunicado ser enviado às câmaras de vereadores, as cidades organizavam uma exposição provincial mediada pela comissão de exposição da província catarinense. Concluída a exposição provincial, os itens escolhidos pela Comissão Catarinense de Exposição eram enviados à capital do império, Rio de Janeiro, e se uniriam a itens provenientes de todas as regiões do Brasil para a execução da exposição nacional. O governo imperial disponibilizava o transporte dos itens selecionados pelas Comissões locais, por via férrea ou marítima, conforme o caso, até o Rio de Janeiro onde eram escolhidos, pela comissão de exposição do governo imperial, aqueles objetos que seriam enviados aos Estados Unidos.

No Jornal O Despertador, do dia 9 de janeiro de 1875, é relatado que já teria lugar a exposição provincial, com itens que deveriam participar de uma exposição nacional na corte em 7 de setembro e posteriormente da Exposição Universal, sendo que a exposição provincial ocorreria no palacete da Assembleia provincial, localizado em Desterro, atual Florianópolis.

Foi designado o dia 20 de Abril do anno vindouro para ter lugar a exposição provincial dos productos que devem figurar na exposição da côrte a 7 de setembro do mesmo anno e depois na internacional Philadelphia, em 1876. A exposição se effectuará no palacete da Assembleia Provincial.⁵⁴

Porém no caso da exposição universal da Filadélfia, a comissão superior, por meio de um texto também publicado no Jornal O Despertador (1863 – 1883)⁵⁵ entendia que os itens ainda eram insuficientes para demonstrar a riqueza natural e a aptidão industrial do país, já que

⁵³O DESPERTADOR. **Norte do Império**. Desterro, p. 1-4. 09 jan. 1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709581&Pesq=Philadélfia&pagfis=4798>. Acesso em: 20 abr. 2022.

⁵⁴ O DESPERTADOR, 9/01/1875. P 1.

⁵⁵O DESPERTADOR. **Exposição Universal**. Santa Catarina, 1875. <Disponível em:

apenas 16 províncias, incluindo Santa Catarina, haviam enviado itens para serem expostos na Filadelfia.

A comissão superior, compenetrada dos patrióticos desejos de Vossa Magestade Imperial. Não poupou esforços para o bom exito de sua tarefa. Não lhe faltou o auxílio do governo imperial, bem como a coadjuvação das comissões provinciaes e a de illustrados e prestimosos collaboradores nesta capital; e entretanto, ainda desta vez, os productos exhibidos por 16 províncias, que até hoje concorreram, não dão a medida das grandes riquezas naturaes de cada uma e da sua aptidão industrial.⁵⁶

Toda essa organização foi feita com um ano de antecedência, o que é de certa forma um tempo curto para todo esse trabalho logístico que tinha o apoio de vários setores do governo imperial, desde os ministérios, que emitiam as ordens para as províncias enviarem itens para as exposições, até as províncias envolvendo as câmaras municipais para executar a coleta e o envio desses itens para a capital da província. Como demonstra uma correspondência localizada no Arquivo Histórico de Joinville, datada de 1875⁵⁷, a província solicitava à Câmara Municipal, que por ordem do ministério da agricultura, encontrasse e enviasse itens que representassem a produção da agricultura, as indústrias agrícolas e as belezas naturais, para serem enviados à Exposição Nacional.

O conceito de patrimônio surge no século XIX e é ampliado por vários autores que são referência para entendermos esse conceito, como por exemplo Viollet-le-Duc, que trata o patrimônio como um documento do passado, se tratando do que percebemos hoje por patrimônio histórico, que pode ser incluído ao conceito de patrimônio cultural. Outro exemplo é John Ruskin, que trata o patrimônio como sagrado, insubstituível e intocável, se aproximando, guardadas as devidas proporções ao conceito de patrimônio histórico. E no Brasil Imperial não era diferente, segundo Marcelo⁵⁸ a noção de patrimônio no Brasil era também acerca do patrimônio histórico, muito por querer demonstrar a unidade daquela nação, separando o jovem país de seu passado ligado à corte portuguesa ao mesmo tempo em que buscavam uma origem histórica e artística no período colonial.

⁵⁶ Idem, Ibidem.

⁵⁷ Circular da 1ª Seção do Palácio do governo da província de Santa Catarina. Fundo Conselho Municipal de Joinville, série Correspondências: Prateleira 549, Caixa 02 (Arquivo Histórico de Joinville, Joinville). 8 out. 1875.

⁵⁸ MARCELO, Hernan Venegas. A noção de patrimônio no Brasil Império. **Pasos**: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Santa Cruz de Tenerife, v. 1, n. 11, p. 134-146, 2013.

Uma análise que é importante fazer do catálogo do Brasil na Exposição da Filadélfia de 1876 e que nos permite entender melhor a participação do país neste evento, é identificar quem era o responsável por organizar a exposição no país, ou quem foi escalado para a Comissão da Exposição neste contexto. Logo no início do documento, são listados os nomes de pessoas ligadas ao governo imperial e pessoas ligadas às províncias que participaram da organização da Exposição. Nesse artigo, analisaremos alguns dos personagens ligados ao governo imperial e à Província de Santa Catarina, a fim de compreender quais os valores atribuídos, por eles, aos itens catarinenses, afinal, o valor atribuído tem relação com a experiência de mundo no contexto de quem o atribui⁵⁹.

Começando pela comissão da Exposição Nacional que antecedeu a Exposição Universal em 1875, temos como presidente o Conde d'Eu, marido de Dona Isabel de Bragança filha do imperador e condecorado com méritos militares e com medalhas da campanha geral do Paraguai. A presença do Conde como presidente pode ter uma relação com os itens militares que foram enviados e expostos pelo Brasil em seu pavilhão nos Estados Unidos, como exemplares de canhões, armas, uniformes e utensílios militares, o que chama atenção, já que esses itens não aparecem na outra exposição universal, a exclusividade é que a Exposição americana cria um departamento apenas para exército e marinha, onde o Brasil expõe equipamentos e vestimentas de diferentes forças armadas do país⁶⁰.

O vice-presidente da comissão da Exposição Nacional era o Visconde de Jaguaré e o segundo vice-presidente o Visconde de Bom Retiro, que faziam parte do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), além de membros da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Os Viscondes eram mais ligados às questões agrícolas e industriais do país e às áreas científicas da nação como membros do IHGB do que o presidente da Comissão, Conde D'eu, demonstrando a produção do país na época pelo grande volume de itens enviados de origem agrícola e industrial.

Outras pessoas também fizeram parte da Comissão da Exposição Nacional como arquiteto Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá, que teve uma importante participação na Academia de Belas Artes e outras pessoas que eram auxiliares técnicos em suas áreas e que,

⁵⁹ GONÇALVES, Janice. **Figuras de valor**: patrimônio cultural em Santa Catarina. Itajaí: Casa Aberta, 2016.

⁶⁰ CASCUDO, Luis da Camara. **Conde D'eu**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

segundo o documento, foram nomeados pelo governo imperial, o que os faz possivelmente ligados à parte artística da exposição brasileira, responsáveis pelas obras de arte, esculturas e afins, e que não serão citados nominalmente por serem mais de 10 pessoas a serem citadas.

Como membros adjuntos temos: o Dr. Agostinho Victor de Borja Castro, que foi um matemático e lente catedrático da escola politécnica; o Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão que foi o diretor da Biblioteca Nacional e que, mais tarde, foi o responsável pela organização da Exposição Nacional de História de 1881, ambos ligados à ciência brasileira, provavelmente Benjamin Franklin Ramiz Galvão ficou responsável pela parte da documentação histórica do país, apesar de não ter um departamento próprio, os itens históricos aparecem ao decorrer do documento em apontamentos sobre o Brasil; o Dr. Carlos Glasl, diretor do Jardim Botânico no Rio de Janeiro; Ladislau de Souza Mello e Neto também fez parte da Comissão, ele que foi um botânico e zoólogo e diretor do Museu Nacional entre 1870, como substituto e efetivado em 1876, até 1883. Em 1876 Ladislau fundou a revista do museu que é publicada até hoje, provavelmente tanto Carlos Glas como Ladislau de Souza Mello e Neto contribuíram com aspectos da fauna e da flora brasileira.

Por fim, Nicolau Joaquim Moreira, propagador das belas artes e presidente da Sociedade de Aclimação e Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Nicolau pode ter contribuído com seu conhecimento artístico e com as questões industriais do estande brasileiro⁶¹.

Percebe-se a variedade das áreas de conhecimento em que os participantes da Comissão pertenciam. Talvez a ideia fosse que o Brasil se representasse na exposição de uma forma ampla e diversa, já que uma das características das Exposições Universais era sua interdisciplinaridade⁶².

Os comissários da exposição que decidiam, em conjunto com o governo imperial e a Comissão da Exposição Universal, o que seria enviado para os Estados Unidos e o que não seria. Algo que havia em comum a todos os comissários, era o fato de que faziam parte da Ordem Imperial da Rosa, A Ordem Imperial da Rosa foi criada por D. Pedro I (1798-1834), em

⁶¹ CARULA, Karoline. Nicolau Joaquim Moreira e as questões raciais da imigração. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**, S.L., v. 1, n. 1, p. 1-17, jul. 2013.

⁶² PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

1829 graças ao seu segundo casamento com Dona Amélia de Leuchtenberg e Eischstädt (1812 - 1873). A honraria reconhecia atos de lealdade ao imperador e benfeitorias ao Brasil.

Por sua vez, a Comissão Representante do Império do Brasil na Exposição Universal de 1876, na Filadélfia foi presidida por Antônio Pedro de Carvalhos Borges, que foi um militar, matemático, diplomata e ministro plenipotenciário, uma espécie de chefe de uma missão diplomática. O vice-presidente era Philippe Lopes Netto, condecorado com diversas ordens estrangeiras e bacharel em ciências sociais e jurídicas. O secretário era Dr. João Martins da Silva Coutinho, que além de várias condecorações, era engenheiro civil, contribuindo com o Museu Nacional através de explorações na Amazônia e no Nordeste na segunda metade do século XIX⁶³.

Os demais membros da comissão eram Hermenegildo Rodrigues de Alvarenga, que não tem registros no documento. José Saldanha da Gama que, assim como os outros, era além de membro de diversas ordens, oficial da coroa na Itália e professor de Botânica da Escola Politécnica. Além do já citado Nicolau Joaquim Moreira e Pedro Dias Gordilho Paes Leme, membros da Ordem Imperial da Rosa, assim como todos os outros.

A partir da comissão da exposição e a análise do contexto do Brasil no século XIX, no caso, o contexto de um país rural, e que queria se projetar como um fornecedor de matérias primas importantes, assim podemos compreender as escolhas dos itens enviados, já que alguns comissários tinham formação em Zoologia e Botânica, o que reflete uma atribuição de valor nesses itens pelos comissários, infelizmente, não foi possível identificar, nesta pesquisa, quem participou da comissão catarinense de exposição provincial.

Podemos levantar a hipótese de que os itens enviados aos Estados Unidos e que tinham relação com a história do Brasil como jornais, e até alguns documentos, receberam valores históricos na concepção de Riegl⁶⁴ já que estavam relacionados à história da nação e sua manutenção visava revisitar a origem desses objetos e manuseá-los sem causar grandes danos a eles.

⁶³ SILVA, Marina Jardim; FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; FONSECA, Vera Maria Medina da. Silva Coutinho: uma trajetória profissional e sua contribuição às coleções geológicas do Museu Nacional. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 20, n. 2, p. 457-479, 2013.

⁶⁴ RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos**: a sua essência e a sua origem. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Embora fosse a ideia dos organizadores de que todos os itens seriam devolvidos, contudo não era o que acontecia, existia sempre o risco de uma perda, como Viertel e Guedes⁶⁵ exemplificam, que a Batalha do Riachuelo, uma obra de arte histórica foi perdida no caminho de volta da Filadélfia para o Brasil.

2.3 Itens Catarinenses na Filadélfia

É interessante a dinâmica da economia brasileira nos anos 1870. Segundo Emília Viotti da Costa⁶⁶, enquanto uns setores da elite perderam força, outros ganharam, enquanto umas regiões eram mais dinâmicas do que as outras e alguns grupos sociais mais progressistas, outros mais conservadores, mas todos estavam envolvidos no comércio e na agricultura relacionados ao mercado internacional. Como foi dito, as exposições universais eram uma grande oportunidade de se inserir no mercado internacional, e para Santa Catarina não era diferente.

Santa Catarina teve alguns problemas para a recolha dos itens que seriam enviados para a exposição nacional e depois universal. Segundo o jornal O Despertador⁶⁷, do dia 4 de abril de 1876, a província por meio do vice-presidente da província Tenente-coronel Luiz Ferreira do Nascimento Mello, comunicou ter um atraso no envio dos itens e a falta de um local apropriado para a exposição provincial, além do pouco engajamento de lavradores, em que os itens para a exposição estavam limitados a o que já tinha sido oferecido pelas pessoas, câmaras de vereadores e adquirido pela província. Esses itens que representavam a província na Exposição Nacional teriam que ser “Dignos de valor e importância” e deveriam ser devolvidos ao final da exposição, como é possível verificar na matéria de jornal a seguir.

⁶⁵ VIERTEL, Guilherme; GUEDES, Sandra P.L. de Camargo. A obra Combate Naval do Riachuelo como lugar de memória da Guerra do Paraguai. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 180, n. 481, p. 95-120, set/dez. 2019

⁶⁶ COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república momentos decisivos**. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977. 326 p.

⁶⁷ O DESPERTADOR. **Exposição Provincial**. Desterro, 4/04/1876. <Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcamargo_585920.871680

7.DocLstX&pasta=ano%20187&pesq="Exposição%20Universal%20da%20Philadélfia">. Acesso em: 13/12/2021

[...] remetidos à Exposição Nacional, [...] com a dedicação e zelo que tanto o recommendão, me é agradável declarar, que não se occuparão a primeira ordem entre os mais distinctos não deixarão de merecer apreço e serem considerados dignos de valor e importância, especialmente as ricas madeiras de construcção civil e naval, que tão abundantemente possuimos.⁶⁸

Nota-se “o valor e importância” atribuídos às “ricas madeiras de construção civil e naval” que, na época, eram abundantes em Santa Catarina. Amostras do patrimônio natural da província foram enviadas para a exposição da Filadélfia, representantes de uma riqueza cuja abundância não levava, naquele momento, a uma preocupação com sua extinção. No catálogo consta que a província catarinense enviou amostras de café, algodão, madeiras, trigo, alguns minérios como carvão, ferro e níquel. Além das matérias primas, Santa Catarina também enviou itens manufaturados, como peças de roupas e tecidos feitos de algodão, mobílias feitas de madeira entre outros. Infelizmente o catálogo cita as vezes sim e as vezes não as regiões da província de que os itens eram provenientes, não há um padrão de escrita de remetente no catálogo.

Entretanto, o fato de Santa Catarina ter enviado esses itens não significa que a província era um forte produtor desses itens. O café, por exemplo, tinha uma produção pífia no território da província, o mesmo ocorrendo com o algodão, que o Brasil tinha como seu maior produtor a região nordeste. Segundo Alcides Goularti Filho⁶⁹ a indústria de Santa Catarina no século XIX é extrativista. Nesse âmbito, os itens enviados pela província catarinense refletem a indústria de origem, com a indústria carbonífera, madeireira e têxtil.

Em Santa Catarina, a indústria originária está nos seguimentos extrativo (erva-mate, madeira e carvão), alimentar (farinha, açúcar e derivados suínos) e têxtil. Além destes setores também se destacava a pecuária extensiva nos Campos de Lages⁷⁰.

No século XIX, o carvão mineral tinha um novo uso importantíssimo⁷¹, era fonte de calor que era utilizado para gerar vapor nas máquinas geradoras de eletricidade, porém não era

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

⁷⁰ Idem. p.84.

⁷¹ COSMO, Bruno Marcos Nunes; GALERIANI, Tatiani Mayara; NOVAKOSKI, Fabiula Patricia; RICINI, Bruna Martins. Carvão mineral. **Revista Agronomia Brasileira**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 1-10, 2020. Revista Agronomia Brasileira. <http://dx.doi.org/10.29372/rab202001>.

apenas para criar eletricidade, o vapor gerado a partir da queima do carvão era utilizado em diversas máquinas concebidas pós-revolução industrial.

O carvão foi uma das primeiras fontes de energia utilizadas pelo homem em larga escala, é usada desde a Primeira Revolução Industrial no século XVIII, na geração de vapor para movimentação das máquinas. E no final do século XIX, o vapor também era destinado à produção de energia elétrica [...] ⁷²

A extração de carvão em Santa Catarina começou de forma “amadora” na década de 1850, o que não representava nada para a produção do país, pois ainda se faziam expedições para averiguar a qualidade e a quantidade das jazidas de carvão localizadas no sul da província. É em 1861 que o Visconde de Barbacena adquire a concessão das terras para explorar o mineral. O que culminaria em vários desdobramentos para a região, como a estrada férrea Donna Thereza Christina e a *The Tubarão Brazilian Coal Mining*, com o apoio de empresários ingleses interessados no carvão catarinense ⁷³.

Analisando as imagens do estande do Brasil, podemos perceber na Figura 3 no canto inferior esquerdo pedras que se assemelham a minérios e pode-se perceber um minério escuro que pode ser carvão mineral.

⁷² COSMO; GALERIANI; NOVAKOSKI e RICINI, 2020. p. 6

⁷³ GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.



Figura 3: Demonstrações dos minérios no canto inferior esquerdo. FONTE: Arquivo Nacional (Disponível em: <https://sian.an.gov.br>. Acesso em 07/11/21)

É interessante o fato desses minérios serem um dos itens expostos mais visíveis. Percebe-se que a intenção do fotógrafo era ter uma imagem geral do estande, mas segundo Kossoy⁷⁴, o fotógrafo funciona como um filtro cultural, pois enquanto documenta aquele fragmento do passado, também transmite seu desejo, seu estado de espírito, suas ideologias e suas concepções.

A eleição de um aspecto determinado - isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético -, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural.⁷⁵

Sendo assim, não podemos entender uma fotografia histórica, principalmente uma fotografia oficial, que registre a participação do Império brasileiro na exposição universal, como

⁷⁴ KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. 179 p.

⁷⁵ KOSSOY, 2012. p. 44

algo que é uma coincidência. Quando pensamos no poder dessas fotografias e nos discursos que elas carregam, temos que compreender o que o fotógrafo⁷⁶ queria mostrar com seus enquadramentos e seus ângulos, bem como o que está em cada plano da imagem.

As imagens serviam também como uma propaganda das mercadorias e que essas mercadorias segundo Pesavento⁷⁷ a partir das fotografias, atingiam uma vontade latente, que nas palavras da autora convenciam e seduziam quem as queria comprar. Segundo a autora, nas Exposições Universais havia um processo de identidade coletiva, os membros da comunidade eram levados a uma identidade exposta sobre aquele Estado-Nação, além de uma projeção de futuro, a partir das tecnologias e as ideias de progresso e de modernização.

As ideias de progresso tecnológico e afirmação da nacionalidade não podem, contudo, ser isoladas da noção de supremacia racial. Havia sido os brancos, superiores cultural, moral e tecnicamente, os responsáveis pelo desenvolvimento econômico, pela construção da nação e pelo estabelecimento de uma sociedade democrática e civilizada. Para isso, não apenas contribuíam os avanços das leis evolucionistas (o que dava ao racismo um caráter científico), como os próprios elementos da realidade histórica objetiva⁷⁸

Cada país tenta mostrar em seu pavilhão a sua totalidade, de maneira quase enciclopédica, de um modo arrumado e desorganizado ao mesmo tempo em uma expectativa de demonstração de civilidade, progresso, modernidade e o exótico de cada país.

Antes de discutir sobre os itens naturais enviados a exposição é importante demonstrar o que se compreende como patrimônio cultural, já que o conceito atual não se encaixa ao contexto das exposições, visto que a conservação não era uma pauta. Segundo Meira; Campi e Carelli (2019), os países latinos acreditavam que o patrimônio natural abundante e diverso era um “dom de Deus”⁷⁹.

⁷⁶ Não conseguimos a informação de quem era o fotógrafo.

⁷⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.2 p.151-167 jan./dez. 1994.

⁷⁸ PESAVENTO, 1994. p. 158

⁷⁹ Meira, R. B., Campi, D., & Carelli, M. N. (2019). As árvores que não deixam ver a floresta: natureza, agricultura e propaganda imigrantista no Brasil e na Argentina nas exposições universais do século XIX. *Estudos Ibero-Americanos*, 45(3), 154-168. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2019.3.32599>

Outro destaque da economia de exploração de Santa Catarina foram as madeiras, ainda segundo Goularti Filho⁸⁰ a província catarinense extrai madeira desde a chegada dos primeiros colonizadores, segundo o autor, a madeira era o modo mais rápido e fácil de se conseguir capital devido à abundância de recursos naturais. Além da disponibilidade de recursos o autor também atribui o crescimento da extração da madeira ao aumento da produção artesanal, ao mesmo tempo que se extraíam mais madeiras, mais pessoas se tornavam carpinteiros e marceneiros nas cidades e colônias, o que impulsionou a produção de móveis e levou a madeira a ser um produto de exportação em 1866.

Claro que com a extração desenfreada de madeira, florestas nativas inteiras foram destruídas, até mesmo em outros estados, o que fazia com que os madeireiros migrassem e levassem a extração e manufatura da madeira para outros lugares, como por exemplo os madeireiros do Rio Grande do Sul, que com o esgotamento de seus recursos vieram para Santa Catarina no século XIX.⁸¹

A madeira era um item extremamente útil no século XIX, e Santa Catarina enviou para a exposição muitos exemplares, tanto de madeiras, quanto de móveis em madeira e até mesmo amostras de madeiras especialmente utilizadas para a construção de imóveis. Na Figura 4 é possível visualizar cadeiras de balanço, à direita, logo na entrada do corredor, e mesas, cadeiras e bufes à esquerda logo na frente da imagem, em um espaço destinado, aparentemente, ao mobiliário brasileiro.

⁸⁰ GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

⁸¹ Idem.



Figura 4: Estante do Brasil. 1876. FONTE: Arquivo Nacional. (Disponível em: <https://sian.an.gov.br>. Acesso em 07/11/21)

Pode-se salientar o valor artístico presente nos móveis, que envolvem técnica, forma e estética. Assim, além de atribuir o valor de uso, podemos atribuir um valor artístico para esses móveis.

O último exemplo da economia catarinense projetada na exposição é a produção têxtil de Santa Catarina que era representada por produtos têxteis enviados a exposição e que, em 1876, era muito recente. Segundo Goularti Filho⁸², a produção têxtil iniciou apenas em 1875 com novos imigrantes vindos da Saxônia, ou seja, no mesmo ano em que a produção têxtil da província de Santa Catarina é enviada para a exposição, lembrando que foi nesse ano que aconteciam as preparações para a exposição. Pode-se, também, levantar aqui a hipótese dessa produção ser um pouco mais antiga do que a registrada pelo autor.

A indústria têxtil para o século XIX, juntamente com o vapor e o carvão dividem o protagonismo da primeira revolução industrial, talvez por isso que os produtos têxteis foram enviados tão rapidamente, já na segunda revolução, tem um “boom” técnico.

⁸² GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

A indústria têxtil, foram juntamente com a máquina a vapor e o carvão, foram o carro-chefe da Primeira Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra durante a fase do capitalismo concorrencial. Ao contrário da grande indústria pesada da Segunda Revolução Industrial, a indústria têxtil tinha um alto grau de difusão técnica, o que permitia a cópia com facilidade, não exigindo alto comando a vultosos recursos financeiros.⁸³

O algodão, assim como as peças têxteis, foi enviado a exposição, segundo Stein⁸⁴, a produção brasileira de algodão entre 1865 e 1875 ultrapassou 92 milhões de libras, mas os anos próximos à exposição, a partir de 1873 foram de decadência das exportações brasileiras com a volta da produção norte-americana, o que colapsou o boom algodoeiro brasileiro (Figura 5).



Figura 5:Parte do estande do Brasil revestido em algodão. FONTE: Arquivo Nacional (Disponível em: <https://sian.an.gov.br>. Acesso em 07/11/21)

Se em 1873 as exportações brasileiras de algodão estavam baixas, imaginem o quão promissor seria expor o algodão nacional para negócios, porém em contrapartida, os Estados Unidos, país sede da exposição, era concorrente direto do Brasil nas exportações de algodão para a Inglaterra, que era, na época, o maior importador do produto.

⁸³ GOULARTI FILHO, 2002.p. 95

⁸⁴ STEIN, Stanley J. **Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil: 1850/1950**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

As imagens da exposição podem ser uma confirmação dos valores atribuídos aos objetos, assim como também o lado comercial da exposição, quando percebemos as fotografias como objetos de propaganda não só das mercadorias, mas também de diversos aspectos do país.

Contudo é interessante compreender que essas imagens do Brasil não eram aleatórias. Como na exposição havia vários países representados, todos estavam em uma espécie de competição de imagens, o que incluía, claro, o país anfitrião que no caso dos Estados Unidos, aproveitou a Exposição e a comemoração do centenário de sua independência para propagar seus valores e a imagem de uma pátria desenvolvida, criativa, disciplinada e disposta a cada vez avançar mais e mais.

Segundo sua auto-apreciação, os Estados Unidos não só haviam dado ao mundo uma demonstração do seu gênio, como a América comprovara ser uma nação de "primeiro mundo". Na verdade, transparecia mesmo a idéia de que, em muitos pontos, a jovem nação americana superara a velha Europa, pela sua produção em série e pelos engenhosos inventos que tornavam mais fácil e cômoda a vida cotidiana.⁸⁵

As imagens representam o Brasil e o que se quer negociar desse país e as mercadorias que têm sua importância no século XIX, seduzem seus possíveis compradores e demonstram um Brasil que quer se mostrar progressista, tecnológico e científico, bem como desenvolvido economicamente, na indústria, comércio e agricultura. E por mais que esses itens não tinham como objetivos serem preservados e serem apresentados as próximas gerações, pode-se considerar um patrimônio pois tem valor atribuído socialmente.

2.4 Considerações Finais do artigo

Com a Exposição Universal da Filadélfia de 1876, podemos compreender como a economia de Santa Catarina foi representada pelos seus principais pilares econômicos na época, com a exceção do algodão que era uma atividade econômica muito nova, em que a sua maior expressão seria anos depois.

O esforço logístico também fica evidente, pelo menos no envio dos itens, porque pelo menos com os itens de origem natural era improvável que fossem trazidos de volta, já que a exposição durou quase um ano. Por mais que no contexto da exposição, a preservação não

⁸⁵ PESAVENTO, 1994, p. 161

estava em xeque, podemos compreender patrimônio natural a partir dos valores atribuídos aos objetos e a importância deles a ponto de serem enviados e expostos para o mundo todo ver.

Os itens catarinenses enviados eram de extrema utilidade para o mundo oitocentista, o carvão, uma importante fonte de energia, as madeiras sendo utilizadas para praticamente qualquer produção, desde móveis, carroças e construção civil entre outras coisas e por fim o algodão, extremamente importante e lucrativo no mundo industrializado pós-revolução Industrial.

Ao mesmo tempo que podemos entender que Santa Catarina poderia se demonstrar uma província com recursos importantes e desenvolvida na extração desses recursos. Porém pensando no âmbito dos negócios, a província catarinense procurava se apresentar como um fornecedor de matérias primas para os outros países que frequentaram a exposição.

Percebe-se possivelmente uma atribuição de valores de uso, valores artísticos aos itens enviados, estes últimos sendo ligados principalmente às fotografias que foram produzidas no estande, valores esse atribuídos pelas comissões de exposição, tanto a nacional como a universal, que também atribuíram valores históricos a itens que registravam e contavam a história desse jovem império.

Por fim, a importância das fotografias, que destacam alguns objetos expostos em primeiro plano, as imagens se tornam um anúncio de vendas dos produtos importantes para aquele período. As imagens, que congelam um período histórico e nos explicam o que era digno de ser registrado nessa tecnologia que era nova na época.

Pesquisar a participação do Brasil e de Santa Catarina na Exposição Universal da Filadélfia de 1876 é significativo para perceber as particularidades como parte integrante do discurso das riquezas naturais e da industrialização da província e da nação, na pesquisa a valoração atribuída aos itens e a representação do Brasil e da Província nos faz compreender a importância dessa exposição na construção do imaginário de Santa Catarina e do Império Brasileiro.

3. SANTA CATARINA NA EXPOSIÇÃO DE HISTÓRIA DO BRASIL DE 1881

RESUMO: O presente artigo pretende compreender os valores atribuídos ao Patrimônio Cultural de Santa Catarina a partir da análise dos itens enviados pela Província, ao Rio de Janeiro, para fazer parte da Exposição de História do Brasil de 1881. A metodologia utilizada foi a de análise de documentos relativos à exposição. Como resultados compreendemos que o sistema de organização da exposição não contava com comissões provinciais, os itens eram separados pela própria organização, também identificamos o valor histórico atribuído aos itens enviados, tais itens incluíam mapas, obras de arte, desenhos, fotografias entre outros.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Valores; Santa Catarina; Exposição; Império.

ABSTRACT: This article intends to comprehend the values attributed to the Cultural Heritage of Santa Catarina from the analysis of the items sent by the Province to Rio de Janeiro, to be part of the 1881 History of Brazil Exhibition. The methodology applied was the analysis of documents related to the exposure. As analysis results, we understand that the exhibition organization system instead of universal exhibitions, the items were separated by the organization itself, we also identified the historical value attributed to the items sent, such items include maps, artwork, drawings, photographs among others.

Keywords: Value of Cultural Heritage; Cultural Heritage; Santa Catarina; Exhibition, Empire.

3.1 Introdução

No Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil, em 2 de dezembro de 1881, iniciava-se uma exposição nacional de história para comemorar o aniversário do Imperador D. Pedro II, com a presença do Imperador e sua esposa, exposição esta que contou com um público de 7.621 visitantes nas instalações da Biblioteca Nacional no decorrer do mês que durou a exposição.⁸⁶ Realizada sob a liderança do Ministério dos Negócios Interiores⁸⁷ e a coordenação de Ramiz Galvão, então diretor da Biblioteca Nacional, a Exposição de História do Brasil contou, também, com o apoio de membros da corte que ajudaram na análise dos itens que seriam expostos e emprestaram muitos objetos para a exposição. Estima-se que aproximadamente 20 mil itens bibliográficos e iconográficos de todo o território brasileiro foram enviados ao Rio de

⁸⁶ BRASIL. MINISTÉRIO DO IMPÉRIO. *Relatório do ano de 1881 apresentado a Assembleia Legislativa na 1ª sessão da 18ª legislatura*. Rio de Janeiro, 1882.

⁸⁷ Idem.

Janeiro para a Exposição, itens dos mais diversos tipos, como livros, mapas, gravuras, jornais, documentos, moedas, medalhas e outros.

A problemática desse artigo é compreender, através da análise dos documentos enviados por Santa Catarina para a exposição de História do Brasil de 1881, os valores atribuídos a eles para que fossem enviados para uma exposição nacional, com base em Riegl⁸⁸, que escreve no século XX e Gonçalves⁸⁹, que escreve sobre o valor do patrimônio cultural catarinense no século XXI.

O Coordenador da Exposição de História do Brasil, Benjamin Ramiz Galvão, esteve vinculado a instituições ligadas à produção histórica no país como ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e à Biblioteca Nacional (BN), onde foi diretor de 1870 a 1882. Galvão teve como primeiro objetivo na Biblioteca a modernização da instituição, valorizando o nome da Biblioteca, aproximando e ganhando a confiança de possíveis doadores para aumentar o seu acervo documental e bibliográfico⁹⁰.

A "abertura" da Biblioteca e a compra de novas coleções aumentaram também a confiabilidade da instituição, o que reverteu em um bom número de doações que só vieram valorizar o seu acervo.⁹¹

Embora Ramiz Galvão receba os louros pela organização da Exposição, ele mesmo atribuiu parte da ideia ao Ministro dos Negócios Interiores do Império, Barão Homem de Mello, que também esteve envolvido com exposições anteriores, inclusive, fora membro das comissões que organizaram a participação do Brasil na Exposição Universal da Filadélfia em 1876, onde conheceu Ramiz Galvão.⁹²

Ramiz Galvão também foi o responsável pelo início das publicações dos Anais da Biblioteca Nacional em 1876, que tinha como objetivo compartilhar os documentos raros por meio de transcrições e publicar matérias referentes à instituição. Foi com esse objetivo que, em 1881, foi publicado o Catálogo da Exposição de História do Brasil, que foi dividido em três

⁸⁸ RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos**: a sua essência e a sua origem. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

⁸⁹ GONÇALVES, Janice. **Figuras de valor: patrimônio cultural em Santa Catarina**. Itajaí: Casa Aberta, 2016.

⁹⁰ CALDEIRA, Ana Paula Sampaio; MACEDO, Adriana Mattos Clen. Ramiz Galvão, historiador e bibliotecário: práticas e lugares da produção historiográfica no Brasil de fins do século XIX e início do século XX. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, [S.L.], v. 9, n. 22, p. 42-58, 31 jan. 2017. Sociedade Brasileira de Teoria e História de Historiografia. <http://dx.doi.org/10.15848/hh.v0i22.1123>.

⁹¹ CARVALHO, Gilberto Vilar de. **Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1994. p. 66.

⁹² TURAZZI, Maria Inez. A EXPOSIÇÃO DE HISTÓRIA DO BRASIL DE 1881 e a construção do patrimônio iconográfico. In: "Usos do Passado" XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2011. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2011. p. 3-4.

partes: duas delas publicadas no mesmo ano da exposição, contando com 1758 páginas, e um Suplemento, publicado em 1883. O Catálogo da Exposição de História do Brasil (CEHB) foi considerado um trabalho extremamente relevante por José Honório Rodrigues, responsável pela introdução da edição publicada em 1998.

É um trabalho insuperável, produto da competência, da obstinação e da dedicação de Ramiz Galvão que, em tempo recorde para as enormes dificuldades da época, organizou, em 1881, em comemoração do aniversário de D. Pedro II, a maior exposição bibliográfica e iconográfica sobre o País, publicando o respectivo catálogo em dois tomos que, junto com o suplemento, organizado por seu sucessor, Saldanha da Gama, constituíram o vol. IX dos Anais da Biblioteca Nacional.⁹³

A proposta inicial de Ramiz Galvão para a exposição de História do Brasil foi de serem feitas conferências sobre a História e a Geografia do país durante a mostra, mas não foi o que aconteceu, por falta de inscrições de trabalhos em número suficiente.⁹⁴

Neste artigo, a metodologia utilizada foi a de análise documental⁹⁵. A análise para esse artigo foi feita a partir de documentação referente à citada exposição existente nas plataformas virtuais da Biblioteca do Senado e da Biblioteca Nacional. O principal documento utilizado nesta pesquisa foi o Catálogo da Exposição de História do Brasil, que está disponível no site da Biblioteca Nacional (BN). Os três tomos do Catálogo contam com mais de 20 mil itens organizados em ordem crescente pelo número de inscrição e ordem alfabética e, em algumas partes, separados por províncias, de onde foram enviados. Alguns objetos não estão catalogados com nome ou número de registro, ou ainda pela província de origem, já que no momento que foram enviados estavam em alguma instituição ou em outra província que não a original. A partir dessas fontes constatamos que a Província de Santa Catarina enviou, cerca de 290 itens à capital do Império⁹⁶ para contribuir com a exposição, dentre panoramas, pinturas, desenhos, plantas, mapas, cartas topográficas e fotografias, porém, apenas um item foi exposto, como apresentaremos a seguir.

⁹³ BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Catálogo da exposição de história do Brasil**. Introduções de José Honório Rodrigues e de Otaciano Nogueira. Brasília: Editora do Senado Federal, 1998. 3 v

⁹⁴ TURAZZI, Maria Inez. A EXPOSIÇÃO DE HISTÓRIA DO BRASIL DE 1881 e a construção do patrimônio iconográfico. In: "Usos do Passado" XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2011. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2011. 10p.

⁹⁵ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de Historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 159 p.

⁹⁶ Este número não é exato pois o catálogo não tem uma organização de escrita ou de classificação da origem dos itens.

Com relação à iconografia enviada para a Exposição, trata-se de imagens de cidades e colônias de imigrantes, assim como imagens relacionadas à segurança da Província, como fotografias de bugreiros⁹⁷, de soldados e plantas de fortes.

Os objetos enviados pela província de Santa Catarina foram localizados no Catálogo e listados em uma tabela e identificados por nome, número de registro, se foi exposto ou não, e os tomos do catálogo em que se encontram (APÊNDICE B). O próximo passo foi a classificação e análise dos mesmos, com base no texto de Barros⁹⁸, que sugere a utilização de perguntas para uma análise crítica do documento, tais como: “Quem é o autor”, “Qual seu contexto”, “Onde”, “Quando” e “Porque ele escreve?”

Assim, a análise documental foi realizada considerando o documento como um monumento, fruto do esforço de uma sociedade no passado que se projeta ao futuro e entendendo que todo documento é redigido conforme os valores da sociedade em que foi produzido, levando em conta suas relações de poder⁹⁹.

Para além da crítica ao documento e o entendimento da subjetividade que o autor imprime, foi necessária uma análise sobre a fabricação e percepção do acontecimento, pois segundo Dosse¹⁰⁰, “esse movimento de revisitação do passado pela escritura histórica acompanha a exumação da memória nacional e contempla ainda o momento memorial atual”.

O conceito de valor atribuído ao patrimônio cultural será importante para a análise desses documentos. Alois Riegl¹⁰¹ afirmava no início do século XX, em 1903, que os valores atribuídos por uma sociedade são subjetivos e que havia identificado três tipos principais de valores: o valor histórico, relacionado à história do patrimônio em questão. Para complementar

⁹⁷ Bugreiros eram forças paramilitares armadas presentes em Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e localidades de São Paulo no século XIX, compostas por colonos, tinham a função de caçar bugres (nomenclatura da época para indígenas). Ver: ZANELATTO, João Henrique; JUNG, Gilvani Mazzucco; OZÓRIO, Rafael Miranda. Índios e brancos no processo colonizador do sul catarinense na obra histórias do grande Araranguá de João Leonir Dall’alba. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 174-202, 2015. Disponível em: www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/revistahc.htm. Acesso em: 14 set. 2021.

⁹⁸ BARROS, José D’Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 977-1005, set. 2013.

⁹⁹ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990. 476 p.

¹⁰⁰ DOSSE, François. **A História**. Tradução de Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru: Edusc, 2003. p. 108.

¹⁰¹ RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

esse conceito usaremos a discussão proposta por Janice Gonçalves¹⁰² em 2016, que adiciona o valor afetivo, quando o patrimônio é valorado por meio de relações de memória.

A análise de documentos e dos textos empregados na descrição dos objetos permitiram compreender o valor desses objetos no período, para que fossem considerados bens importantes a ponto de serem expostos em uma exposição nacional.

As informações constantes na lista de itens enviados por Santa Catarina foram cruzadas com o Guia da Exposição de História do Brasil¹⁰³ para saber quais e quantos itens foram realmente expostos.

3.2 História, Documento Histórico e Patrimônio Cultural

Para entender o contexto da ciência no século XIX, Gouvêa¹⁰⁴ apresenta as transformações pelas quais o processo de construção do conhecimento estava passando. Para a autora, a criação de métodos e técnicas para produção de conhecimento, como a catalogação regular, deu início ao que conhecemos hoje como cientificidade. No campo historiográfico, uma das primeiras tentativas de tornar a História um conhecimento científico ficou a cargo do historicismo alemão que, segundo Barros¹⁰⁵, estabelece uma metodologia de estudo do passado a partir de análise de documentos escritos oficiais. Esta metodologia, que teve como principal expoente Leopold Von Ranke (1795 – 1886), possui aspectos considerados importantes até hoje. Já no século XX, a História avançou como ciência, discutindo a relação do historiador com os documentos. Marc Bloch¹⁰⁶, ainda na década de 1940, apontava para a necessidade de o historiador analisar um documento dentro do seu tempo de criação. Posteriormente, Jacques Le Goff¹⁰⁷ demonstrava a não neutralidade de um documento, características que deverão

¹⁰² GONÇALVES, Janice. **Figuras de valor: patrimônio cultural em Santa Catarina**. Itajaí: Casa Aberta, 2016.

¹⁰³ BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Guia da Exposição de História do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1881.

¹⁰⁴ GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Estudos sobre desenvolvimento humano no século XIX: da biologia à psicogenia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 134, ago. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000200013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 23 jul. 2020.

¹⁰⁵ BARROS, José D'Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 977-1005, set. 2013.

¹⁰⁶ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de Historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 159 p.

¹⁰⁷ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990. 476 p.

permeiar a análise documental neste artigo. O documento é para Le Goff um recorte consciente ou não de uma época, que também é ressignificado pelo tempo. O pesquisador, segundo o autor, também não é neutro ao escolher determinado documento ao invés de outro, exercendo então, o poder de transformar um documento em testemunho e retirá-lo do conjunto histórico que foi criado, além de estar relacionado à organização mental do historiador.

No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. Os medievalistas, que tanto trabalharam para construir uma crítica – sempre útil, decerto – do falso, devem superar esta problemática porque qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo, e talvez sobretudo, os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem¹⁰⁸.

Dosse também vê a necessidade de entender a subjetividade da História. O autor relaciona a subjetividade à construção da história, sendo a ciência histórica uma linha tênue entre a realidade e a ficção. Para ele a análise deve ser feita na perspectiva da percepção do acontecimento, o que revelaria as subjetividades do autor do documento e de quem o está analisando, que no seu presente carrega consigo suas subjetividades. “A memória, pressupondo a presença da ausência, permanece a ligação essencial entre o passado e o presente, desse difícil diálogo entre o mundo dos mortos e dos vivos”¹⁰⁹

Para a análise do documento é importante também entender que a noção de tempo passado é relativa. Koselleck¹¹⁰ discute que, ao revisitar o passado com problematizações feitas em um determinado presente, há também, uma ressignificação do passado. Para o historiador alemão, o tempo é um conceito totalmente humano, o passar do tempo, o futuro, o presente e o passado, além da percepção de aceleração e desaceleração dessa passagem temporal que tem sua dinâmica na relação humana com itens que transpassam a ordem do tempo. Ao analisar um documento, as subjetividades reveladas pelo tempo se tornam muito mais aparentes, tanto na tentativa de compreensão do passado, quanto no processo de ressignificá-lo. Existe uma correlação entre o documento histórico, o tempo e o patrimônio, um documento pode ser criado ou não para ser histórico, isso envolve o tempo e as percepções sobre aquele documento.

¹⁰⁸ LE GOFF, 1990, p.549.

¹⁰⁹ DOSSE, François. **A História**. Tradução de Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru: Edusc, 2003.p 290-291.

¹¹⁰ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre História**. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2000. 351 p.

Essa análise será aplicada na análise dos documentos afim de compreender as intencionalidades em suas construções, principalmente nos ajudando a levantar hipóteses do porquê de certos documentos serem expostos e outros não, bem como o envio de uns invés de outros.

O termo patrimônio tende a aparecer acompanhado de outro, que o torna mais preciso, como por exemplo o termo econômico, natural, histórico onde estão inclusos os documentos do passado, da cultura, entre outros. Fonseca¹¹¹ propõe uma concepção mais ampla do patrimônio da visão tradicional de um patrimônio histórico, discutindo patrimônios imateriais como danças, lugares e saberes, ao contrapor a visão tradicional de patrimônio e discutir o bem material. A autora também evoca o debate do aspecto imaterial inserido em um patrimônio tangível, como as igrejas, tombadas como patrimônio material, mas que o ato de rezar, um bem imaterial, está intrinsecamente ligado a elas¹¹². Já Gonçalves¹¹³ propõe que o patrimônio passe a ser encarado como uma categoria de pensamento, mostrando a importância da discussão sobre patrimônio intangível ou imaterial, que oferece uma flexibilidade ao conceito de patrimônio, muitas vezes engessado e voltado apenas para os monumentos materiais.

Contudo é importante ressaltar que algo só se torna patrimônio quando tem uma atribuição de valores, ou que se torna importante perante a sociedade em que este objeto, festa, costume, está inserido.

Trataremos neste artigo os objetos/documentos enviados para fazerem parte da exposição como patrimônios históricos da época e que, apesar de possuírem uma materialidade, continham uma subjetividade intrínseca ao tempo e contexto social em que foram criados. São documentos escritos e iconográficos que, além de serem o foco da exposição e entendidos neste artigo como patrimônios culturais da época, nos permitem compreender o que era considerado histórico na época. Observa-se que a iconografia, por exemplo, não era considerada documento

¹¹¹ FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: Por uma concepção ampla do Patrimônio Cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 49-58

¹¹² MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, 1, 2009, Ouro Preto. **Anais [...]**, Brasília: IPHAN, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2_vol1_ForumPatrimonio_m.pdf. Acesso em: 12 set. 2019.

¹¹³ GONÇALVES, José R. Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 25-33.

histórico segundo o conceito Rankeano¹¹⁴, mas é interessante pensar que esses documentos foram enviados à exposição de História, como testemunhas de um passado relativamente recente naquele momento.

Tais documentos, que foram considerados históricos por um grupo de pessoas no século XIX, estão suscetíveis à subjetividade que permeia o sistema de atribuição de valor ao patrimônio cultural, classificando-os como significativos a ponto de serem enviados para fazer parte de uma exposição nacional de História.

3.3 Valores atribuídos ao patrimônio cultural

O sistema de valoração de um patrimônio cultural está sempre relacionado ao tempo; com seu presente e seu passado¹¹⁵. O que se considerava valioso em um determinado contexto sócio-histórico pode perder o seu valor em outra realidade.

Silvana Rubino¹¹⁶ afirma que um patrimônio é um bem cultural de identidade social e política, com isso, atos como o de lembrar carregam um sentido político. Muitas vezes não é negada a memória de um grupo social, mas na luta de poderes pela lembrança promulgada como bem cultural o apagamento acontece não por uma exclusão sistematizada, mas por não lembrar. O ato de lembrar está intrinsecamente ligado às narrativas construídas socialmente, os valores atribuídos ao patrimônio cultural têm relações entre si e são regulados por tais narrativas que atribuem sentido a esses valores. E são essas narrativas que estão ligadas a processos sociais de produção de memória¹¹⁷.

Compartilhando das ideias de Riegl¹¹⁸, Choay¹¹⁹ utiliza uma terminologia, de valores de novidade para valores cognitivos, sendo que os valores cognitivos estão intrinsecamente ligados aos monumentos históricos. Segundo a autora, a mudança de terminologia se dá pelos valores

¹¹⁴ BARROS, José D'Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 977-1005, set. 2013.

¹¹⁵ GONÇALVES, Janice. **Figuras de valor: patrimônio cultural em Santa Catarina**. Itajaí: Casa Aberta, 2016.

¹¹⁶ RUBINO, Silvana. As fachadas da História: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – 1937/1968. Campinas, 1992. **Dissertação (Mestrado)** – Mestrado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

¹¹⁷ GONÇALVES, Janice. **Figuras de valor: patrimônio cultural em Santa Catarina**. Itajaí: Casa Aberta, 2016.

¹¹⁸ RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

¹¹⁹ CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 6. ed. São Paulo: Unesp, 2017. 282 p.

ligados à cognição sobre aquele patrimônio e não apenas ao conhecimento, pois a palavra conhecimento pode ser muito vaga.

Ainda segundo Choay, temos em consideração o valor de referência baseada em J. Ruskin (1819 - 1900) em que se estabelecem relações ligadas à memória de quem irá atribuir os valores, o que se assemelha com o que Riegl¹²⁰ denomina como valor de memória. Assim, para a autora o conceito de Patrimônio Histórico está ligado ao conjunto de monumentos e inclui documentos, arquiteturas e outros objetos patrimoniais, cujos valores históricos, artísticos, cognitivos entre outros poderão ou não serem atribuídos. Para a autora, esse valor faz com que o monumento histórico se torne mais universal, deixando de atender a uma pequena parte da sociedade

Trazendo à memória a dimensão sagrada das obras humanas, o monumento histórico adquire, além disso, uma universalidade sem precedentes. O monumento tradicional, sem qualificativos, era universalmente difundido, mas fazia reviver os passados particulares de comunidades específicas; o monumento histórico fazia até então referência a uma concepção ocidental da história e as suas dimensões nacionais. Em contrapartida, na concepção Ruskiana, quaisquer que tenham sido a civilização ou grupo social que o erigiram ele se dirige igualmente a todos os homens.¹²¹

Existem, portanto, outras visões sobre o patrimônio. No caso do Historiador e museólogo francês Hugues de Varine, o patrimônio é algo atrelado às pessoas, um objeto do público, da comunidade, um fator de identidade nas várias camadas de um Estado, do municipal ao nacional, ou como ele mesmo descreve “a carteira de identidade de uma comunidade”¹²². Patrimônio para o autor é um bem compartilhado por todos e que representa a diversidade cultural que lhe atribui valor

Ora, o patrimônio de que eu quero falar [...] é antes de tudo de natureza comunitária, isto é, emana de um grupo humano diverso e complexo, vivendo em um território e compartilhando uma história, um presente, um futuro, modos de vida, crises e esperanças.¹²³

Essa variedade de valores que são atribuídos ao patrimônio cultural, é também um reflexo dos vários indivíduos com experiências diferentes de mundo que possuem em seu

¹²⁰ RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

¹²¹ CHOAY, 2017, p. 141-142

¹²² VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

¹²³ VARINE, 2012, p. 44

cotidiano um patrimônio inserido e que também se relacionam de forma particular com cada patrimônio.

Entender o discurso e os valores atribuídos aos itens enviados por Santa Catarina para uma exposição nacional, portanto, só é possível a partir do entendimento do que se considerava importante na época, porque assim teremos uma ideia dos valores atribuídos aos patrimônios nos anos 1800. Essa análise possibilitará uma visão do que se queria demonstrar sobre a província para o restante do Império. Ao montar uma exposição de História Nacional, o Império brasileiro cria um discurso sobre aquilo que é digno de representar a História do país a partir dos itens escolhidos.

Os valores não são atribuídos pela sociedade como um todo, mas sim por um grupo de pessoas responsáveis por organizar o acervo que viria a ser exposto¹²⁴. Sendo assim podemos compreender como se deu a atribuição de valor por parte de Santa Catarina para enviar itens para a Exposição na capital do império.

3.4 Santa Catarina na exposição de 1881

Embora Santa Catarina tenha enviado 286 itens para a Exposição de História do Brasil, apenas um foi exposto sendo ele o original da “Planta da costa do Brazil, desde a cidade do Rio Grande do Sul até a ilha do Arvoredo em Santa Catharina”. Identificada como sendo da autoria de José Custódio de Sá e Faria, engenheiro militar e cartógrafo, esse documento é interessante pois, ao que parece, seu valor está atribuído ao nome de quem o confeccionou. José Custódio de Sá e Faria teve sua importância em suas viagens, registrando por volta da década de 1760 os mapas dos territórios que ainda hoje constituem o Brasil, Argentina e Uruguai¹²⁵.

Dentre os objetos enviados por Santa Catarina para a Exposição, a maioria era de itens relacionados à Geografia. Foram diversos mapas, plantas, cartas topográficas, plantas hídricas¹²⁶ que, possivelmente, pretendiam apresentar a Província de Santa Catarina à Corte

¹²⁴ POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no ocidente**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 239 p.

¹²⁵ REIS, Elisa Pereira. O Estado Nacional como Ideologia: O caso brasileiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 187-203. 1988.

¹²⁶ A diferença entre Mapas, Cartas e Plantas, de maneira sucinta é o nível de detalhamento e escala de cada um dos documentos, o mapa tem grande escala e, portanto, menos detalhes, as cartas têm uma escala média assim como seus detalhes e as plantas representam uma pequena escala do território, mas muito detalhado. (IBGE, 1999)

Carioca, uma província, à época, constituída administrativamente há pouco tempo em comparação ao restante do país.

Um fator que, talvez, possa ter influenciado na escolha de quantos e quais itens seriam expostos por província, além da limitação de espaço da própria exposição, poderia ser a relevância de cada província no contexto nacional. Como por exemplo a província do Rio Grande do Sul, que tinha grande importância militar e de proteção da fronteira sul¹²⁷ do império e teve 3 itens expostos, sendo um plano geográfico da província do Rio Grande do Sul, uma medalha de cobre e documentos relacionados à estatística da província. São Paulo, que era uma província com um pouco mais de protagonismo no cenário imperial graças à produção de café, também teve apenas três itens expostos: uma pintura a óleo, da cidade de São Paulo, de propriedade do próprio Imperador; um Mapa da Capitania de São Paulo em 1766 e “Memórias e tabellas estatísticas da província de S. Paulo. 1827”, seguindo, portanto, uma mesma lógica do que foi exposto pela província do Rio Grande do Sul, aliás, documentos estatísticos e conjuntos de documentos legislativos eram comuns e foram enviados por muitas províncias à exposição. E o Rio de Janeiro, capital do Império, foi a província que mais teve itens expostos justamente por contar com uma grande quantidade de itens emprestados pelo próprio imperador com aproximadamente 80 itens expostos, dentre “Trabalhos do dr. Matheus Saraiva lidos na Academia dos Felizes do Rio de Janeiro” e “Estatutos da Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro. 1786. Original.”, por exemplo.¹²⁸

Em Santa Catarina, por outro lado, os objetos enviados estavam muito mais relacionados às colônias de imigrantes separadamente do que ao conjunto da província, motivo pelo qual, provavelmente, os documentos enviados não tenham sido aceitos para fazer parte da exposição, até mesmo porque esta exposição, ao contrário das exposições universais, não tem uma comissão provincial, os itens eram recolhidos pela província¹²⁹, sem nenhuma triagem e enviados à Biblioteca Nacional, contudo isso não era exclusividade de Santa Catarina, todas as províncias seguiam esse mesmo método.

O envio de iconografia das cidades e colônias em crescimento na Província, provavelmente pretendia demonstrar o desenvolvimento que ocorria em Santa Catarina com o assentamento de colonos e o desenvolvimento de atividades econômicas agrárias e de pequenas

¹²⁷ TARGA, Luiz Roberto Pecoits. O RIO GRANDE DO SUL: FRONTEIRA ENTRE DUAS FORMAÇÕES HISTÓRICAS. *Ensaio Fee*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 308-344, ago. 1991.

¹²⁸ BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Catálogo da exposição de história do Brasil**. Introduções de José Honório Rodrigues e de Otaciano Nogueira. Brasília: Editora do Senado Federal, 1998. 3 v

¹²⁹ Não foi possível localizar uma informação sobre quem era o responsável por essa coleta.

manufaturas. Um exemplo desse tipo de material enviado para a exposição foi a “Planta da Colônia de Dona Francisca, na província de Santa Catharina. 1853. Por Ilcman Liebich.”¹³⁰, que comprovava a ocupação daquele espaço geográfico.

Diversas fotos panorâmicas das cidades e colônias catarinenses, mapas, fotografias e pinturas, foram enviados para a Exposição e estão listadas no Apêndice B. Documentos que provavam o empenho do Governo provincial para cumprir os objetivos de ocupar essas terras com imigrantes e fazê-las produzir.

As “memórias”¹³¹, enviadas por Santa Catarina para a Exposição, também se relacionavam com o desenvolvimento da infraestrutura na província, relatando a abertura de estradas, linhas de comunicação ou construção de portos, possivelmente o que se queria demonstrar seria a representação do progresso, que era o que as estradas, portos e comunicações representavam nessa época. Um exemplo deste tipo de documento enviado à Biblioteca Nacional foi o denominado “Primeiras tentativas de huma comunicação franca com a Villa de Lages, e Capitania de S. Paulo, ordenadas pelo Governador da Província de Santa Catharina o Ten.e Coronel de Artilharia Josó [sic!] Pereira Pinto, em. o anno de 1787.”¹³²

Com relação à segurança, foram enviados à capital documentos com planos de construir mais fortes e seus respectivos projetos como o “Projecto do Coronel Jozé Custodio para o Forte da Praia da Villa do Desterro”.¹³³ Contudo, qual a ideia com esses documentos? Demonstrar o quão forte era a segurança do litoral catarinense? Apelar ao imperador para que se reforçasse a segurança neste local? Ou demonstrar uma ênfase na unidade nacional?

Também foram enviados jornais produzidos em colônias relativamente novas como o *Kolonie-Zeitung* um importante jornal fundado em 1862 e que esteve em circulação até 1941 na colônia Dona Francisca, atual cidade de Joinville, fundada em 1851. O jornal que era o mais antigo jornal de matriz germânica em circulação no Brasil, tinha grande tiragem para a época, contando com cerca de 3500 exemplares e contava com correspondente internacional de Hamburgo, na Alemanha. Foi redigido em alemão até a Primeira Guerra Mundial, quando passou se chamar *Actualidade* e ser redigido em português¹³⁴. Até hoje o jornal é considerado

¹³⁰ Idem.

¹³¹ Nome dado à época, a documentos do tipo relatórios. Ver: PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Ouro Preto. Typographia de Silva. 1832.

¹³² BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Catálogo da exposição de história do Brasil**. Introduções de José Honório Rodrigues e de Otaciano Nogueira. Brasília: Editora do Senado Federal, 1998. 3 v

¹³³ Idem.

¹³⁴ UFPR (ed.). **Kolonie-Zeitung**. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/46592>. Acesso em: 14 set. 2021.

um documento importante para a história de Joinville e região. Esses jornais poderiam ser entendidos não só como um símbolo de desenvolvimento, mas como um campo de embates simbólicos e espaço de participação política.

O jornal *Kolonie-Zeitung* tratava do que acontecia, no caso, na colônia Dona Francisca, que era onde o jornal estava inserido, com todas as tramas, mas também evidenciava o comércio na cidade. Contudo, apesar desses documentos não terem sido aproveitados na exposição, demonstram o que os responsáveis¹³⁵, na província de Santa Catarina, por selecionar objetos para a exposição, estavam considerando importante para sua história na época.

Expor mapas e cartas topográficas e hidrográficas, certamente, ajudava a enaltecer e mostrar até onde ia o poder do imperador. O envio de mapas também pode ter relação em demonstrar o estado como parte de uma unidade nacional. O interesse em demonstrar esse poder poderia ser ainda mais compreendido se levarmos em conta que a exposição aconteceu apenas 11 anos após o término da guerra do Paraguai, cujo estopim foi a invasão do território imperial pelo exército do Paraguai por Solano López, que avançou as fronteiras do que é hoje o estado de Mato Grosso, em 1864, motivado por uma série de fatores econômicos, como a disputa por Paraguai e Brasil pelo fornecimento de erva mate no mercado latino-americano.¹³⁶ Segundo Schwarcz no ápice do conflito a imagem do imperador teve uma alta, com a ideia do “líder guerreiro”, entretanto o prolongamento da guerra, o elevado número de mortes, o congelamento das reformas internas e os altos gastos que, segundo a autora foram 614 mil contos de réis, onze vezes o orçamento governamental para o ano de 1864, a imagem do imperador ficou bastante prejudicada.

A despeito da oscilação, a guerra terminava com uma vitória abalada pelo número de mortes e pela crueldade das batalhas. A imagem do imperador também saía abalada; afinal, qual seria o motivo dessa perseguição, que inclusive conseguiu emprestar à memória de López um caráter heróico e patriótico¹³⁷

¹³⁵ Não foi possível localizar uma informação sobre quem era o responsável por essa triagem.

¹³⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 623 p.

¹³⁷ SCHWARCZ, 1998, p. 313

Sem dúvidas, a demonstração de força do Imperador passava também pela grandeza de seu império, simbolizada por plantas e mapas de um imenso território que se consolidava pela presença de pessoas que habitavam e cultivavam a terra.

A relação de itens enviados e expostos permitiu que fosse encontrada parte do acervo da exposição por meio do portal “Biblioteca Sophia” anexada ao acervo digital da BN. Os nomes dos itens catarinenses foram colocados no site do portal, com o filtro da data da exposição, mas não foram encontrados resultados. Porém, quando é pesquisado “Exposição 1881” na barra de pesquisa, aparecem 115 itens relacionados ao país todo, o equivalente a 0.56% do total de itens que foram enviados ao Rio de Janeiro para serem expostos. Destes 115 itens, 66 são gravuras, 26 livros, 9 fotografias, 7 manuscritos, 6 desenhos e periódicos, em português, espanhol, francês e inglês; documentos esses enviados para a exposição e, posteriormente, incorporados ao acervo da Biblioteca Nacional.

Tendo como referencial os valores identificados por Riegl¹³⁸ é possível pensar em quais deles poderiam ser atribuídos a cada tipo de item enviado à exposição, podemos compreender facilmente o valor histórico atribuído como o próprio título da Exposição evidencia, mas também um valor artístico relacionado às obras de arte que foram enviadas.

A julgar pelo número de itens enviados em relação ao número de itens catarinenses expostos, podemos supor que Santa Catarina não estava em sintonia com o que a exposição queria demonstrar como detentor de valor histórico, talvez pela posição da província na época, ocupando um papel secundário e voltado para o mercado interno. A Bahia, por exemplo, uma província com muito mais relevância no contexto imperial, teve mais de 20 itens expostos entre documentos geográficos, documentos estatísticos, memórias escritas, legislação e obras de arte, ou até mesmo a exemplo de Minas Gerais que teve 7 itens expostos entre mapas, cartas topográficas, documentos relacionados à província e plantas baixas. Além do que, ao identificar os valores atribuídos ao patrimônio histórico catarinense, talvez seja possível entender qual o discurso que a província estava construindo com esses itens.

3.5 O álbum de Fotografias

¹³⁸ RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Analisaremos detalhadamente um conjunto de oito imagens catarinenses enviadas para a exposição, especificamente sobre a Colônia Dona Francisca, que se encontram disponíveis no portal Brasileira Fotográfica. Essas fotos são pertencentes à Biblioteca Nacional e fazem parte do álbum intitulado “Vistas Fotográficas da Colônia Dona Francisca”, produzidas na década de 1860 por Louis Niemeyer, diretor da Colônia de 1860 até 1873. Segundo Wanderley¹³⁹ o álbum foi dedicado ao imperador Dom Pedro II e passou a fazer parte da coleção Dona Thereza Christina Maria¹⁴⁰ hoje pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional. Ainda segundo a autora, as fotos, de Santa Catarina, foram enviadas à exposição de 1881 pelo próprio Imperador, contudo, não constam do Guia da exposição. Provavelmente as fotos foram enviadas pelo imperador à Biblioteca Nacional, já que não há registro das fotos no catálogo de itens enviados pela província catarinense. Em algumas fotografias há datas e outras não, porém não há uma data de envio dessas imagens ao imperador. Possivelmente foram enviadas entre 1868 e 1873, data de chegada de um dos imigrantes que tem sua casa fotografada.

O álbum traz 8 imagens de casas, igreja, imigrantes e um engenho, a fim de exemplificar a possível representação do fotógrafo sobre a Colônia.

Segundo Boris Kossoy¹⁴¹ as fotografias são fragmentos de um passado, que passam por um filtro, o filtro cultural do fotógrafo, que por meio dos planos e dos ângulos, cria uma narrativa naquele pequeno espaço temporal que fica congelado. Entretanto, ao trabalhar com imagens que foram enviadas ao imperador do Brasil e que fazem parte de uma coleção, podemos admitir que essas imagens passam por um segundo filtro, o do colecionador.

Ao constituir uma coleção, de quaisquer objetos, retiramos dele seu uso principal e lhes atribuímos um status de preciosidade ou de raridade, uma coleção procura manter o valor de troca dos objetos, porém sem dar-lhes um valor de uso¹⁴². Kossoy atribui uma série de fatores a este fenômeno de, ao colecionar algo, torná-lo raro.

¹³⁹ WANDERLEY, Andrea C. T. **Exposição de História do Brasil de 1881-1882**. 2019. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=exposicao-de-historia-do-brasil-de-1881-1882>. Acesso em: 07 nov. 2021.

¹⁴⁰ A coleção Dona Thereza Christina Maria é composta de 23 mil fotografias pertencentes ao imperador e doadas, por ele, à Biblioteca Nacional em 1891, já quando se encontrava na Europa, no exílio. Tais fotografias, frutos das viagens de D Pedro II, retratavam aspectos do Brasil e do mundo no século XIX: vistas do Brasil, acontecimentos históricos, personagens, fotografias científicas e curiosidades. Esta coleção recebeu o Registro Internacional de Memória do Mundo em 2003 devido à importância e diversidade dos registros fotográficos que ela compõe. Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 623 p.

¹⁴¹ KOSOY, Boris. **Fotografia e História**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. 179 p.

¹⁴² POMIAN, Krzysztof. **Coleção**. Enciclopédia Einaudi, v. 1, p. 51-86, 1984.

Diz-se também que certas peças de coleção são fonte de prazer estético; que outras - e por vezes são as mesmas - permitem adquirir conhecimentos históricos ou científicos. Enfim, observa-se que o facto de as possuir confere prestígio, enquanto testemunham o gosto de quem as adquiriu, ou as suas profundas curiosidades intelectuais, ou ainda a sua riqueza ou generosidade, ou todas estas qualidades conjuntamente.¹⁴³

Os objetos que saem do circuito de atividades econômicas e são guardados com uma proteção especial, estão para Pomian¹⁴⁴, como uma coleção de coleções, que é o que vemos nessas fotografias que passaram a pertencer à coleção do Imperador Dom Pedro II. Contudo, essas fotografias comunicam uma memória, mais precisamente uma memória cultural.

Partindo para as fotografias, podemos começar pela foto de um engenho de açúcar (Figura 6) que pertencia ao Duque D'Aumale, irmão do príncipe de Joinville, marido da Princesa Dona Francisca, irmã do imperador. A Figura 6 mostra, ao fundo, uma grande construção com alguns instrumentos à frente, o que chama a atenção é a pessoa à esquerda que está com uma vestimenta muito diferente das demais, muito bem-vestida, com suas calças brancas, colete, chapéu e um casaco longo. Provavelmente essa pessoa que aparece em segundo plano, mais perto do fotógrafo do que os demais que estão juntos à construção é o dono do engenho, o Duque D'Aumale, que adquiriu as terras onde estava o Engenho de seu irmão, o príncipe de Joinville, ou o administrador do Engenho.

A propriedade do Duque em Joinville era chamativa por seu tamanho, segundo Ficker¹⁴⁵ a propriedade já tinha um aspecto fabril, com chaminé alta e com acomodação para os funcionários, além de muitas ferramentas e uma vasta plantação ao longo do Rio Cubatão.

A montagem da caldeira e das máquinas, para a fabricação de cachaça e açúcar, prosseguia em ritmo normal, oferecendo a fazenda do Duque d'Aumale, em meados de 1866, um aspecto fabril, com a sua chaminé alta, a casa de máquinas e diversas dependências para acomodação dos trabalhadores, petrechos agrícolas, cavalos e bois. Grandes áreas foram desmatadas e transformadas em pastos. As plantações de cana-de-açúcar se estendiam ao longo do Rio Cubatão.¹⁴⁶

¹⁴³ POMIAN, 1984, p. 54

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ FICKER, Carlos. **História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca**. 2. ed. Joinville, SC: Letradágua, 2008.

¹⁴⁶ FICKER, 2008.p. 250



Figura 6:Engenho d'assucar de S. A. R. o Duque de Aumale: perto da rua da Ilha ao lado esquerdo do Cubatão, 1866. Joinville, Santa Catarina/ Acervo BNDigital

Segundo Wanderley¹⁴⁷, o autor das fotografias, Louis Niemeyer foi diretor da colônia Dona Francisca de 1860 até 1873 e, em 1871, enviou um ofício ao governo imperial tratando do desenvolvimento da agricultura em Santa Catarina, reivindicando um pouco mais de atenção do governo imperial em relação à economia da província, principalmente da colônia em que ele era diretor. Sendo assim, se a ideia era demonstrar o desenvolvimento da província catarinense e principalmente da Colônia na área agrícola, nada mais interessante que dedicar ao próprio imperador uma imagem de um engenho de açúcar e de alguém de tamanha importância como o Duque, talvez, seria uma forma, até mesmo, de cobrar do Imperador mais verbas para a região.

A Figura 7 é a única foto do álbum que tem como foco principal a figura humana. São 5 homens em um plano fechado, armados com seus rifles ou empunhando ferramentas e olhando diretamente para o fotógrafo, dos cinco homens, apenas um é identificado tanto com seu nome como sua profissão, o Engenheiro alemão A. Wunderwald, que se encontra agachado à frente de seus companheiros.

A imagem dos imigrantes quase como desbravadores, representa os colonizadores alemães que por aqui se instalaram como os conquistadores de uma terra ainda inexplorada.

¹⁴⁷ WANDERLEY, Andrea C. T.. **Exposição de História do Brasil de 1881-1882**. 2019. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=exposicao-de-historia-do-brasil-de-1881-1882>. Acesso em: 07 nov. 2021.



Figura 7: O Engenheiro A. Wunderwald com seus companheiros, 1866. Joinville, Santa Catarina / Acervo BNDigital

Com a visão desses desbravadores, podemos pensar que a imagem tinha a intenção de demonstrar a conquista de terras inóspitas, habitadas por animais selvagens e indígenas, já que no século XIX, os indígenas eram considerados selvagens e que precisariam ser civilizados. A. Wunderwald foi um engenheiro importante para a colônia Dona Francisca, sob suas ordens em 1855 deu-se início à construção de uma estrada para transpor a Serra do Mar, a Estrada Dona Francisca, e que alcançava o planalto, possibilitando o escoamento da produção não só da Colônia, mas de toda a região nordeste da Província de Santa Catarina¹⁴⁸.

As demais fotos do álbum são de casas. Ao todo são 5 fotos de casas, todas atreladas ao nome dos seus donos e aos ofícios deles, dentre elas, talvez os exemplos mais conhecidos sejam a casa de Ottokar Dörffel (Figura 8), político influente na Colônia, fundador do principal jornal da época, o *Kolonie Zeitung* e cônsul de Hamburgo; sua casa atualmente abriga o Museu de Arte de Joinville (MAJ).

¹⁴⁸ VIEIRA, C. V.; GUEDES, Sandra P. L. C. **Mapeamento das rotas dos viajantes estrangeiros na baía da Babilonga entre os séculos XVI e XIX**. Caderno de Iniciação à Pesquisa (UNIVILLE), v. 7, p. 306-309, 2005.



Figura 8: Casa do Snr. O. Dörffel, caixeiro da direção e consul de Hamburgo. Joinville, Santa Catarina / Acervo BNDigital

A outra residência fotografada foi a casa da direção da Colônia (Figura 9), que tinha como proprietário Léonce Aubé¹⁴⁹, que era representante do príncipe de Joinville e do Duque d'Aumale, e que ocupou o cargo de diretor da colônia até 1860 quando pediu demissão e foi substituído por Louis Niemeyer. Essa residência abriga o Museu Nacional de Imigração e Colonização (MNIC).

¹⁴⁹ FICKER, Carlos. **História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca**. 2. ed. Joinville, SC: Letradágua, 2008.



Figura 9: Casa da direcção: dono o Snr. L. Aubé, 1866. Joinville, Santa Catarina/ Acervo BNDigital

A casa da Figura 10 pertencia a Henrique Jordan, influente negociante de Joinville. Localizada na “rua do Caxoeira”, atual rua Princesa Isabel, próxima ao rio de mesmo nome e que corta o centro da cidade. Assim como o Duque, Jordan era alguém com bastante poder financeiro na Colônia, era um dos sócios da Companhia Industrial, uma empresa exportadora de erva-mate. Mesmo depois que a Companhia se desfez, Jordan ainda continuou como comerciante e exportador de erva-mate.¹⁵⁰

¹⁵⁰ Idem.



Figura 10: Casa do Snr. Jordan, negociante, rua do Caxoeira. Joinville, Santa Catarina / Acervo BNDigital

Essa imagem é interessante por alguns fatores, apresenta algumas casas em volta, um cavalo amarrado à frente da casa, onde também se pode ver duas mulheres e um homem vestidos com trajes que não remetem a um trabalho braçal. Além de demonstrar a ocupação demográfica da região, com as casas, a foto pode utilizar do fato dessa edificação ser uma casa grande, aparentemente bem construída, para demonstrar o desenvolvimento econômico da Colônia. As fotos mostram casas de comerciantes (Figura 10, 11 e 12) e de pessoas importantes na colônia, como os já citados Ottokar Doerffel e Leonce Aubé (Figura 8 e 9) de uma indústria (Figura 6) e o empenho da Colônia em desbravar o sertão e providenciar infraestrutura para o desenvolvimento econômico regional (Figura 7).



Figura 11: Casa do Snr. Richlin, sapateiro, rua do Principe. Joinville, Santa Catarina / Acervo BNDigital

Jacob Richlin, cuja residência aparece na Figura 11, por sua vez, era um imigrante que chegou à Colônia em 1851, com 28 anos de idade, segundo a lista de imigrantes¹⁵¹ chegados na Colônia Dona Francisca. Um sapateiro protestante que viajou na 1ª classe, o que pode indicar seu nível de poder econômico, já que os operários, pedreiros e lavradores, funções mais simples na época, ocupavam a 3ª classe dos navios.

Na Figura 12 é possível observar outra casa com um bom padrão para a época, pertencente a G. Hasse, um comerciante de 37 anos vindo também de 1ª Classe no navio que o trouxe da Europa para o Brasil. Hasse chegou à Colônia em 1868, assim, essa foto foi produzida entre 1868 e 1871, quando o álbum foi enviado ao Imperador.

¹⁵¹ ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE. **Lista de Imigrantes**. Joinville. 2016



Figura 12: Casa do Snr. G. Hasse, negociante, rua do Príncipe. Joinville, Santa Catarina / Acervo BNDigital

É possível presumir que ao fotografar essas casas, o diretor da colônia, além de chamar a atenção para o desenvolvimento econômico da localidade, como já citado, poderia demonstrar a diversidade de atividades comerciais da Colônia, desde um grande comerciante de erva mate, um fabricante de sapatos e um negociante que havia chegado recentemente.

Por fim, a Figura 8 retrata uma igreja católica ao fundo, com um cemitério em primeiro plano, e uma grande árvore. A questão interessante é, se a maioria dos imigrantes europeus eram possivelmente seguidores do protestantismo e a Colônia possuía uma casa de oração, por que tirar uma foto de uma igreja católica? Não se pode esquecer que o catolicismo era a religião oficial do Império brasileiro e essa era a igreja católica da Colônia.



Figura 13: Igreja Catholica da rua da Telheira, 1866. Joinville, Santa Catarina / Acervo FBN

Infelizmente não saberemos com toda certeza quais eram as intenções, representações, memórias e filtros culturais dos quais o fotógrafo se apropriou, porém podemos levantar hipóteses com base no que já conhecíamos daquela época, no caso da imagem da igreja, poderia sim haver a intenção de Louis Niemeyer fotografar uma igreja católica a fim de criar uma identificação com o imperador e também mostrar que um dos requisitos do Contrato de Colonização firmado entre o Império e a Companhia Colonizadora de Hamburgo, que colonizou a região, o de construir uma igreja católica, havia sido cumprido.¹⁵²

3.6 Uma exposição de história de presente para o imperador.

Ao analisar o contexto da exposição e da intenção de comemorar o aniversário do imperador do Brasil, algumas questões podem ser levantadas. Como por exemplo, qual a importância de presentear o Imperador com uma exposição de História do Brasil? Qual a memória que se desejava construir acerca do império e do imperador?

¹⁵² FICKER, Carlos. **História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca**. 2. ed. Joinville, SC: Letradágua, 2008.

Para entender essas ligações, precisamos salientar que o Imperador Dom Pedro II era um homem entusiasta da ciência e que se envolveu em vários projetos para o desenvolvimento científico brasileiro, como um grande protetor do IHGB, que tinha como objetivo salvaguardar os documentos importantes para a história da nação. Além da história da nação, o imperador também se interessava pela história como um todo, trazendo, inclusive, múmias em uma de suas viagens para o Egito, que foram incorporadas ao acervo do Museu Real¹⁵³. Além de entender a afeição do imperador pelas ciências, temos o contexto das comemorações, dentre os vários rituais comemorativos e fúnebres públicos em que Estado e Igreja estavam relacionados, os aniversários de Dom Pedro II eram festejados de manhã até a noite no dia 2 de dezembro, com imagens do imperador pelas ruas e iluminação especial em prédios públicos¹⁵⁴.

Essas festividades acabavam por formar uma memória histórica acerca do imperador e do próprio Império. Halbwachs¹⁵⁵ define a memória histórica como uma memória ligada a uma cronologia e à existência de uma história. Para o autor há um sentimento de pertencimento nessas memórias que são coletivas. Acreditamos que nesse contexto, forma-se uma memória histórica associada ao imperador, sendo então memórias coletivas, produzidas por todo o aparato do Império e que as comemorações públicas imperiais reafirmavam, como uma divulgação para a memória autobiográfica do Imperador Dom Pedro II.

Para Halbwachs a memória autobiográfica, ou seja, a memória que conta a vida de um indivíduo e a memória histórica têm uma forte relação, no caso do imperador, estas memórias foram construídas retratando o imperador como um apreciador da ciência, pois a memória de uma vida possui uma história, um passado esquematizado, denso e um presente e futuro narrado de forma contínua

[...] uma (memória) interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso.¹⁵⁶

¹⁵³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 623 p.

¹⁵⁴ BASILE, Marcello Otávio Neri de Campos. Festas cívicas na Corte regencial. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 494-516, jul/dez. 2006.

¹⁵⁵ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Vértice, 1990.

¹⁵⁶ HALBWACHS, 2004, p. 59.

Pollak¹⁵⁷ também faz alusão à relação entre a memória coletiva e a história, quando atribuímos um valor a um passado, como tempos sombrios, ou época de ouro, estamos fazendo muito mais relação com uma memória histórica/coletiva do que somente com a história que se quer contar e isso é extremamente importante quando falamos na manutenção das memórias acerca do imperador e seu Império.

A memória segundo Halbwachs, que também é citado por Pollak é como uma estrada de mão dupla, entre o individual e a memória coletiva, pois ao mesmo tempo que o indivíduo tem suas particularidades que o fazem ter uma memória diferente, está inserido em um grupo que compartilha as memórias com o indivíduo que, por sua vez, compartilha suas memórias com ele, e são alimentados pela sua memória. Segundo o autor, você dificilmente terá uma memória somente sua, pois enquanto ser sociável inserido em um grupo social, tem referências e se baseia nas memórias desse grupo.

Assim compreendemos a dinâmica da memória criada pelos institutos de memória e história no Brasil do século XIX, quando, por exemplo, o IHGB e a Academia Imperial de Belas Artes - AIBA trabalhavam juntos para reproduzir também nas artes uma visão de história oficial a partir das pinturas produzidas na Academia¹⁵⁸. Criaria-se uma memória, uma história unificada de nação, extinguem-se os conflitos de poder e sociais que os mais diversos grupos travam sobre essa nação unificada e pacífica, e então a memória histórica se mescla com a memória autobiográfica.

A memória e o esquecimento detêm um poder no seu âmbito coletivo, não que todos os indivíduos dividam a mesma memória, mas que a memória seja controlada ou manipulada em sua coletividade. E isso é alvo de estudos e de confrontos sociais para ter o poder dessa memória.

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.¹⁵⁹

¹⁵⁷ POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10,1992.

¹⁵⁸ VIERTTEL, Guilherme; GUEDES, Sandra P.L. de Camargo. A obra *Combate Naval do Riachuelo* como lugar de memória da Guerra do Paraguai. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 180, n. 481, p. 95-120, set/dez. 2019

¹⁵⁹ LE GOFF, 2010, p. 422

No século XIX a memória histórica ganha uma face nacional e de comemoração como um instrumento de suporte para a história da nação. Para isso criam-se vários instrumentos para essa memória se tornar hegemônica atendendo a essas nações e um novo simbolismo que emerge na Europa:

A comemoração apropria-se de novos instrumentos de suporte: moedas, medalhas, selos de correio multiplicam-se. A partir de meados do século XIX, aproximadamente, uma nova vaga de estatuária, uma nova civilização da inscrição (monumentos, placas de paredes, placas comemorativas nas casas de mortos ilustres) submerge as nações europeias. Grande domínio em que a política, a sensibilidade e o folclore misturam-se e que espera os seus historiadores.¹⁶⁰

Os indivíduos que fazem parte de um grupo social criam representações das origens, história e natureza desse grupo baseadas em memórias por eles compartilhadas e por quem está no domínio da ação política, dando origem à legitimação dos desejos nacionalistas; no domínio da ação cultural, podemos entender os discursos veiculados pelas coletividades territoriais, estados, museus e patrimoniais. Assim, cria-se o objetivo e a necessidade de conservar, restaurar ou valorizar a identidade compartilhada pelos integrantes do grupo e os seus ancestrais¹⁶¹.

A partir dessa discussão podemos compreender o porquê de presentear o imperador do Brasil com uma exposição de história. A ativação da memória através de uma exposição e dos discursos que ela possibilita. Percebemos então, a possível intenção da Biblioteca Nacional em demonstrar todo o poder do imperador e do Império por meio dos documentos, iconografias e mapas, e todo o desenvolvimento da nação por meio da história e sem esquecer do objetivo de Muniz Galvão de enriquecer o acervo documental da Biblioteca Nacional.

3.7 Considerações finais do artigo

A partir do que vimos podemos estabelecer uma questão que irá guiar as considerações acerca do patrimônio cultural catarinense enviado à exposição de História do Brasil de 1881. Podemos entender o que era considerado documento de conteúdo histórico para a província no contexto de uma exposição nacional: documentos, mapas, legislação, documentos escritos, muitas vezes oficiais.

¹⁶⁰ LE GOFF, 2010. p. 458

¹⁶¹ CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução de Jaime Pinsky. São Paulo: Contexto, 2011.

Através do Guia da Exposição, onde há a relação de itens expostos, percebe-se que os organizadores da exposição, atribuíram os valores históricos, artísticos e de novidade aos itens enviados por todo o país. Expondo itens raros sobre a história do Brasil, ou obras clássicas sobre a nação e a produção intelectual representada por diversos documentos.

Ao analisar as fotografias de uma das colônias catarinenses enviadas para a exposição, mas que não foram expostas, podemos perceber uma memória cultural sendo reafirmada e transmitida por meio dessas fotografias, estão inerentes à intervenção de quem as produziu, que com sua visão de mundo filtrou o que preservar e o que deixar ser esquecido com o passar dos anos.

Percebemos também a demonstração de vários aspectos da colônia Dona Francisca, como se através das fotos, se fizesse uma grande propaganda do desenvolvimento industrial com o seu engenho e do seu comércio com várias fotos de casas de comerciantes. Afinal, ao diretor da colônia interessava que se demonstrasse que a colônia estava se desenvolvendo e que merecia mais investimentos por parte do governo imperial.

Também se demonstra a visão do desbravador aventureiro que era atribuída aos imigrantes e que estava presente em tantos discursos sobre a imigração europeia para Santa Catarina. Por outro lado, as armas podem representar a defesa contra animais ferozes ou a violência contra a população que aqui já estava quando os imigrantes chegaram, já que a ideia de se levar a civilização e o progresso muitas vezes significava espantar ou exterminar os indígenas.

Talvez, todas essas demonstrações, memórias e representações registradas nessas fotos e nos itens que constam no catálogo que foram enviados para a Exposição de História do Brasil de 1881 podem reforçar as hipóteses que foram levantadas, principalmente dos valores históricos dos documentos e a intenção de, no caso das fotografias, chamar atenção do governo imperial e de criar um vínculo para atrair investimentos para a colônia.

Por fim, a fotografia se mostra um documento rico em detalhes quando analisamos o contexto em que foi produzida. Ela quebra a lógica do tempo, que sempre tem pressa e quer passar, apresenta uma dimensão palpável e visual de uma cidade há cento e quarenta anos e que representa uma parcela do que era a província catarinense. As imagens se relacionam com o catálogo de forma com que as hipóteses levantadas sobre o motivo do envio desses documentos se assemelham, demonstrando a relação entre as fotografias e o documento principal que

trabalhamos, o catálogo, em seus três tomos, que dão uma ideia do que cada província considerou importante enviar. O que inclusive abre espaço para que outros trabalhos abordem esse tema, relacionando-o com outros estados do Brasil.

4. O PATRIMÔNIO CULTURAL DE SANTA CATARINA NA EXPOSIÇÃO DE PARIS DE 1889

Resumo: O presente artigo pretende compreender a participação de Santa Catarina e a atribuição de valor ao patrimônio catarinense na Exposição Universal de Paris em 1889. A metodologia é de caráter qualitativo e documental. Os documentos analisados foram o Catálogo do Império Brasileiro na Exposição de Paris e fotografias da exposição pertencentes aos acervos da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional. A busca por tais documentos foi feita por meio de acervos virtuais das duas instituições e da Biblioteca Nacional Francesa. Os resultados encontrados foram a imagem que o Brasil queria demonstrar, como um império civilizado, tecnológico e científico, contudo o país acabou com uma representação de um país rural e rico em matérias primas de origem natural, mesmo não sendo excludentes, não era o objetivo do governo imperial. Santa Catarina acaba contribuindo com essa representação do país pois nota-se a importância dada aos itens de origem natural como por exemplo, cereais, grãos, leites e que receberam uma valoração econômica e ligada ao progresso da província. Destaca-se o valor histórico atribuído a objetos arqueológicos provenientes de Sambaquis e enviados a Paris.

Palavras-chave: Exposição Universal, Patrimônio Cultural, Santa Catarina; Paris.

Abstract: The present paper seeks to comprehend the participation of Santa Catarina and the valorization of the province's cultural heritage in the Universal Exhibition of Paris in 1889. The methodology applied is of qualitative and documentary research. The documents analyzed were the "Catálogo do Império Brasileiro na Exposição de Paris" and photographs of the exhibition belonging to the inventory of the Biblioteca Nacional and Arquivo Nacional. The search for these documents was made through the virtual acquis of both institutions and of the French National Library. The results found was the image that Brazil wanted to show, as a civilized, technological and scientific empire, although it ended being recognized as a country rich in rural land and natural resources. Santa Catarina contributes to this representation of the empire due to the importance given to items of natural origin, such as cereals, grains and milk, which received economic valuation and are related to the progress of the province. There is emphasis on the historical value attributed to archeological objects originated from Sambaquis and sent to Paris.

Keywords: Universal Exhibition, Cultural Heritage, Santa Catarina; Paris.

4.1 Introdução

Entre 6 de maio e 31 de outubro de 1889, na capital francesa, Paris, acontecia uma edição da Exposição Universal. A Exposição de Paris comemorava o centenário da revolução francesa e engrandecia a república, sendo, por isso, boicotada por diversos impérios pelo

mundo. Contudo, o Brasil resolveu participar mesmo sendo uma monarquia, situação política que mudaria em alguns meses. Segundo o site francês *Un Jour de plus à Paris*¹⁶², a quarta exposição universal organizada pelo país, que tinha como tema a Revolução Francesa, além de comemorar o centenário da revolução, queria demonstrar o progresso da república francesa.

Quatrième Exposition Universelle organisée par la France, l'Exposition universelle de Paris de 1889 (6 mai – 31 octobre) fut placée sous le thème de la “Révolution Française”. Un évènement international qui, en plus de célébrer le centenaire de la Révolution, avait pour objectif d'afficher aux yeux du monde le progrès de la France Républicaine.¹⁶³

Participaram da exposição 35 países e reuniu cerca de 61.722 expositores com mais de 32 milhões de visitantes. Porém a participação do Brasil na exposição foi um pouco complicada no início, segundo Barbuy¹⁶⁴, o Brasil e vários países americanos demoraram para responder sobre a sua participação no evento, o que acabou fazendo com que esses países fossem alocados muito próximos à torre Eiffel, em um local que inicialmente seria destinado a jardins e restaurantes. Também houve, no caso do Brasil, um atraso na preparação do pavilhão, sendo finalizado cerca de um mês depois do início da exposição.

O objetivo deste artigo é compreender como ocorreu a atribuição de valores ao Patrimônio Cultural pelas partes que fizeram o envio dos itens brasileiros a Paris, especialmente aqueles pertencentes à Santa Catarina.

As exposições universais do Século XIX eram uma manifestação do que se entendia por progresso no âmbito científico e industrial¹⁶⁵. Conceitos como o livre mercado e o cosmopolitismo foram disseminados, ultrapassando as fronteiras dos países e, por essas ideias, as exposições são conhecidas como “Espetáculo da Modernidade” e a “Festa do Progresso”.

Essas exposições eram também uma “Festa do capitalismo”, com os ideais econômicos regendo as interações do evento. Eram momentos em que se negociavam máquinas, matérias

¹⁶² Un Jour de Plus a Paris. **L'Exposition Universelle de 1889**. 2021. <Disponível em: <https://www.unjourdeplusaparis.com/paris-reportage/exposition-universelle-1889>>. Acesso em 20/12/2021.

¹⁶³ UN JOUR DE PLUS A PARIS, 2021

¹⁶⁴ BARBUY, Heloísa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. In: Anais do Museu Paulista. **Anais**. São Paulo. N. Sér. v.4 p.211-61 jan./dez. 1996.

¹⁶⁵ Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Contemporânea do Brasil. **Exposições Universais**. <Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/ExposicoesUniversais>>. Acesso em: 20/12/2021

primas e apresentadas patentes, dentre outras novidades¹⁶⁶. O público dessas exposições era bem variado, contando com empresários, inventores, políticos, consumidores e observadores de diferentes países. Os países sedes queriam se mostrar como centros da civilização ocidental e buscavam novos mercados para expandir as vendas de suas mercadorias ao mesmo tempo em que firmavam novas alianças para a aquisição de matérias-primas.

Os países que mais sediaram exposições buscavam mercados consumidores para suas mercadorias e novos fornecedores de matérias-primas, já os países com menor potencial industrial buscavam mecanismos para se inserirem no sistema fabril. Um dos problemas do capitalismo do século XIX não era apenas encontrar produtores e aumentar sua força de produção. Sua demanda emergencial era descobrir consumidores espalhados pelo mundo. Esta relação entre países ricos em condições de realizar e bancar os gastos com as Exposições resvala-se nos países fornecedores de matéria-prima que viam nestes Eventos uma oportunidade de oferecer seus produtos agrícolas e compartilhar das últimas descobertas científicas.¹⁶⁷

Os itens enviados pelos países tinham vários objetivos, os principais eram ligados a descrever o país de origem e demonstrar o que se tinha de exótico, ou de valioso, a ideia era demonstrar a nação de forma geral, quase de maneira enciclopédica, enquanto o país sede criava a ilusão de apresentar o mundo em apenas alguns pavilhões¹⁶⁸.

O principal documento utilizado para a análise foi o Catálogo oficial do Império do Brasil, disponível em francês no site da Biblioteca Nacional da França¹⁶⁹. O documento tem 204 páginas e conta com a listagem completa dos itens que foram expostos pelo Brasil na França, além de uma brevíssima apresentação do Brasil, mostrando a organização do país para participar do evento e até uma espécie de contrato de participação, dispondo de artigos regulamentando as ações do governo imperial para a exposição, assinada pela Princesa Imperial e, na época, Regente, Isabel, e Antônio da Silva Prado, Advogado, Empresário, Senador do Império em 1886 e conselheiro do Império em 1888.

¹⁶⁶ SANTOS, Paulo Cesar dos. Um olhar sobre as Exposições Universais. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. *Anais*. Natal: Anpuh, 2013. p. 1-15.

¹⁶⁷ SANTOS, 2013. p. 9

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. *Exposition Universelle de Paris: empire du Brésil*. Paris: A, 1889. 206 p.

O Brasil teve um início de participação conturbada em 1889, com várias discussões no Senado sobre a participação ou não do Brasil o que fez com que o país atrasasse em um mês a construção do seu pavilhão, ficando com os espaços que sobraram e que eram destinados inicialmente a jardins e restaurantes.

Como o Brasil e outros países americanos demorassem a responder ao convite oficial acabou-se destinando às suas representações justamente a área que ainda estava livre inicialmente prevista exclusivamente para jardins e restaurantes próxima à Torre Eiffel entre esta e o Palácio de Artes Liberais. É por conta desta demora, aliás, que na maior parte das vistas gerais da Exposição distribuídas para divulgação não aparecem os pavilhões latino-americanos (o Pavilhão do Brasil, bem como de outros países latino-americanos, só seria inaugurado em junho de 1889, com cerca de um mês de atraso em relação à inauguração da Exposição, que se dera em 5 de maio daquele ano).¹⁷⁰

A localização, bem próxima à Torre Eiffel, segundo Barbuy¹⁷¹, foi a pedido do próprio imperador do Brasil, que em visita ao mestre de obras responsável pela construção do pavilhão brasileiro, assinou uma carta em que solicitava à organização do evento que o pavilhão ficasse bem localizado e próximo à Torre. Segundo a autora o fato de o próprio imperador redigir e assinar a carta, teria envaidecido os franceses que acataram o pedido do imperador.

Para uma melhor análise da documentação e facilitar na contabilização foram criadas tabelas no *Microsoft Word*, como o nome dos itens enviados para a exposição e o nome dos expositores, facilitando assim o acesso a informações sobre os itens analisados (Apêndices C e D).

Para compreender os valores atribuídos ao patrimônio que foi enviado a Paris, teremos como base o texto de Riegl¹⁷². O autor elenca muitos tipos de valores, mas destacaremos os que mais usaremos neste artigo, como o valor histórico, que visa compreender a origem e a interação humana com determinado objeto e o valor artístico, que está ligado às cores, técnicas, formas e novidade.

¹⁷⁰ BARBUY, 1996. p. 213 – 214

¹⁷¹ BARBUY, Heloísa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. In: Anais do Museu Paulista. **Anais**. São Paulo. N. Sér. v.4 p.211-61 jan./dez. 1996.

¹⁷² RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

É importante destacar logo no início do texto o que entendemos como Patrimônio, pois alguns itens que serão identificados aqui, não eram considerados patrimônio no século XIX, não oficialmente, mas podemos perceber a atribuição de algum valor a eles. Seguindo Fonseca¹⁷³, consideramos o patrimônio histórico, artístico, natural, material, imaterial e outros tantos, como partes do Patrimônio Cultural e tudo isso só se torna patrimônio ao ter uma importância social. Esse tipo de visão nos permite entender o sistema de valoração na época, mesmo que não fossem considerados patrimônio de forma oficial.

A metodologia utilizada foi a de análise documental que, segundo Barros¹⁷⁴, deve ser feita a partir de perguntas básicas ao documento, como: “Quem é o autor”, “O que se queria com esse documento”, “Qual contexto”, “Onde” e “Quando”.

Os objetos provenientes da província foram localizados no Catálogo Oficial do Império do Brasil, listados e identificados pelo nome do objeto em tradução livre já que o catálogo está em francês. Alguns quadros foram desenvolvidos para facilitar a análise do documento, como por exemplo um quadro com os nomes dos expositores catarinenses, seguidos pelos respectivos números de “classes”, esses quadros estão disponíveis nos Apêndices C e D.

O catálogo é dividido por classes, seguindo a mesma linha dos departamentos na Exposição americana, essas classes se referem à categoria em que cada item foi classificado, porém, diferentemente da exposição da Filadélfia, não temos subitens nas classes, como por exemplo, a classe 1, “Pintura a óleo”, classe 2, “Pinturas e desenhos variados” e assim por diante.

Por fim foi feito um gráfico relacionando cada expositor à classe em que seu item foi atribuído, dando uma dimensão da quantidade de itens enviados pela província de acordo com qual tipo e também uma ideia de qual tipo de item foi mais enviado. O próximo passo foi a classificação e a análise dos dados.

¹⁷³ FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: Por uma concepção ampla do Patrimônio Cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 49-58.

¹⁷⁴ BARROS, José D’Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 977-1005, set. 2013

As informações sobre os itens enviados por Santa Catarina foram cruzadas com a historiografia, especialmente bibliografias sobre a economia provincial da época a fim de saber a importância desses itens para a província catarinense.

4.2 O Brasil na Exposição de Paris de 1889

Assim como na Exposição da Filadélfia de 1876¹⁷⁵, o Brasil também teve uma grande organização logística para que os objetos fossem recolhidos, catalogados, escolhidos e enviados para a exposição de Paris em 1889. A organização toda começou com o governo imperial por meio de seus ministérios, principalmente o Ministério dos Negócios Interiores e o Ministério da Agricultura, comunicando as províncias sobre a participação na Exposição e requisitando objetos para serem enviados para Paris. Para isso, seriam realizadas exposições provinciais, para organizar a participação das vinte províncias na exposição nacional.

Tais exposições nacionais serviriam para selecionar o que seria enviado para representar o país na Exposição Universal, que neste caso aconteceria na França em 1889. Essa Exposição Nacional, também conhecida como exposição preparatória, recebia os itens provenientes das exposições provinciais e era organizada na capital do Império, o Rio de Janeiro.

Contudo, segundo Schwarcz¹⁷⁶, o fato de o pavilhão brasileiro ter ficado, literalmente aos pés da torre como já citado anteriormente, ofuscou a participação do país, já que a grandiosidade da torre acabava apagando o “pequeno” pavilhão e atraía todas as atenções (Figura 14).

¹⁷⁵ Ver o primeiro artigo dessa dissertação “O VALOR DO PATRIMÔNIO CATARINENSE NAS AMÉRICAS: A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DA FILADÉLFIA DE 1876.”

¹⁷⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 623 p.



Figura 14: Exposição Universal de Paris: exposição brasileira – Vista obtida debaixo do pilar oeste da Torre Eiffel, 1889. Paris, França. Fonte: Acervo Arquivo Nacional

Mesmo com o pavilhão estando diminuído diante à imponência da Torre, o Brasil se esforçaria para demonstrar o que tinha de tecnológico, valioso e exótico. A decoração e a organização do pavilhão foi um show à parte, juntamente com seus itens que eram dos mais variados tipos, divididos entre educação, ciência, obras de arte, mobiliário, roupas, indústria extrativista, indústria mecânica e tantos outros.

Mesmo assim, o Brasil não “faria feio”. Ocupava um espaço de 1200 metros quadrados e, desses, quatrocentos eram cobertos. O pavilhão compreendia três andares, galerias e um átrio. O assoalho fora feito de madeira do Brasil executada no Rio de Janeiro. A decoração era também especial: seis estátuas representavam os principais rios do Brasil (Amazonas, Tocantins, Madeira, São Francisco, Parnaíba e Paraná), com plantas, arbustos e grandes ramalhetes.¹⁷⁷

¹⁷⁷ SCHWARCZ, 1998, p. 403-404

A arquitetura do pavilhão do Brasil também chama a atenção e é estudada até hoje, o vencedor do projeto foi um arquiteto francês chamado Louis Dauvergne, que viria a fazer parte do Comitê Franco-Brasileiro. O estilo escolhido para o pavilhão, segundo Barbuy¹⁷⁸, representava um “hispanismo” o que diferia bastante do estilo nacional, mas construía um pertencimento do Brasil à América Latina, referenciando o mourisco, assim como na Filadélfia.

A "hispanidade" do pavilhão brasileiro, embora não correspondesse ao verdadeiro estilo arquitetônico nacional, refletia a visão do Brasil como integrante da América Latina. O estilo "hispânico" podia ser identificado em elementos como a estrutura geral, quadrada, a profusão de arcos, as janelas mouriscas do segundo andar, pela azulejaria em faiança e pelo minarete (torre quadrada de mesquita), com um terraço à frente (este terraço, que dava diretamente para a Torre Eiffel, assim como o minarete, permitia uma visão ampla da Exposição).¹⁷⁹

Para além de toda a beleza da decoração em que o Brasil se apresentava, ainda havia para o deleite dos visitantes, um espaço de degustação, para que todos pudessem experimentar os produtos de origem brasileira como o café, o mate e licores de frutas. Por fim o pavilhão contava com o “Palácio da Amazônia” dedicado à história dos indígenas da Ilha de Marajó, contando com a exposição de urnas funerárias, vasos, estátuas, flechas, máscaras, arcos, retratos de índios botocudos e de índios do Rio Negro e muitos outros itens¹⁸⁰

E o esforço deu resultados. O estande brasileiro conseguiu atrair a atenção dos franceses e chamou a atenção por ser um império latino-americano, particularmente rico em matéria de origem animal e mineral. Com seus produtos naturais, a exposição do Brasil encantava com suas árvores altas e cheias de folhas, suas vitórias régias, o exótico e o natural faziam com que os franceses quisessem conhecer o estande brasileiro e o Palácio da Amazônia.

Mais uma vez a monarquia brasileira não passava despercebida, mas era destacada apenas por um dos seus lados: o caráter exótico. Ninguém falava da civilização que o imperador tanto prezava. Com efeito D. Pedro fizera força

¹⁷⁸ BARBUY, Heloísa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. In: Anais do Museu Paulista. **Anais**. São Paulo. N. Sér. v.4 p.211-61 jan./dez. 1996.

¹⁷⁹ BARBUY, 1996. p. 220 - 221

¹⁸⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 623 p.

nos certames estrangeiros para revelar a faceta progressista de seu Império. Em 1876 inaugurava, com o presidente Grant, uma exposição comemorativa da independência da primeira colônia que impusera o modelo republicano para quase todo o resto da América. Em 1889, rompíamos com o boicote das monarquias, tentando mostrar que éramos “a mais republicana das realezas” e que, em se tratando de direitos humanos, conformávamos mesmo uma monarquia-cidadã.¹⁸¹

Para o desejo do imperador de fazer com que o Brasil fosse visto como um Império moderno, talvez a Exposição não tenha dado certo, entretanto, é importante compreender qual o papel das províncias na construção da exposição brasileira em Paris, para isso, analisaremos o caso de Santa Catarina.

4.3 O papel de Santa Catarina no contexto brasileiro da Exposição

Santa Catarina enviou 41 itens à exposição universal de Paris segundo o Catálogo, embora nem todos os objetos que representassem Santa Catarina tenham sido enviados pela própria província. Alguns objetos, originais dessa província, foram enviados à Exposição por outras instituições como será explicitado adiante.

Santa Catarina teve aproximadamente 21 expositores, dentre colônias, companhias de exportações, fazendeiros e empresários, seus itens estavam subdivididos em classes que eram enumeradas, como a 19, composta por cristais, vidros e vidraçaria; a 67, por cereais; a 45, por produtos químicos e farmacêuticos, entre outras. Contudo, a maior concentração de produtos catarinenses se deu na classe 67, de cereais, seguida pela 69, de grãos, leite e ovos e em terceiro lugar na classe 72, de condimentos e estimulantes¹⁸² (Figura 15)

¹⁸¹ SCHWARCZ, 1998. p. 405

¹⁸² Os estimulantes estão listados sendo, café, licores, vinhos, açucars e melado, além de outros itens.



Figura 15: Expositor por classe. FONTE: O AUTOR

Não é nenhuma surpresa que Santa Catarina tenha seus expositores concentrados em classes relacionadas a produtos agrícolas, como havia ocorrido na Exposição da Filadélfia de 1876, já que Santa Catarina era uma província cuja economia era principalmente agrícola. Na década de 1870, com a chegada de novos imigrantes em Santa Catarina, houve uma diversificação da economia na Província. Segundo Goularti Filho¹⁸³, essa diversidade contribuiu para a difusão de tecnologias.

A chegada de novos imigrantes depois de 1870 contribuiu para diversificar a economia na província, com o surgimento de novas atividades comerciais e artesanais (pequena produção). A presença de várias pequenas atividades mercantis e manufatureiras (artesanato, pequena indústria) contribuiu para gerar uma acumulação pulverizada e lenta. Por um lado, fundamental para criar uma base produtiva diversificada e, por outro, em razão da lentidão da acumulação, um entrave para gerar um comando capaz de conduzir a integração comercial e produtiva. O crescimento de inúmeras pequenas atividades manufatureiras deve ser entendido pelo parcelamento da propriedade, pelo alto grau de difusão tecnológica dos adventos da Primeira Revolução Industrial (facilidade da cópia) e pela tradição dos imigrantes, que

¹⁸³ GOLULARTI FILHO, Alcides. A formação econômica de Santa Catarina. In: **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p 977-1077, 2002.

eram provenientes de regiões industriais da Alemanha e de regiões industriais e agrárias da Itália.¹⁸⁴

Isso explica a variedade de itens enviados, dentre vidraçarias, diamantes, itens com um elevado valor econômico, carvão que era uma forma de geração de energia muito utilizada nos 1800, além de diversos tipos de óleos, amendoim, noz, amido, fubá, araruta, melão, licores, vinho entre outros itens que possuem diferentes formas de se preparar, colher e produzir.

É difícil, no entanto, compreender qual o valor atribuído aos itens naturais, ou até mesmo aos itens manufaturados que serviam para a alimentação. Mas há sempre um valor econômico, e não podemos esquecer que também é um valor atribuído por um grupo social inserido em um contexto histórico.

Um conjunto de itens são muito interessantes de serem analisados não por terem um valor econômico, mas sim por ter um grande valor histórico e também artístico, além provavelmente, serem considerados exóticos na época. Trata-se de um conjunto de itens referentes aos Sambaquis¹⁸⁵, como 8 zoólitos, que são figuras em forma de animais entalhadas em pedra, sendo 5 deles em forma de peixe e 3 em forma de ave, todos feitos em diorito e faziam parte do acervo do Museu Nacional. Esse material foi exposto em uma sessão que dizia respeito a aspectos dos povos nativos indígenas brasileiros.

Também foram expostos machados, pedra de amolar, pesos, rolo de moagem, pilão, e outros artefatos de origem arqueológica que foram enviados pelo Museu Nacional, mas que na descrição do Catálogo têm como origem Sambaquis da Província de Santa Catarina.

Segundo Marta Amoroso¹⁸⁶ há uma ligação entre os itens da Exposição Antropológica de 1882, organizada pelo Museu Nacional, e os itens enviados a Paris em 1889, sendo possivelmente os mesmos objetos. Essa exposição antropológica foi, segundo Amoroso¹⁸⁷, uma

¹⁸⁴ GOULARTI FILHO, 2002. p. 982

¹⁸⁵ Os sambaquis são sítios arqueológicos pré-coloniais que ocorrem em abundância na região costeira do Brasil, especialmente nas regiões Sul e Sudeste. Construídos intencionalmente entre 7.000 e 1.000 anos AP, apresentam-se como acumulações cujo material predominante são conchas de moluscos em meio às quais diversos outros vestígios das sociedades que os construíram estão presentes, como restos de outros animais, artefatos e estruturas de sepultamentos. Ver: COE, Heloisa H. G et al. RECONSTITUIÇÃO PALEOAMBIENTAL ATRAVÉS DE FITÓLITOS NO SAMBAQUI CASA DE PEDRA, SÃO FRANCISCO DO SUL-SC, BRASIL. In: COSTA, Luis Ricardo Fernandes da (org.). **Paleontologia Contemporânea: Diferentes Técnicas e Análises**. Ponta Grossa: Editora Atena, 2020. p. 61-85

¹⁸⁶ AMOROSO, Marta. Crânios e cachaça: coleções ameríndias e exposições no século XIX. **Revista de História**, Universidade de São Paulo, n. 154, p. 119, 30 jun. 2006.

¹⁸⁷ Idem.

espécie de exposição preparatória, mas diferentemente das exposições com itens gerais que eram feitas um ano antes das Exposições Universais, tinha como objetivo preparar as coleções etnográficas do Brasil para ir a Paris.

Como sabemos, as mostras nacionais tinham o sentido de preparar a performance do Brasil nas megaexposições universais. Nestas nos é dado observar o sentido da associação, presente nas mostras nacionais, como a Exposição Antropológica do Museu Nacional de 1882, que prepara posteriormente a performance do Brasil na França, de missionários italianos e populações indígenas do Brasil. Para a Exposição Universal de Paris, de 1889, o Brasil mobilizou esforços para erguer um estande junto à Torre Eiffel, também edificado por ocasião do evento¹⁸⁸

Contudo, mesmo seguindo os rastros da exposição antropológica de 1882 é difícil saber de quais sambaquis os artefatos arqueológicos expostos eram provenientes. Segundo o Guia da Exposição Antropológica Brasileira (1882), os sambaquis de Santa Catarina são referenciados apenas duas vezes: na página 44 temos o item número 89, que diz “Diversos fragmentos de craneos e ossos longos retirados do Sambaqui Magalhães e Roseta, prov. De Sancta Catharina. (M.N.)”, sambaquis localizados em Laguna; a outra citação aparece no item 91 do Catálogo da Exposição Antropológica Brasileira em 1882, descrito como “Diversos specimens de conchas, vertebras do peixe Miragaya e ossos de carnívoros encontrados nos Sambaquis de Sancta Catharina. (M.N.)”. Porém os nomes dos sambaquis não são citados. Segundo a superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em Santa Catarina, até 2014 foram cadastrados 1471 sítios arqueológicos do tipo Sambaqui por todo o litoral catarinense, sendo Laguna e Jaguaruna, as cidades com mais concentração destes sítios¹⁸⁹.

Não há como afirmar de onde esses itens foram retirados, pois em nenhum dos dois catálogos há informações mais específicas sobre os itens expostos. De qualquer forma podemos formar a hipótese desses itens terem origem em sambaquis do sul da província, no vale do Itajaí ou no litoral norte, mais precisamente em São Francisco do Sul, como cita Rebollar e Fernandes¹⁹⁰:

¹⁸⁸ AMOROSO, 2006. p. 127

¹⁸⁹ IPHAN. Patrimônio Arqueológico - SC. 2014. <Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/sc/pagina/detalhes/670>>. Acesso: 17/01/2022.

¹⁹⁰ REBOLLAR, Paola Beatriz May; FERNANDES, Tatiana Costa. A ARQUEOLOGIA EM SANTA CATARINA NO FINAL DO SÉCULO XIX. Revista Memorare, p. 271-280. 2013.

No ano seguinte, 1875, os pesquisadores Carlos Wiener, Carlos Schreiner, Frederico Muller e Silva Ramalho foram convidados pelo diretor do Museu Nacional, L. Neto, para investigar sambaquis no sul do Brasil e coletar materiais para as coleções arqueológicas do mesmo museu. Estudaram nove sambaquis na Ilha de Santa Catarina, Itajaí e São Francisco do Sul, no litoral norte do estado (sambaquis do rio Bahú, da Armação da Piedade, do rio Ratoles, de Sanhassú, de Porto Belo, de Luiz Alves, de Cannas Vieiras, do rio Tavares e do rio Cachoeira).¹⁹¹

Com esses itens podemos compreender o valor histórico (ou arqueológico, sendo mais preciso) a eles atribuídos, segundo as autoras supracitadas, os estudos de Darwin causaram grandes impactos nas discussões evolutivas, de uma visão que tentava explicar a unicidade da origem humana, para uma visão que pretendia compreender a linha evolutiva multilinear, e que em 1860 e 1870 promove um alinhamento de pensamento da arqueologia e a pré-história e o Brasil, possivelmente ansiava demonstrar um desenvolvimento teórico e científico nessa discussão em 1889 com os itens enviados¹⁹².

Os valores que são atribuídos tanto aos itens de Sambaquis quanto aos demais, podem ser percebidos também através das fotografias feitas pelo Brasil na exposição do seu próprio acervo, analisando os ângulos, o enquadramento de um grupo de itens, podemos ter uma ideia do que se pretendia com tais ações.

4.4. O Brasil através das lentes: fotografias do Brasil na Exposição de 1889.

As imagens sobre a participação do Brasil na Exposição Universal de Paris de 1889, estão reunidas em um álbum chamado “Exposição Universal de Pariz, 1889: Exposição Brasileira” (Figura 16), e pertence ao acervo do Arquivo Nacional, disponível no Sistema de Informação do Arquivo Nacional (SIAN)¹⁹³. O álbum dispõe de 67 páginas, incluindo capa, contracapa e dedicatórias.

¹⁹¹ REBOLLAR; FERNANDES, S.D., p. 276

¹⁹² AMOROSO, Marta. Crânios e cachaça: coleções ameríndias e exposições no século XIX. **Revista de História**, Universidade de São Paulo, n. 154, p. 119, 30 jun. 2006.

¹⁹³ Código de referência para acessar o álbum no SIAN: BR RJANRIO 02.0.FOT.494



Figura 16: Exposição Universal de Paris: exposição brasileira [capa do álbum], 1889. Paris, França / Acervo Arquivo Nacional

O álbum analisado contém fotos do interior e do exterior do pavilhão brasileiro, com imagens também dos funcionários que cuidavam dos jardins, da estufa e de membros da comissão franco-brasileira. A arquitetura do pavilhão também tem destaque no álbum com algumas fotografias referentes e, como não poderia deixar de ser, os produtos expostos têm local de destaque, sempre muito bem centralizados no foco da fotografia.

Algumas imagens nos pareceram simbólicas para demonstrar os valores que se pretendiam mostrar na Exposição de 1889. Começamos com a sétima foto do álbum, intitulada “Sala do comitê, Rua Lafayette.” (Figura 17).



Figura 17: Exposição Universal de Paris: exposição brasileira. Sala do Comitê, rua Lafayette, 1889. Paris, França / Acervo Arquivo Nacional

Segundo Claudia Beatriz Heynemann¹⁹⁴, esta fotografia representa um sinônimo da civilidade que D. Pedro tinha o interesse de demonstrar para o mundo, bem como demonstrava o grupo social que os dirigentes pretendiam integrar, uma elite econômica, tecnológica ou até mesmo intelectual. Essa elite e essa civilidade não estavam em sincronia com os itens expostos, que demonstravam um império dos trópicos, com uma produção muito voltada para os itens de origem natural e animal.

Reunidos na sala da rua Lafayette, cinco membros do Comitê se debruçam atarefados sobre a mesa enquanto uma criada permanece à porta. Roupas e decoração, armários e vitrines constituem mais um motivo de interesse para os que se dedicaram a essas imagens, signos de uma civilização que então se celebrava e a qual a classe dirigente brasileira pretendia se integrar. Nesse sentido, uma das principais abordagens sobre a participação de nações como

¹⁹⁴ HEYNEMANN, Claudia Beatriz. **Paris, 1889: o álbum da exposição universal**. 2018. <Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=12604>>. Acesso em: 20/12/2021

o Brasil nas exposições universais refere-se ao descompasso com o centro evidenciado nas vitrines dos exportadores de matérias-primas.¹⁹⁵

A Figura 18 representa a décima terceira do álbum e mostra a fachada de entrada do Pavilhão brasileiro. Um detalhe interessante dessa fotografia é a ausência da Torre Eiffel, o que necessitou de um plano muito fechado, já que o pavilhão se encontrava literalmente aos pés da Torre. Em algumas imagens é possível perceber um esforço do fotógrafo em retirar a Torre da cena, enquanto em outras o fotógrafo se aproveita dela como uma espécie de moldura.



Figura 18: Exposição Universal de Paris: exposição brasileira. Pavilhão do Brasil visto do Pavilhão da República da Argentina, 1889. Paris, França / Acervo Arquivo Nacional

Ainda nessa foto podemos perceber as duas de seis estátuas de figuras indígenas com tipos físicos europeus, cada estátua dessa representava os maiores rios do país. Duas dessas

¹⁹⁵ HEYNEMANN, 2018

estátuas foram posicionadas na porta de entrada que dava de frente para o pavilhão argentino, e outras duas na entrada que dava para a Torre Eiffel. Essas estátuas eram colocadas em casais, como se pode ver com mais detalhes na Figura 19.

Formavam pares constituídos, cada um, por um homem e uma mulher. Por exemplo, à esquerda de quem entrava pela porta principal, estavam o rio Paraná, representado por um homem e o Amazonas, por uma mulher; à direita, o São Francisco, homem e o Paraíba, mulher. Na lateral, o Tietê, homem e o Tocantins, mulher. Por serem índios representavam o aborígene; por serem casais, a fertilidade, promessa de abundância e também a integração do território. Eram figuras fortes e jovens, expressando a energia, a vitalidade e a juventude do país. A vegetação representaria o território em seu estado natural; os remos, a idéia de sua travessia e desbravamento.¹⁹⁶



Figura 19: Exposição Universal de Paris: exposição brasileira. Lado esquerdo da fachada voltado para a bandeira da República Argentina, 1889. Paris, França / Acervo Arquivo Nacional

¹⁹⁶ BARBUY, 1996, p.221

Como dito antes, a flora do Brasil não deixou de chamar a atenção nesta exposição, e nas fotografias percebemos o porquê, o exótico dos jardins, fazem com que o ambiente fique com um clima diferente que encantou os franceses. A Figura 20 mostra como era o Jardim do pavilhão, repleto de plantas tropicais.



Figura 20: Exposição Universal de Paris: exposição brasileira. Vista da estufa pelo interior do Jardim, 1889. Paris, França / Acervo Arquivo Nacional

As vitórias régias (Figura 21) foram colocadas em um lago e mantidas a 30 graus por um sistema especial de controle de temperatura. Eram consideradas extremamente exóticas, sendo possível pensar em serem representantes do patrimônio natural do Brasil na exposição, chamando a atenção de quem passava pelo lago.

havia naquela área do Champ de Mars um laguinho que fazia parte do projeto de ajardinamento concebido para a Exposição. Parte dele foi cedida ao Comitê Franco-Brasileiro para que ali se instalasse um sistema especial de

aquecimento para manter a temperatura a 30 graus, especialmente para o cultivo da vitória régia. A planta, vista como extremamente exótica, suscitou comentários entusiasmados de vários cronistas, sobretudo pelo tamanho que podia atingir.¹⁹⁷



Figura 21: Exposição Universal de Paris: exposição brasileira. Vitória Régia, 1889. Paris, França / Acervo Arquivo Nacional

Por fim, as matérias primas do Brasil além de estarem expostas nos jardins, estavam também em vitrines, como por exemplo a erva mate (Figura 22), utilizada na produção de chá, planta comum no Sul do país que no início do século XIX tinha uma produção em fazendas familiares de forma artesanal, mas no final do século XIX, com a criação dos engenhos a vapor, a produção ervateira passou a ser em larga escala, se tornando uma indústria muito rentável, o que rendeu à erva mate o apelido de “Ouro Verde”.¹⁹⁸

¹⁹⁷ BARBUY, 1996, p.227-228

¹⁹⁸ ROSA, Lilian da; SOUZA, Taciana Santos de. Evolução do setor ervateiro durante o século XIX: uma análise dos avanços tecnológicos na cadeia produtiva. In: **História econômica & história de empresas**. v. 22 no 1 .2019



Figura 22: Exposição Universal de Paris: exposição brasileira. Vista da Vitrine “mate”, 1889. Paris, França / Acervo Arquivo Nacional

Podemos supor que as fotos retratassem também o exótico, atribuído pelos europeus a vários itens provenientes do Brasil, e referente à flora do país retratada nas fotos, já que era algo totalmente novo para muitos visitantes que passavam pelo estande do Brasil.

Sobre as fotografias, podemos levantar a hipótese de alguns valores atribuídos a elas, como o valor artístico. Outro aspecto, é uma certa visão histórica das fotografias que tinham como objetivo registrar aquele momento, a o que se atribui, um valor histórico.

4.5. Considerações Finais do artigo

Com a análise da Exposição Universal de Paris de 1889 e da participação do Império brasileiro, percebemos a intenção do país em se inserir em um grupo de países ricos, que dominavam a tecnologia e os meios de produção.

Santa Catarina de certa forma contribuía com a imagem de um país rural, já que a sua economia até o final do século XIX era predominantemente agrícola, nesses itens podemos compreender um valor econômico atribuído conforme a importância de determinado item em seu contexto. Contudo, itens que não foram enviados por Santa Catarina, mas que têm sua origem na província, nos apresentam outros tipos de valor, como os itens provenientes de Sambaquis, que podem conter um valor histórico, arqueológico e até artístico.

Portanto podemos criar a hipótese que Santa Catarina contribuiu com seus itens tanto para a imagem de um país exótico e rico em produtos naturais, com para um país que prezava pela ciência, já que os itens enviados demandavam um nível de estudos sobre os povos antepassados.

Sobre as imagens que foram analisadas, podemos perceber o porquê do encanto dos europeus com as plantas e as florestas brasileiras, já que a estufa, os jardins, o lago eram grandiosos, a extensão territorial também estava representada pelas figuras indígenas com aspectos europeus que representam os maiores rios do país. Aliás, o aspecto europeu na imagem do indígena possivelmente pode representar uma tentativa de aproximação entre a América e a Europa; uma vontade de ser igual ou, por outro lado, remeter a tradições da cultura visual de representações da América que remontam o século XVI.

5. Considerações Finais sobre o valor atribuído ao Patrimônio Cultural de Santa Catarina nas Exposições Universais

Neste último texto tentaremos expor como compreendemos a atribuição de valores ao patrimônio cultural de Santa Catarina no século XIX e como essa atribuição de valor foi se modificando conforme os anos e as exposições foram passando, já que o objetivo da dissertação não é elencar um valor como o principal, mas sim compreender como se deu esse processo de atribuição.

Vamos começar elencando que o objetivo do Império brasileiro era de se mostrar uma nação tecnológica, moderna e com conhecimento científico, isso em todas as Exposições que foram analisadas, mas principalmente nas Exposições Universais, já que o esforço logístico era consideravelmente maior. Contudo, percebemos que nas exposições universais o país não conseguiu se desvencilhar daquela imagem de um grande país e rico em produtos naturais, um exemplo disso foi a exposição de Paris de 1889, em que, segundo Schwarcz (1998) todos ficaram encantados justamente pelas representações da natureza presentes no estande do Brasil.

Contudo, é importante salientar consideramos que os valores atribuídos estavam implícitos nos objetos escolhidos para serem enviados às exposições, como por exemplo o valor histórico nos documentos enviados à Exposição de História do Brasil de 1881, ou até mesmo nos itens de povos Sambaquianos enviados a Paris em 1889. Acreditamos que as obras enviadas para a Exposição de 1881 e de Paris de 1889 também carregavam o valor artístico consigo. Essa atribuição de valor é um exercício que relaciona os documentos disponíveis com a bibliografia relativa ao contexto do país na época estudada.

Sobre a Exposição Universal da Filadélfia de 1876, podemos ver como a economia de Santa Catarina foi demonstrada pelos seus principais setores econômicos na época, pode-se dizer que Santa Catarina contribui ao menos um pouco para a visão de um país rural, já que na exposição da Filadélfia não envia nem maquinário industrial, nem itens que demandam muito tratamento tecnológico. Embora essa visão de país rural não fosse algo negativo para a elite brasileira, que era ligada à agricultura, principalmente ao café, e defendia uma vocação agrária e as potencialidades da natureza do Brasil, esta não era a visão que o Governo imperial queria apresentar nas exposições.

Tanto não era uma visão negativa que os itens que a província enviou eram de extrema utilidade como o carvão, as madeiras e o algodão, o que pode demonstrar uma atribuição de valor a estes itens, já que eram muito utilizados e importantes para a sociedade do século XIX, tanto para produzir energia, no caso do carvão, na construção de praticamente qualquer coisa, no caso da madeira, e no “boom” técnico que representou no pós-revolução industrial.

Percebe-se no fotógrafo, uma importância ímpar, que faz das fotos um registro histórico da participação brasileira, e por isso podemos compreender as fotografias com valores históricos atribuídos.

Para a Exposição de História do Brasil de 1881, o contexto é outro e, portanto, a participação de Santa Catarina também, principalmente porque o objetivo era homenagear o imperador e demonstrar por meio dos documentos históricos, como o Brasil era forte, moderno, e uma grande nação. Mesmo considerando que houve um descompasso entre o que se pediu e o que foi enviado de fato para a exposição, é fato que as pessoas que selecionaram os documentos para enviar ao Rio de Janeiro para uma exposição de História do Brasil consideraram mapas, jornais, legislação, documentos escritos, muitas vezes não oficiais, e fotografias, como documentos históricos dignos de representarem a província. Eram documentos-monumentos e é com essa lógica que podem ser pensados como patrimônios culturais.

Podemos compreender a atribuição principalmente dos valores históricos, artísticos e de novidade pelos organizadores do evento.

Santa Catarina queria demonstrar seu desenvolvimento, sua tecnologia e contribuir com a construção da imagem de um imperador poderoso demonstrando todo seu território com os mapas e cartas e a ocupação de um vazio demográfico, o poder militar também era retratado com imagens de fortes, de soldados e de bugreiros, levando em conta que no século XIX era recorrente a preocupação com as incursões indígenas no território nacional, nesse contexto os bugreiros eram entendidos também como uma força de segurança, não contra ameaças externas, mas sim contra o perigo representado pelos indígenas.

Ao analisar as fotografias enviadas para a exposição de 1881, podemos perceber uma memória cultural sendo reafirmada e transmitida por meio delas. A fotografia aqui, bem como na Exposição da Filadélfia de 1876, tem um papel importante de retratar o desenvolvimento e contribuir com o discurso que se propaga com tal exposição.

Sobre a Exposição Universal de Paris de 1889, podemos perceber que há uma mudança significativa nos valores que são atribuídos ao patrimônio cultural de Santa Catarina. Santa Catarina de certa forma contribuiu com a imagem de um país rural que o Brasil foi visto pelos europeus, já que a sua economia, até o final do século XIX, era predominantemente agrícola, bem como a época da Exposição Universal da Filadélfia, nesses itens podemos compreender um valor econômico e o valor de uso atribuído conforme a importância de determinado item em seu contexto. Contudo, itens que não foram enviados por Santa Catarina, mas que têm sua origem na província, nos apresentam outros tipos de valor, como os itens provenientes de Sambaquis, que podem conter um valor histórico e até científico.

Foram identificados também ao decorrer do trabalho os trajetos deste patrimônio, começando com, municípios que reuniam os itens e enviavam à capital das províncias, que passavam por uma triagem da comissão provincial, que organizava uma Exposição Provincial antes de enviar os itens para a capital do império, já no Rio de Janeiro os itens de todo o país passavam por uma triagem da comissão nacional, que fazia uma Exposição Nacional, que preparava os itens para o envio ao país sede da exposição universal. Essa lógica não acontece na Exposição de História do Brasil de 1881, por ser a única que não tem comissão provincial, então os itens iam direto para a capital do Império.

Após as exposições acabarem os itens deveriam ser devolvidos para as pessoas ou instituições que os enviaram, contudo, não foi encontrada documentação que comprove a devolução, havendo sempre a possibilidade de perda, extravio ou de itens como de origem natural não aguentarem a duração da exposição, que era de quase um ano, mais a viagem de meses, neste caso, os itens eram simplesmente descartados. Percebeu-se, também, que muitos documentos enviados, principalmente, para a Exposição de História do Brasil, acabaram sendo incorporados ao acervo da Biblioteca Nacional, sede da exposição e instituição que, naquele momento, procurava ampliar e diversificar seu acervo.

Por fim, podemos perceber uma mudança significativa nos valores atribuídos ao patrimônio cultural de Santa Catarina se compararmos as três exposições: enquanto na Filadélfia Santa Catarina restringiu sua representação a produtos agrícolas, na exposição de História do Brasil a província enviou documentos que destoavam daqueles tradicionalmente considerados históricos, finalmente, na exposição de Paris, embora os artefatos provenientes dos sambaquis não tenham sido enviados pela província, mas pelo Museu Nacional, eram

originais de Santa Catarina e mostravam que havia algo além de produtos agrícolas a serem mostrados demonstrando através desses itens, o valor histórico e científico a eles atribuídos.

Ressaltando que os objetos aqui destacados não necessariamente fizeram parte das exposições para as quais foram encaminhados, eles foram selecionados como tendo valor de representar a província por pessoas que faziam parte dos comitês de exposição e que já apresentavam uma visão diferenciada desse patrimônio cultural. O fato desses itens terem sido enviados para representar a província, confere a eles um valor de identidade atribuído pelas comissões que organizavam as exposições, mesmo que, na época, não fossem ainda considerados patrimônios culturais catarinenses. Mesmo em exposições com objetivos diferentes das exposições universais, como é o caso da Exposição de História do Brasil de 1881, os valores históricos, como o próprio nome já enuncia e o valor científico podem ser evidenciados para além dos valores econômicos, objetivos maiores das exposições universais.

Referências Bibliográficas

INTRODUÇÃO:

AMOROSO, Marta. Crânios e cachaça: coleções ameríndias e exposições no século XIX. **Revista de História**, Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA), n. 154, p. 119, 30 jun. 2006.

BARROS, José D'Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 977-1005, set. 2013.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu**. Chapecó: Argos, 2006.

D'ALMEIDA, José Mario; DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. Casa dos pássaros: local de preparação de material zoológico a ser enviado para Portugal. **História da Ciência e Ensino**, São Paulo, v. 18, p. 3-22, 2018.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: Por uma concepção ampla do Patrimônio Cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 49-58.

GONÇALVES, Janice. **Figuras de valor: patrimônio cultural em Santa Catarina**. Itajaí: Casa Aberta, 2016.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Estudos sobre desenvolvimento humano no século XIX: da biologia à psicogenia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 134. ago. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000200013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 23 jul. 2020.

GUERRA, François-Xavier, **A nação moderna: nova legitimidade e velhas identidades**. JANCSÓ, I. (org.). Brasil: formação do Estado e da nação. São Paulo: Hucitec/Fapesp/Editora Unijuí, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre História**. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2000. 351 p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990. 476 p.

KURY, Lorenay. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 8, n. 1, p. 863-880. 2001.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, 1, 2009, Ouro Preto. **Anais [...]**, Brasília: IPHAN, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2_vol1_ForumPatrimonio_m.pdf. Acesso em: 12 set. 2019.

NEVES, Margarida de Souza. “As ‘Arenas Pacíficas’”. Gávea: **Revista de História da Arte e Arquitetura**. Rio de Janeiro, PUC-RIO, p. 29- 41, abr. 1988.

RANGEL, Marcio Ferreira. Os periódicos científicos e os museus de história natural no Brasil do século XIX. **Questões em Rede**, Rio de Janeiro, p. 2-16, 2013.

REIS, Elisa Pereira. O Estado Nacional como Ideologia: O caso brasileiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 187-203. 1988.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RUBINO, Silvana. **As fachadas da História: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – 1937/1968**. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

STOLS, Eddy; MASCARO, Luciana Pelaes; BUENO, Clodoaldo (org.). **Brasil e Bélgica: cinco séculos de conexões e interações**. São Paulo: Narrativa Um, 2014.

VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

WINDISCH, Paulo G. A contribuição de Langsdorff para a pteridologia no Brasil. **Pesquisas: Botânica**, São Leopoldo (RS), n. 51, p. 151 - 156, 2001.

O VALOR DO PATRIMÔNIO CATARINENSE NAS AMÉRICAS: A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DA FILADÉLFIA DE 1876.

.

BARROS, José D'Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 977-1005, set. 2013.

Circular da 1ª Seção do Palácio do governo da província de Santa Catarina. Fundo Conselho Municipal de Joinville, série Correspondências: Prateleira 549, Caixa 02 (Arquivo Histórico de Joinville, Joinville). 8 out. 1875.

CORNELL UNIVERSITY. **Catalogue of the Brazilian Section: universal exposition of Philadelphia**. Filadélfia: Hallowell & Co., 1876.

COSMO, Bruno Marcos Nunes; GALERIANI, Tatiani Mayara; NOVAKOSKI, Fabiula Patricia; RICINI, Bruna Martins. Carvão mineral. **Revista Agronomia Brasileira**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 1-10, 2020. <http://dx.doi.org/10.29372/rab202001>.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república momentos decisivos**. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977. 326 p.

GONÇALVES, Janice. **Figuras de valor: patrimônio cultural em Santa Catarina**. Itajaí: Casa Aberta, 2016.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. 179 p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990. 476 p.

MARCELO, Hernan Venegas. A noção de patrimônio no Brasil Império. **Pasos**: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Santa Cruz de Tenerife, v. 1, n. 11, p. 134-146, 2013.

NEVES, Margarida de Souza. “As ‘Arenas Pacíficas’”. Gávea: **Revista de História da Arte e Arquitetura**. Rio de Janeiro, PUC-RIO, p. 29- 41, abr. 1988.

O DESPERTADOR. **Exposição Provincial**. Desterro, 4/04/1876. <Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcamargo_585920.8716807.DocLstX&pasta=ano%20187&pesq="Exposição%20Universal%20da%20Philadélphia"](http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcamargo_585920.8716807.DocLstX&pasta=ano%20187&pesq=)>. Acesso em: 13/12/2021

O DESPERTADOR. **Exposição Universal**. Santa Catarina, 1875. <Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5Dcamargo_585920.871680> Acesso em: 13/12/2021

O DESPERTADOR. **Norte do Império**. Desterro, p. 1-4. 09 jan. 1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709581&Pesq=Philadélphia&pagfis=4798>. Acesso em: 20 abr. 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v.2, p.151-167, jan./dez. 1994.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SANTOS, Paulo Cesar dos. Um olhar sobre as Exposições Universais. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. **Anais**. Natal: Anpuh, 2013. p. 1-15.

STEIN, Stanley J. **Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil: 1850/1950**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

SANTA CATARINA NA EXPOSIÇÃO DE HISTÓRIA DO BRASIL DE 1881

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE. **Lista de Imigrantes**. Joinville. 2016.

BARROS, José D’Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 977-1005, set. 2013.

BASILE, Marcello Otávio Neri de Campos. Festas cívicas na Corte regencial. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 494-516, jul/dez. 2006.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Catálogo da exposição de história do Brasil**. Introduções de José Honório Rodrigues e de Otaciano Nogueira. Brasília: Editora do Senado Federal, 1998. 3 v

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Guia da Exposição de História do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1881.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de Historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 159 p.

BRASIL. MINISTÉRIO DO IMPÉRIO. **Relatório do ano de 1881 apresentado a Assembleia Legislativa na 1ª sessão da 18ª legislatura**. Rio de Janeiro, 1882.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio; MACEDO, Adriana Mattos Clen. Ramiz Galvão, historiador e bibliotecário: práticas e lugares da produção historiográfica no Brasil de fins do século XIX e início do século XX. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, [S.L.], v. 9, n. 22, p. 42-58, 31 jan. 2017. Sociedade Brasileira de Teoria e História de Historiografia. <http://dx.doi.org/10.15848/hh.v0i22.1123>.

DOSSE, François. **A História**. Tradução de Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru: Edusc, 2003. p. 108.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução de Jaime Pinsky. São Paulo: Contexto, 2011.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 6. ed. São Paulo: Unesp, 2017. 282 p.

FICKER, Carlos. **História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca**. 2. ed. Joinville, SC: Letradágua, 2008.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: Por uma concepção ampla do Patrimônio Cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 49-58

GONÇALVES, Janice. **Figuras de valor: patrimônio cultural em Santa Catarina**. Itajaí: Casa Aberta, 2016.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Estudos sobre desenvolvimento humano no século XIX: da biologia à psicogenia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 134. ago. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000200013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 23 jul. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Vértice, 1990.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre História**. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2000. 351 p.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. 179 p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990. 476 p.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, 1, 2009, Ouro Preto. **Anais**

[...], Brasília: IPHAN, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2_vol1_ForumPatrimonio_m.pdf. Acesso em: 12 set. 2019.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da Língua Brasileira**. Ouro Preto. Typographia de Silva. 1832.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10,1992.

POMIAN, Krzysztof. **Coleção**. Enciclopédia Einaudi, v. 1, p. 51-86, 1984.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no ocidente**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 239 p.

REIS, Elisa Pereira. O Estado Nacional como Ideologia: O caso brasileiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 187-203. 1988.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RUBINO, Silvana. As fachadas da História: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – 1937/1968. Campinas, 1992. **Dissertação (Mestrado)** – Mestrado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 623 p.

TARGA, Luiz Roberto Pecoits. O RIO GRANDE DO SUL: FRONTEIRA ENTRE DUAS FORMAÇÕES HISTÓRICAS. **Ensaio Fee**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 308-344, ago. 1991.

UFPR (ed.). **Kolonie-Zeitung**. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/46592>. Acesso em: 14 set. 2021.

TURAZZI, Maria Inez. A EXPOSIÇÃO DE HISTÓRIA DO BRASIL DE 1881 e a construção do patrimônio iconográfico. *In*: “Usos do Passado” XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2011. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2011. p. 3-4.

VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

VIEIRA, C. V.; GUEDES, Sandra P. L. C. **Mapeamento das rotas dos viajantes estrangeiros na baía da Babitonga entre os séculos XVI e XIX**. Caderno de Iniciação à Pesquisa (UNIVILLE), v. 7, p. 306-309, 2005.

VIERTTEL, Guilherme; GUEDES, Sandra P.L. de Camargo. A obra Combate Naval do Riachuelo como lugar de memória da Guerra do Paraguai. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 180, n. 481, p. 95-120, set/dez. 2019

WANDERLEY, Andrea C. T. **Exposição de História do Brasil de 1881-1882**. 2019. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=exposicao-de-historia-do-brasil-de-1881-1882>. Acesso em: 07 nov. 2021.

ZANELATTO, João Henrique; JUNG, Gilvani Mazzucco; OZÓRIO, Rafael Miranda. Índios e brancos no processo colonizador do sul catarinense na obra histórias do grande Araranguá de

João Leonir Dall'alba. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 174-202, 2015. Disponível em: www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/revistahc.htm. Acesso em: 14 set. 2021.

O PATRIMÔNIO CULTURAL DE SANTA CATARINA NA EXPOSIÇÃO DE PARIS DE 1889

AMOROSO, Marta. Crânios e cachaça: coleções ameríndias e exposições no século XIX. **Revista de História**, Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA), n. 154, p. 119, 30 jun. 2006.

BARBUY, Heloísa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.4 p.211-61 jan./dez. 1996.

BARROS, José D'Assunção. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 977-1005, set. 2013

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. **Exposition Universelle de Paris**: Empire du Brésil. Paris, 1889. 206 p.

Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Contemporânea do Brasil. **Exposições Universais**. <Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/ExposicoesUniversais>>. Acesso em: 20/12/2021.

COE, Heloisa H. G et.al. RECONSTITUIÇÃO PALEOAMBIENTAL ATRAVÉS DE FITÓLITOS NO SAMBAQUI CASA DE PEDRA, SÃO FRANCISCO DO SUL-SC, BRASIL. In: COSTA, Luis Ricardo Fernandes da (org.). **Paleontologia Contemporânea: Diferentes Técnicas e Análises**. Ponta Grossa: Editora Atena, 2020. p. 61-85

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: Por uma concepção ampla do Patrimônio Cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 49-58.

GOULARTI FILHO, Alcides. A formação econômica de Santa Catarina. In: **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p 977-1077, 2002.

HEYNEMANN, Claudia Beatriz. **Paris, 1889: o álbum da exposição universal**. 2018. <Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=12604>>. Acesso em: 20/12/2021

IPHAN. Patrimônio Arqueológico - SC. 2014. <Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/sc/pagina/detalhes/670>>. Acesso: 17/01/2022.

REBOLLAR, Paola Beatriz May; FERNANDES, Tatiana Costa. A ARQUEOLOGIA EM SANTA CATARINA NO FINAL DO SÉCULO XIX. *Revista Memorare*, p. 271-280. 2013.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ROSA, Lilian da; SOUZA, Taciana Santos de. Evolução do setor ervateiro durante o século XIX: uma análise dos avanços tecnológicos na cadeia produtiva. In: **História econômica & história de empresas**. vol. 22 no 1 .2019

SANTOS, Paulo Cesar dos. Um olhar sobre as Exposições Universais. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. **Anais**. Natal: Anpuh, 2013. p. 1-15.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 623 p.

Un Jour de Plus a Paris. **L'Exposition Universelle de 1889**. 2021. <Disponível em: <https://www.unjourdeplusaparis.com/paris-reportage/exposition-universelle-1889>>. Acesso em 20/12/2021.

APÊNDICE A – Tabela de itens catarinenses enviados para a Exposição Universal da Filadélfia de 1876

| Expositor | Item |
|---|--|
| The Presidency of the Province of Santa Catharina | Samples of Coffee. |
| Guilherme Rosenstock, Colony of Joinville | Tobacco. |
| Christiano Kopsch; Maxim Merclc. Colony of Blumenau | Tobacco. |
| Augusto Dietrich. Colony of Joinville | Leaf Tobacco. |
| M. A. dos Santos. Colony of Blumenau. | Bailed Tobacco. |
| Henrique Sepper. Colony of Joinville Co | Matte. |
| D. Rosalina Paes Leme. Lages. | Matte. |
| Commission for the Province of Sancta Catharina. | Samples of various sorts of Farina. |
| Municipi of Lage | Samples of Wheat, |
| Commission for the District of Lages | Samples of various Cereals |
| D. Rosalina Paes Leme. | Samples of Linseed. |
| Commission for the Province of Sancta Catharina | Samples of Resins. |
| Municipality of S. Jose. | Samples of Ornamental Woods. |
| Municipality of S. Francisco | Samples of some Ornamental Woods, viz.. "Canella Amarella," "Ebony," " Gissarana," and " Maiato." |
| Commission for the Province of Sancta Catharina | Samples of Woods used in constructions and for furniture. |
| Public Works Office. Rio de Janeiro | Charts and Topographical Maps of the Provinces of S. Paulo, Sancta Catharina, Maranhao, Ceara, Goyaz, Parana, Espirito Sancto, Minas Geraes, and Piauhy. Charts of the projected Provinces of S. Francisco, Entre Rios, Sapucahy and Araguaya. Maps of the public lands of the Province of S. Paulo. Topographical Map of the Colony Blumenau. |
| Commission General for the National Exhibitions | Saddle made in the Province of Sancta Catharina. |
| Jacob Richlin. Desterro | Tanned Leather, sole. |
| D. Rosalina Paes Leme. | Leather Walking Canes. |
| Henlce &. Irmaos. | Walking Canes of Arabic wood. |
| Rosalina Z. Paes Leme | Collection of Cotton Fabrics. |
| Colony Blumenau | Cotton-goods and Quilts. |
| J. Baumgarten. Cidade do Desterro | One Box with Looking-glass, for examining eggs. |
| Commission for the Province of Sancta Catharina | Various Pieces OF Furniture. |

| | |
|--|--|
| Colony of D. Francisca. | Bricks and Tubes of Clay. |
| The Presidency of the Province of Sancta Catharina | Specimens of Iron and Nickel, found on the banks of S. Francisco River |
| Commission for the Province of Sancta Catharina | Specimens of Marble from Jatajaliy. |
| Viscount de Barbacena. Rio de Janeiro | Specimens of Coal from Tubarao ; Province of Sancta Catharina. |
| Commission for the Province of Sancta Catharina | Specimens of Coal from the Mines of Ararangua. |
| Mrs. Rosalinda Pass Leme. | Bouquet of leather flowers. |
| Misses Silveira de Souza. Desterro | Boquet of Artificial Flowers made of fish scale, egg skin, shells, wood and feathers. |
| Paulo Schrazer. Colony Blumenau | Cocoons of the silk worm. |
| Commission for the Province of Sancta Catharina. | Thread of Tucum {astrocarium tucatnan.) Paina, a sort of fibre used for stuffing bolsters, pillows and mattresses. |
| Colony Blumenau | Samples of Cotton. |
| Colony Itajahy | Samples of Cotton. |
| D. Rosalina Paes Leme. City of Desterro | Samples of Cotton. |
| IVIaxiniilianno Merch. Colony Blumeneau | Samples of Cotton. |
| M. Gil deMacedo | Various Liquors. |
| Otto Freyung | Various Liquors. |
| Commission for the Province of Sancta Catharina | Polvilho |
| IVI. J. de Lima Carvalho | Samples of various sorts of Farina. |
| Colony of Angelina | Samples of Wheat Flour. |
| J. Sawerbec | Samples of Arrow Root, ground. |
| Colony Blumenau | Samples of Manioc and rice Farinas. Samples of Orris Root. |

APÊNDICE B - Tabela de itens catarinenses enviados para a Exposição de História do Brasil (1881)

| Número de Registro | Ítem | Exposto |
|---------------------------|---|----------------|
| 317 | Descrição da costa da provincia de Santa Catharina comprehendida entre a Ponta das Bombas e a barra do Norte do Eio de S. Francisco. Rio de Janeiro, Typ. Imp. de Paula Brito, 1849, in-4' peq. de 1 fl. 13 pp. | |
| 550 | As leis em conflicto com o direito de occnpação e conquista ou a província de Santa Catharina em seos confins com a província do Paraná. Santa Catharina, Typ. Desterrense de J. J. Lopes, 1865, in-8° de 190 pp. | |
| 551 | Discussão da questão de limites entre o Paraná e SantaCatharina, por Bento Fernandes de Barros&. Rio de Janeiro, Typ. de Dias da .Silva Júnior, 1877, in-8° de 82 pp. (B. N.) | |
| 573 | Descrição da Ilha do Santa Catharina na America Austral, e Portugueza. | |
| 574 | Memória sobre a Ilha de Santa Catharina por João Alberto de Miranda Eibeiro. 1797. (B. N.). | |
| 575 | Kelasão que acompanha o Dezenho dos Campos de Arasatuba, na qual se trata da sua Extensão; da natureza e qualidade das suas agoas, e a distancia em que ficão, e do numero de Rezes que se podem manter na mesma Estância. (Por João Alberto de Mir.d Ribr. (B. N.). | |
| 576 | Memória sobre a abertura do huma estrada de communicação entre a capitania de Santa Catbarina e a Villa de Lages... por Silvestre José dos Passos. V. O Patriota, n." 3 (1813) pg. 23. (B. TS.). | |
| 577 | Pontos da Ilha de S.w Catbarina determinados astronomieamente. (Por Antônio Joze Rodrigues). 1820. | |
| 578 | Apontamentos sobro a província do Santa Catharina. 1860. | |
| 579 | A colônia D. Francisca, por J. de L. V. A Luz, I (1872), pg. '19-221. (B. N.) | |
| 580 | Noticia geral da Provincia de Santa Cathavina pelo Arcyprestc Joaquim Gomes d'Olivcira e Paiva &. Desterro, Typ. da Regeneração, 1873, jn-4° 1 fl. -VI- 1 fl.-35-16-11 pp., com um mappa ostatist. e outro das distancias (B. N.) | |
| 581 | Descrição topographica do mappa da província de Santa Catbarina organisada na Commissão do Registro geral e Estatística das terras publicas o possuidas sob a presidência do Conselheiro Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja. Rio de Janeiro, Ti/p. Franco-Americana, 1873, in-4.° de 26 pp. e um mappa topograpbico (BN). | |

| | | |
|------|---|--|
| 725 | Le Pilote du Brésil ou description des cotes de l'Amérique Méridionale comprises entre l'île de Sai.ta-Catharina et celle de Maranhão avec les instructions nécessaires pour atterrir et naviguer sur ces cotes. Par M. le Baron Eoussin... Seconde édition. Paris, Tmpr. Boyale, 1845, in-8." | |
| 726 | O piloto do Brasil ou descripção das costas da America Meridional entre S.º Catharina e Buenos-Ayres, e instrucções para navegar nos mares do Brasil. Por M. Baral, capitão de corveta. Executada por ordem do governo francez em continuação ao Piloto do Brasil, pelo barão Eoussin. Bio de Janeiro, Typ. Commercial de P. Guefier, 1834, in-8.º gr. de 114 pp. | |
| 1014 | Voyago autour du monde, pendant les années 1785-88, par La Pérouse. V. JSlouv. Bibliothèque des voyages, VI, pg. 5. (B. N.) | |
| 1057 | Traveis in the interior of Brazil, particularly in the gold and diamond districts of that country, including a voyage to the Rio de Ia .Plata, and an historical sketch of the revolution of Buenos Ayres. By John Mawe. London, printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1812, in-4.º, com est. (B. N.) | |
| 1081 | Voyage pittoresque autour du mondo avec des portraits de sauvages d'Amériquo, d'Asic, d'Afrique, et dos ilcs du Girand Occan; des paysages, des vues maritimes, ctplusieurs objects d'histoiro naturolle; ao.compagnó de descriptions par M. le baron Cuvier, et M. A. do Cbamisso et d'obscrvaions sur les crâncs humains par M. le docteur Gall. Pa r M. Louis Choris, peintre. Paris, de Vlmp. de Firmin Didot, 1822, in-fol. com 1 rct., est. col., e 1 ch. (B. N.) | |
| 1161 | Voyage autour du monde sur Ia frégate Ia Vcnus, pndant les années 1836-1839... par Abel Du Petit-Thouars, &. Paris, Gide, 1840-49, 11 vols. in-8.º e 4 in-fol. de atlas. | |
| 1189 | Viagem de Cuyabá ao Eio de Janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catharina, em 1846, por Henrique de Beauropaire liohan | |
| 1500 | Plano que comprehende, parte das Capitancias- de S. Paulo, Minas Geraes, Goyas e Rio de Janeiro o a Costa desde a Ilha de S.ta Catharina até a Ilha Grande,477x0n,,643. | |
| 1504 | Plano da Costa , de Sanct a Catharina , th é a Ilh a Grande , e m q u e comprehende a Camp.* cie São Paulo , hü a part e d e Mina s Gerae s e Guaias. Mandad o fazer pelo conde d e Cunha . Executad o po r Manoe Leão . 0 m ,478X0 m ,642. | |
| 1508 | Map a Geographico , qu e comprend e desd e a Canane a at é á Colloni a do Sacrament o n a marge m Ocidenta l do Ei o d a Prata , offerecido a o Illustrissimo e Excellentissimo SQR. D. Eodrig o d e Souza Coutinh o ... p o r Manoe l d a Cost a Fraga , Ajudant e d o N.º d e Milícias do Departament o d a Ilh a do Sant a Catharina , Copiado com alguma s emenda s e adicçoen s pelo mesmo Ajudant e cm Setembr o de 1808. 0 m ,962x0,710 . | |

| | | |
|------|--|--------|
| 1598 | Plano da costa do Brazil desde Cabo Frio até a ilha de Sancta Catharina. 0m ,432x0ra,340. | |
| 1606 | Planno Hydrographico da Costa desde o Estreito de S.u Catharina the a Villa da Guaratuba feito por distancias e Rumos arbitrários. 0",353x0, ",927. | |
| 1607 | Plano da Costa desde o Estrej-to da Ilha de Santa Catharina the a Villa da Guaratuba, feito por rumos o distancias arbitrarias com ordem do 111.""" c Ex.""° Sr. Antônio Cavllos Furtado de Mendonça, Gen." do Departamento da mesma Ilha por Manoel Vieyra Leão Sargento Major de Infantaria, e Governador da Fortaleza da Praya Vermelha. 0™,354x0",935. | |
| 1609 | Planta da costa do Brazil desde a cidade do Rio Grande do Sul ate a ilha do Arvoredo em Saneta Catharina. 0°',437x3°',189. | SALA 2 |
| 1611 | Demonstração geographica da Costa, e terreno adjacente que •corre desde a Ilha de S. Catharina, the o Cabo de S. Antônio no Rio da Prata, e a configuração deste Eio the as confluencias do Eio Paraná, © Uruguay. 0m ,322x0m ,695. | |
| 1705 | Mappa Hydrographico dos rios Itajahy-assu, Itajahy-merim e Luiz Alves e seus affluentes na provincia de Santa Catharina comprehen- | |
| 1933 | Mappa novo e Exactissimo do Terreno incluso entre a costa do mar desde Sta Catharina the o Rio da Prata e o Rio Paraná e Paraguay the a boca do Rio Jaurú donde especialmente está figurada para a demarcação q. fez a 1." Partida de Castilhos Grande the Sul; e toda a demarcação q. fez a 3." Partida desde o Salto Grande do Paraná, the a Bocca do Rio Jaurú. Im ,290x0,630. | |
| 2237 | Planta da Fortaleza de S.u Catharina do Cabedello da Cid." da Paraíba. 0m ,293x0m ,313. | |
| 2238 | Planta da fortaleza da cidade da Paraíba denominada S." Catharina de Cabedello. 0m ,292x0m ,313. | |
| 2877 | Mappa chorographico, de parte da província de S. Paulo, incluindo parte das províncias circunvizinhas de Matto Grosso, S.to Catharina, S. Pedro do Sul, e dos Estados vizinhos de Comentes, e Paraguay; notando o verdadeiro curço d'alguns rios q desagoão no Paraná e margem septentrional do Uruguay, e q agora se conhecem melhor as suas junçções. pelo rezultado das explorações mandadas fazer pelo barão de Antonina nos sortões (sic) de Paranãpanema, Tibajy, Ivahy, nos annos de 1844 e 1845 Imp." Lemercier à Paris. Ch. Walter lith. s. d. 0,500x0m ,564. | |
| 2900 | Mappa hydrographico, da Capitania de Santa Catharina. Offerecido ao illustrissimo e excellentissimo Sn.r Antônio de Araújo de Azevedo, do Concelho de Estado, Gram Cruz da Ordem de Christo, & & por seu mais humilde criado Paulo Joze Miguel de Brito, Tenente Coronel de Cavalaria, Ajudante de Ordens do Governo da sobredita Capitania. 0m ,584x2,121. | |

| | | |
|------|--|--|
| 2901 | Mappa Hydrographico, Topographico, Histórico, e Analytico da Provincia da Ilha de Santa Catharina, Colleccionado, Add... ssimo, e Excellentissimo Sür. Thomas Antônio de Villa Nova Portugal, do Conselho d'Estado, Ministro e Secretario d'Estado dos Negócios da Corte e Eeino, Interinamente dos Estrangeiros, e da Guerra, Comm. por Manoel da Costa Fraga, Tenente Coronel effectivo do Eegimento de Cavallaria de Milícias da mesma Provincia... 3ra,430xlm ,192. (B. N.) | |
| 2902 | Planta da Provincia de Santa Catharina e seos limites, copiada das melhores Cartas por P. A. de S. Everard, e A. M. A. de Carv.0 , Off.e ' Eng.º» 1838. 0m ,512x0m ,705 | |
| 2903 | Mappa corographico da Provincia de Santa Catharina pelo major Engenheiro Cai'los van Lede, segundo as observações dos Brigadeiros Engenheiros Jozé Custodio de Sá e Faria em 1774 e João da Costa Ferreira em 1783; as dos astrônomos Francisco de Oliveira Barboza e Francisco Jozé de Lacerda em 1789 e 1793; as da Expedição hydraugrafica Franceza commandada pelo Barão de Koussin em 1819; e as feitas ultimamente pelo autor, e pelo Major Engenheiro Jozé da Victoria Soares do Andréa em 1842. 0,713x0m ,607. | |
| 2904 | Carta Corographica da Provincia de Santa Catharina feita e offerecida ao Instituto Histórico e Geographico Brasileiro por seo sócio effectivo e membro da commissão de Geographia José Joaquim Machado de Oliveira. 1842. Para acompanhar o Ensaio geographico e histórico da mesma Província. Lith. do Archivo Militar. L. J. Giz. gr. 1843. 2 folhas de 0 m ,510x0m ,430 e 0»,510x0-,454. (B. N.) | |
| 2905 | Carta Corographica da Provincia de S.u Catharina. Contendo as divisões territoriaes e judiciarias; as distancias das Cabeças dos Municípios a Capital da Provincia; a superfície quadrada de cada um dos Municípios, e uma estatística da população por o 1.º Tenente d^ng.™ João de Souza Mello e Alvim. 1847. Lith do Archivo Militar. A. M. da S.m Jtoiz. 0m 350 X0V28. (B. N.) | |
| 2906 | Carta topographica e administrativa da Provincia de S. Catharina. Erigido sobre as mais recentes noticias, particularmente sobre os mappas dos Sfirs. Van Lede (1842) José Victoria Soares de Andréa (1842) e Aube (Annales maritimes - abril 1847) pelo V.cd J. de Villiers d'Ile Adam. Gravada na Lithographia Imperial de V. Larée publicada no Rio de Janeiro por Firmin Didot Irmãos, Berlin le Prieur & Morizot. Rio de Janeiro. 1848. J. H. Leonhard-gravou. 0m ,464x0ra,580. (B. N.) | |
| 2907 | Mappa Chorographico da Provincia de S.* Catharina, parte da P.* de S. Paulo e da P.' de Eio Grande do Sul, e parte da republica do Paraguay, pelo Major Engenheiro C. Van Lede. Grave par J. Collon. Lith. 0m ,590x0m ,693. (B. N) | |
| 2908 | Mappa da Provincia de Santá-Catharina do Império do Brasil, com as partes adjacentes das Províncias do Paraná e de São | |

| | | |
|------|---|--|
| | Pedro do Eio-Grande do Sul, traçado e desenhado por Woldemar Schultz e completado com os novos trabalhos feitos pelo mesmo e seu companheiro o Barão O Byrn durante as excursões que fizeram nos anos de 1859 e 1860. — JDresda, 1868. Instituto lithogr. de. F. A. Brockhaus. Leipsig. On ,630x0m ,420. | |
| 2909 | Idem. (Com os dizeres em alemão). Lresden, 1S65. F. A. Brockhaus. Leipzig. | |
| 2910 | Carta da Provincia de S. Catharina em 1860. 0m ,120x0m ,207. | |
| 2911 | Carte de Ia province de Sainte Catherine. 1867. (Lith.) 0m ,579 X6m ,421. | |
| 2922 | Planta hydrographica da costa e porto de Santa Catharina, por A. L. v. Hoonholtz. 1862. Lith. do Inst. Artístico. | |
| 2933 | Planno da Costa desde o Estreito da Ilha de S.u Catharina thé á Villa da Guaratuba feito por Eumos, e distancias arbitrarías com ordem do Ill.mo e Ex.m0 S.r Antônio Carllos Furtado de Mendonça General do Departamento da mesma Ilha por Manoel Vieyra Leão Sargento Mor de Infantaria, e Governador da Fortaleza da Praya Vermelha. 1778. Copiada por Francisco João Eoscio Sargento Mor Engenheiro. 0m ,352x0m ,930. | |
| 2914 | Mappa de parte da costa da provincia de Sancta Catharina, comprehendendo a ilha do mesmo nome. On ,500x608. (B.N.) | |
| 2915 | Mappa Topographico comprehendendo a costa desde a foz do Eio Urusanga até a posição das Torres e os Eios, e Lagos q. correspondem a esta parte da costa. Levantado pelo Tn.w Coronel do" Imperial corpo de Engenheiros Jeronimo Francisco Coelho, e coadjuvou o 1." Tn.w graduado Christiano Pereira de Azeredo Coitinho. 1842. 0m ,806Xlm ,6. | |
| 2916 | Mappa topographico da parte sul da província de Sn.u Catharina. Comprehendendo a Costa desde o morro de Imbituba até as Torres e os rios e lagos interiores levantado pelo Tenente Coronel do Imperial Corpo de Engenheiros Jeronimo Pran.00 Goelho e coadjuvado pelo 1." Tn." graduado Christiano Pereira de Azeredo Coitinho. 1842. O" ,802x0m ,920. | |
| 2917 | Mappa topographico de parte da prov. de Santa Catharina,. comprehendendo as comarcas do litoral, colônias e terras publicas adjacentes ás mesmas colônias. Organizado pela Commissão do Eogistro geral e estatística das terras publ. e possuídas sob a presidência do... cons. Bernardo A. N. de Azambuja, segundo os trabalhos dos engen. Carlos Eivierre, Manoel da Cunha Sampaio, Emilio Odebrecht, Pedro Luiz Taulois e Henrique Kreplin. 1872. Lith. Imp.1 S. A. Sisson. Rio de Janeiro. (1874). 0 m ,555x0m ,836. Color. (B. N.) | |
| 2918 | Configuração do Terreno q pareceu mais conveniente para a prim ^a . Povoação, das que se intentão fundar no Certão de Santa Catharina. 0m ,326x0m ,234. | |

| | | |
|------|--|--|
| 2919 | Dezenho dos Campos de Arrasatuba. (1798.) 0m ,308x0m ,412. (B. N.) | |
| 2920 | Configuração da Parte do Certão pertencente ao Gouerno da Ilha de Santa Catharina que fica entre o Eio Biguacú e o Eio Cubatão aonde se intentão fazer nouas Pouoçoens. 1.* Freg." de S. Jozé, 2.* Guarda de Maruj. 3. Eancho de Qnilombo. 4. Lugar que parece ser conueniente para o Segunda Povoação. 5. Campo da boa vista. 6. Guarda do trombudo. 7. Caminho que condus as Villas das Lages. 8. demostra a picada que se quer abrir p. os pinheiros. 9. demostra o terreno dos pinheiros e sua extenção. (1799). 0m ,520x0, ",300. (B: N.) | |
| 2921 | Quadro demonstrativo das differentes picadas abertas (nos sertões incultos entre os rios Itajahy e Itapicú) pela Companhia de Pedestres, durante o tempo do commando do abaixo assignado: Henrique Etur. (1840). 0 m ,395x0m ,516. | |
| 2922 | Planta corographica do logar das Caldas do sul do rio Cubatão e seos arredores. Levantada em 1841 e desenhada pelo Major do I. C." Miguel de Frias e Vas. Lith. dei Archivo Militar. A. M. S. Rodrigues. 0m ,332x0m ,287. (B. N) | |
| 2923 | Esboço do Mappa dos Campos de Palmas e territórios contíguos. Lithogr. do Archivo Militar. Tito Alves de Brito, lith. em 1848. e-,440x0m ,574. (B. N) | |
| 2924 | Mappa de medição e demarcação das vinte cinco logeas quadradas de terras concedidas em complemento do dote a Sereníssima Princeza do Joinville a "S. D. Francisca, comprehendendo os terrenos adjacentes o rio de S. Francisco e ilha do mesmo nome na província de S! Catharina. Por Jeronimo Francisco Coelho, Tenente Coronel do Imperial Corpo de Engenheiros, e Chefe da Commissão de Engenheiros, composta do Capitão Christiano Pereira de Azeredo Coutinho, e 1. Tenentes Juvencio Manoel Cabral de Menezes, o Manoel Jozé Machado da Costa Júnior. 1846. Desenhado ppr J. P. de Sa desenhador do Arch. Militar. Qravée par F. Delamare. jéaris. Lith. Lemercier. 0m ,739x0m ,929. .V. o n.º que se segue. | |
| 2925 | Mappa da medição e demarcação das vinte e cinco legoas quadradas das terras concedidas em complemento do dote da Serinissima princeza de Joinville a Sra. D. Francisca comprehendendo os terrenos adjacentes ao rio de S. Francisco e ilha do mesmo nome na Província de S. Catharina por Jeronimo Francisco Coelho Tenente Coronel do Imperial Corpo de Engenheiros e chefe da Commissão de Engenheiros composta do Capitão Christiano Pereira de Azeredo Coutinho e 1." Tenentes Juvencio Manoel Cabral de Menezes e Manoel José Machado da Costa Júnior e reduzida a menor escala pelo Capitão Pedro Luiz Lecor. Lith. do Archivo Militar. J. A. P. 0",630x0m ,744. (B. N.) | |

| | | |
|------|--|--|
| 2926 | Carte des terres appartenant à S. A. E. M. le prince de Joinville dans la province S.tó Catherine. Brésil. Gravée chez Erhard. Paris, Imp." Bineteau. 0 ,326x0,338. | |
| 2927 | Planta do Traço da Estrada de Joinville á provincia do Paraná conforme as explorações feitas por ordem do Governo nos annos de 1865 e 1866, pelo engenheiro da Sociedade Colonizadora Hamburgueza Augusto Wunderwald, o qual se propõe pela Direcção da Colônia D. Francisca para a construcção da dita Estrada. Desenhado por A. Kroehne 1866. (Lith. sem logar, nem anno.) 0m ,365x0m ,646. | |
| 2928 | Planta das Medições effectuadas no Districto do Valle do Retiro por Manoel Dias da Cruz Lima. 0m ,784x0m ,480. | |
| 2929 | Mappa chorographico dos terrenos entro o porto de São Francisco e a freguezia do Rio Negro, na prov. de Santa Catharina. 1871; Lith. do Arch. Militar. 0,520x0m ,318. (B. N.) | |
| 2930 | Mappa topographico de parte da Provincia de S.ta Catharina, comprehendendo as Comarcas do Litoral, Colônias e Terras publicas adjacentes as mesmas Colônias, organisada pela Commissão de Registro-Geral e Estatística das Terras publicas e possuídas sob a Presidência do... Conselheiro Bernardo A. N. de Azambuja segundo os trabalhos dos Engenheiros Carlos Rivierre, Manoel da Cunha Sampaio, Emilio Odebrecht, Pedro LuizTaulois, e Henrique Kreplin, publicado por ordem do— Conselheiro F. R. Barros Barreto, Ministro... da Agricultura, Commercio e Obras-Publicas. 1872. Lith. Imp. de S. A. Sisson. Rio de Janeiro. 0ra,540x0m ,820. (B. N.) | |
| 2931 | Carte particuliere de l'islo de S.w Catherine située à la cote du Bresil ... Frezier Ing. ord. du Roy (1717.) 0,177x0,282. (B. N) | |
| 2932 | Planta da Ilha de Sancta Catharina, o a costa da terra firme, que comprehende a mesma Ilha, tirada por Joze Custodio de Sá o Faria, Coronel do Infantaria da Guarnição do Rio do Janr." e deenhada por "Manoel Vieyra Leão Cap. do Regimento da Artilharia da mesma Guarnição, em Janr. de 1764. 0m,222x0m,328. | |
| 2933 | Carte de l'Isle de S." Catherine, situóe a la coste du Bresil. (Grav.) 0°>,215x0m ,172. (B. N.) | |
| 2934 | Plano da ilha Santa Catharina e da Costa da terra firme desde o Rio da Guratuba, te a Yilla da Laguna no que se une húa verdadeira descrição que declara as Estradas, Montes, os Rios, Passos, lugares mais notáveis, e deficultozos q comtem neste Terreno, como tão bem a fraqueza q tem as Fortalezas da dita Ilha, e desembarques que se podem fazer. Antônio da Veiga de Andrada, Tenente Coronel Governador. (1767) 0m,470x 1m ,488. | |
| 2935 | Mapp a da Ilha de S. Catharina. 1776. 0m,310x0 ,410. (B.N.) | |
| 2936 | Plano da Ilha de Santa Catharina e enceeda das Garôpas, com a Costa da Terra Firme que lhe corresponde, levantado por Jozé | |

| | | |
|------|--|--|
| | Fernandes Portugal no Anno de 1776, e copiado em 1803. 0 ,633x0 ,430. | |
| 2937 | Plano da I. e Porto de Santa Catharina Oferecido ao Snr. Xefe de Devizão Joaquim Jozé dos S.IM Casão pello seu Súdito Joze Frz Portugal. (1777) 0m ,260x0m ,407. | |
| 2938 | Plano dei puerto, y ysla de S. Catharina en Ia costa dei Brazil situada su mediania en Ia latitude Sur a 27 g." 42 m.s , y en Ia Longitude d 327 g.' 40 m." a ei Meridiano d Thenerife; donde tiene su Governad.r es d los Dominios d S. Mag.d Fedelicima. 0m ,234X 0m, 395. | |
| 2939 | Mapp a da Ilha de S. Catharina. (1779?) 0m ,310x0 ,410. (B.N.) | |
| 2940 | Mapp a da Ilha de Santa Catharina. 0m,306x0m ,416 | |
| 2941 | Ilh a do S. Catharina. 0m, 267x0m ,385. | |
| 2942 | Mapp a da Ilha de S. Catharina. 0m ,305x0m ,412 | |
| 2943 | Carta geographica do terreno e costa pertencente ao Governo da Ilha de Santa Catherina, levantada no anno de 1783, por Francisco João Rocio Coronel de Infantaria com exercício de Engenheiro em companhia dos Engenheiros e Astrônomos de Sua Magestade destinada para a Demarcação de Lmites da primeira devizão da America Meridional | |
| 2944 | Carta geographica do terreno pertencente ao Governo da Ilha de S.to Catherina, cujos lmites vão notados com a linha de pontinhos com a cor de carmim claro, e todo o mais terreno comprehendido p. o Continente, he imaginário e não conhecido nesta Carta. Levantada em 1783 por Francisco João Eocio Coronel d'Infant. com exercicio de Engenheiro, em comp. dos Engr. e Astrônomos de Sua Magestade destinados p. a Demarcação de limites pr. divizão da America Meridional. Copia tirada em Abril de 1812 por Albino Marianno dos Santos Pereira, Tenente de Granadeiros do primeiro Regimento d'Infantaria de Linha da corte' do Rio de Janeiro. 0m ,490xlm ,660. | |
| 2945 | Plano da Ilha e Porto de S." Catarina na America. J. J. P. Franc." D. Milcent Sculp.1 (1784). 0, 373 X 0, 168. (B. N.). | |
| 2946 | Plano da ilha de Santa Catharina e Costa de terra firme que lhe corresponde Feito e Pernambuco de 1784. Por João do Nascimento. | |
| 2947 | Plano da Ilha de Santa Catharina, e terra firme; desde o Rio Ytapéba, the o Rio Embaú. 0m,309 X 0m,387. | |
| 2948 | Plano topographico da ilha de Sancta Catharina, e parte da terra firme desde ô rio Embaú, athé a Enseada das Garoupas, Elevado no anno de 1798, e Dezenhado em o mez de Maio de 1808 por Joaquim Jozé de Francisci Ajudante da Fortaleza da Praya Vermelha. 0m ,427X0m ,810. | |
| 2949 | Plano da Ilha de Santa Catharina, e a costa da terra firme, que comprehende a mesma Ilha, com os planos d Fort. q se achão nas duas Barras, huma do Norte, e outra do Sul. 0m,447X876. | |

| | | |
|------|--|--|
| 2950 | Plano da ilha de Sancta Catharina, com a sua costa da terra firme correspondente. 0m,320x0m,573. | |
| 2951 | Carte de isle de S.te Catherine atuée a Ia coste du Brezil. 0m ,243x0m,449. | |
| 2952 | Configuração Plana, c Topographica, que comprehende a extenção do Governo do Departamento da Ilha de Santa Catharina, cituada na latitude de 27 gr." e 40 m.s do Sul, (meio da Ilha) que de Ordem do Governador do mesmo Departamento, D. Luiz Maurício da Silveira, descreveu, addicionou, e reduzio a este ponto Manoel da Costa Fraga, Ajudante do II. ° Corp o de Cavallaria, e Infantr. do Millicias d a mesma Ilha . E m o 1. d e Junho de 1808. Manoel da Costa Fraga. 0 m ,512x0 m ,819. | |
| 2953 | Harbour and Island of S. Catherina on the Coast of Brasil. E. Jones se. London, 1808. 0m ,257x0 m,207. (B. N.). | |
| 2954 | Esboço do plano hydrographico da ilha de Santa Catherina e terra firme adjacente. Oferecido ao Sr. João Affonço Netto, Cappitão do Fragata da Armada Real . Por hum seu Amigo, e affeiçoado Camarada . Janeiro de 1816. 0m,368x0m,833. | |
| 2955 | Carta Geo-Hydrographica da Ilha de Sta Catharina levantada por H . L. do Niemeyer Bellegarde , Ofllicial do I. C. de Engenheiros. 1830. Lith. do Archivo Militar. C. Müller. 0m,795x m ,398. (B. N.) | |
| 2956 | Planta da Ilha e Estreito do S. Catharina levantada em 1831 pelo Sr. Barão do Eoussin. Copiada em 1844 pelo Engenr. Civil. | |
| 2957 | Segunda parte da planta hydrographica do canal de Santa Catharina desde o estreito até a barra do Sul terminada pelo primeiro tenente d'armada Antônio Luiz v. Hoonholtz que a desenhou anno 1863 coadjuvado em parte pelo 1° tenente Eduardo A. d'0liveira. Lith. do Imp. Inst. Artístico. 2 ff. de 0 m ,680x0 m ,536. (B. N.). | |
| 2958 | Plano da enseada da Armação no porto de S. Catharina pelo 1. tenente da Armada Antônio Luiz v. Hoonholtz. 1862. Lith. do Imp. Inst. Artístico. 0 m ,581x0 m ,402. (B. N.). | |
| 2959 | Planta da Villa de N. Snr. do Desterro, Capitaio da Ilha de S. Catharina, tirada por Jozé Custodio de Sá e Faria, Coronel de Infantr. da Guarnição e dezenhada por Manoel Vieyra Leão Cap. do Regimento da Artelharia da mesma Guarnição, em Janr. de 1764. 0 m ,222x0 m ,328. | |
| 2960 | Planta do litoral da cidade do Desterro desde Sta Maria ate a Fonte de Menino Deos, levantada por João de Souza Mello e Alvim 1. Tenent e Engenheiro . 1846. 0,387 X0,952. | |
| 2961 | Planta hydrographica do ancoradouro da cidade na ilha de Sta. Catharina levantada e desenhada pelo Primeiro Tenente d'Armada Antônio Luiz von Hoonholtz. Outubro de 1861. 0 m ,407x0m,570. | |
| 2962 | Planta topogr. da cidade do Desterro levantada pelos engenheiros major dr. Antônio Florencio Pereira do Lago e | |

| | | |
|------|---|--|
| | Carlos Otho m Schlappal. 1876. Lith. do Arch. Militar. 1879. de 0 m ,758x0 m ,636. (B. N.) | |
| 2963 | Planta do Campo do Manejo, Quartel, e Eua s immediatas mandada levantar pelo Ex. Sr Presidente A. J. F . de Brito por P . A. de Sepulvcda Everard, coronel e Engenh. e desenhada por J. de S. M. c Alvim 1.º Ten. do Corpo. 0m,570x0m,743. | |
| 2964 | Plano, da freguezia de Villa Nova de S. Anna, com as suas notas Geographicas. 0m.,561x0m\922. | |
| 2965 | Planta dos terrenos do patrimônio do glorioso Santo Antônio na Freguezia do mesmo nome. Levantada e desenhada cm 1848 por o 1. Ten.0 Alvim. 0m,391x0m ,507. | |
| 2966 | Planta da freguezia de Garopaba, comprhendendo especificadamente os terrenos comprados pela Companhia creadora da Freguezia; e o armamento feito pelo 1.º Ten.0 Alvim, para a futura elevação de prédios. Levantada em 1848 por J. de S. M. Alvim 1. Ten. 0m ,348x0m ,479. | |
| 2967 | Planta da fortaleza da barra do Sul na Ilha de Santa Catharina. Tira (sic) por Jozé Custodio de Sá Coronel de Infantaria da Guarnição do Rio do Janr. 0 e dezenhada por Manoel Vicyra Leão, Capitão da Artelharia, da mesma Guarnição, cm 17C4. 0m ,220x0m ,326 | |
| 2968 | Vista da Fortaleza de N. S. da Conceição, na Barra do Sul. 0m,527 de larg. | |
| 2969 | Planta do Forte de Nossa Senhora da Conceição cm hfia pequena Ilha situada na Barra do Sul da Ilha de Sla Catharina: Projecto do Coronel Jozé Custodio para o Forte da Praya da Villa do Desterro. Planta do Forte de S. Francisco na Praya perto do Estreito da Ilha do S.1º Cath. m Planta do Forte de S.º Anna no Estreito da Ilha do Sta Cath.na Dom Miguel do Blasco Ajudante Engcn." as tirou, e riscou; MDCCLXVIT. 0 m ,427x0m ,480. | |
| 2970 | Demonstração do Forte Nosa Snr. da Conceição na Barra do Sul da Ilha de Santa Cathr." em 27 grs , e 30 min." de Latitude meridional, e 332 gr." e 30 min." de Longitude Ocidental. 0m,470x0m ,640. | |
| 2971 | Planta do Forte de Nossa Senhora da Conceição em hua pequena Ilha situada na Barra do Sul da Ilha de Santa Catharina. 0m,370X0m ,491: | |
| 2972 | Plantas das Fortalezas da Pont a do Estreito, e da Praya do fora, feitas por Jozé Custodio de Sá, Coronel de Infantr." da Guarnição do Rio de Janr.', e dezenhadas, por Manoel Vieyra Leão, Capitão da da (sic) Artilharia, e da mesma Guarnição, em o anno de 1764. 0m,419x0m ,327; | |
| 2973 | Projecto do Coronel Jozé Custodio para o Forte da Praia da Villa do Desterro. | |
| 2974 | Planta do Forte de S.tt Anna no estreito da Ilha de S.« Catharina. 0m ,146x0m ,229. | |

| | | |
|------|---|--|
| 2975 | Planta da fortaleza de Santa Anna que mandou levantar o Vice Presidente da Prov. dr. Manoel do Nascimento da Fonseca Galvão, pelo Tenente Coronel Franklin Antônio da Costa Ferreira. 0m,780x0m ,875 | |
| 2976 | Planta do Forte de S. Francisco na praia perto do Estreito da Ilha de S. Catherina. 0m ,241x0m ,159. | |
| 2977 | Novo projecto de fortificação para o local do antigo forte de S. João em S.ta Catharina, pelo Io . Tenente d'Engenheiros, Antônio Pereira Rebouças filho. 1864. 0m ,493x0m ,655. | |
| 2978 | Planta da forta." S." Antônio. Planta da fortal.2 " de S.to Jozé. Dom Miguel de Blasco Ajud." Engen.*º as tirou, e delineou. MDCCLXVI. 0'»,438X0m ,487. | |
| 2979 | Planta da Fortaleza de S. Antônio, na Ilha dos Ratores. 0 ra,363X0m ,230. | |
| 2980 | Planta da fortaleza de S.*0 A.10 na ilha dos Ratores. 0m ,207x 0-220. | |
| 2981 | Demonstração do Forte S.º Antônio na Ilha do Ratonez da Barra do Norte da de S." Cathr." em 27 gr." e 30 min." da Latitude meridional, e 332 gr.3 e 30 min.» de Longitude Ocidental. 0n,)465x0m ,620. | |
| 2982 | Planta da bateria nova situada na margem Occidental da Ilha de S.ta Catharina no Pontal do Rio de Ratores projectada, desenhada, e construída de Ordem do Governador da mesma Ilha, pelo Coronel do Real Corpo de Engenheiros Antônio Jozé Rodrigues no anno de 1819. 0m ,287X 0 m ,454. | |
| 2983 | Prospecto, e Planta da fortaleza de S. Jozé na Ilha de S» Ca tharina. 0m ,547x0m ,416. | |
| 2984 | Vista da Fortaleza de S. José, na Ponta gróça. 0m ,516 de larg. | |
| 2985 | Plantas das fortalezas da Ponta Groça, e da Ilha dos Eatones, na Ilha de Sancta Catharina. Tiradas por Jozé Custodio de Sá Coronel de Infantr.* da Guarnição do Eio de Janr.0 e dezenhadas por Manoel Vieyra Leão, Capitão da Artilharia, e da mesma Guarnição, em 1764. 0m ,220X 0 n ,326. | |
| 2986 | Planta (e perfis) do forte da da (sic.) Ponta Grossa da Ilha de Santa Catharina... Levantada de Ordem do Gov.™ da mesma Ilha, por Bento Fernandes de Mello e Ar." Tenente do Eeal Corpo de Engenheiros. Anno de 1810. 0m ,405x0m ,633 | |
| 2987 | Planta da Fortaleza e Ilha de Anhatomorin, na Ilha de S." Catharina. Tirada por Jozé Custodio de Sá, Coronel de Infantaria, e dezenhada por Manoel Vieyra Leão, Cap.m do Eegimento de Artelharia, em 1764. 0m ,221XOm ,327. | |
| 2988 | Planta da Ilha de Anhatômerim e tem perfil. 0m ,329x0ra,477. | |
| 2989 | Planta da Ilha de Anhatômerim, e Portal." de S. Cruz e Projecto p. se augmentar a Defesa delia. Dom Miguel de Blasco Ajudante Engcnh.0 atirou e delineou em MDCCLXVI. 0m ,437x0m ,493- | |

| | | |
|------|---|--|
| 2990 | Vista pela parte do mar da Fortaleza S. Cruz na Ilha de Anhatômerim, que serve do Eezisto. Vista da mesma Fortaleza, pela parte de Terra. 0m ,590 de larg. | |
| 2991 | Planta geral das fortificações da provincia de S.w Catharina, levantada por H. L. de Niemeyer Bellegarde, e J. de V. Soares d'Andréa, Officiaes do Imperial Corpo d'Bngenheiros. 1830. 0m ,693x0m ,517. | |
| 2992 | Planta Topographica da villa de S. Francisco da Provincia de Santa Catharina. Levantada pela Commissão do Engenheiros composta do chefe o conselheiro Ten.e Cor.el J. Fran.c0 Coelho, Off.M ajudantes o Cap.m C. Per." de Azeredo Coutinho, l.os Ten.e9 J. M. Cabral de Menezes e M.el J.e Machado da Costa J.or 1846. 0m ,526x0m ,428. | |
| 2993 | Plano de Itapocoroya levantado por Antônio Xavier de Noronha Torrezão Primeiro Tenente da A. N. e I. 1847. 0m ,187x0n.,238. | |
| 2994 | Quadro demopstrativo dos Serviços feitos, no Arraial do Belchior (no rio Itajahy grande) pela Companhia de Pedestres, durante o tempo do commando do abaixo assignado: Henrique Etur. (1840) 0m ,395x0in,519. | |
| 2995 | Planta da barra do Eio de Itajahy levantada pelos guardas marinhas Alfredo José de Abrêo e Arthur índio do Brasil e Silva, sob a direcção do cap.m tenente Carlos Balthasar da Silveira. Inst. Liph. de Bernardo Scheidemantel. Col. Blumenau. 0m ,494X0m 357. | |
| 2996 | Plano de Porto Bello. 1840. 0m ,280x0-,179. | |
| 2997 | Planta hydrographica da enseada de Porto Bello lev. e des. pelo primeiro tenente d' armada Ant.º Luiz von Hoonholtz... coadjuvado pelos l.08 tenentes Eduardo d'0liveira, M. Gonçalves, 2." Tenente Castro Menezes e Pratico Alves Serpa. 1864. Lith. do Imp. Inst. Artístico. 0m ,492X 0 m ,580 (B. N.) | |
| 2998 | Plano da Enseada das Garopas tirado por José Fernandes Portugal, Terceiro Piloto da Nau de S. Magestade S." Ant.º no Anno de 1777; 0 m ,269x0m ,408. | |
| 2999 | Plano da Enseada das Garopas, levantado por Antônio Xavier de Noronha Torrezão, Primeiro Tenente da A. N. ei. 1840. 0m ,223x0m ,260. | |
| 3000 | Plano da Armação de Garupaba cituada na costa da terra Firme pertencente a Freguezia da Enciada de Britto, mandado ellevar pelo Governador Interino da Ilha de S. Catharina João Alberto de Miranda Bibeiro em 1799. 0º,561x0'»,562. | |
| 3001 | Plano da Armação e anciada de Inbetúba mandado tirar pello Gov.or Interino João Alberto de Miranda Bibeiro, pello Tenente Manoe Jozé Xavier Palmeirim no Mez de Maio de 1799. 0m ,537x0m,816. | |
| 3002 | Plano da Villa de Santo Antônio dos Anjos da Laguna pertencente ao Governo da Ilha de Santa Catharina com as suas notas Geographicas. 0n.,553x0'=',924. | |

| | | |
|------|---|--|
| 3003 | Planta da Villa da Laguna levantada p.r o Major d'Engenheiros Geronimo Francisco Coelho, e feita p.r Bafael Mendes de Carvalho Júnior 1837. 0»,591x0m ,912. | |
| 3004 | Mappa da Villa da Laguna, comprehendendo a costa desde o morro de Imbituba, até a foz do Bio Urusanga com todas as Lagoas Int.e8 e os Bios de Capivari, Tubarão e alguns confluente. Levantada pelo Major do Imperial Corpo de Eng.os Jeronimo Francisco Coelho, coadjuvou o 2." Tn.'8 do mesmo corpo Christiano Pereira de Azeredo Coutinho. 1842. 0 m ,729x0n ,856. | |
| 3005 | Planta da Villa da Laguna e súaa immediações, levantada e deenhada pelo Major do Imperial Corpo de Engenheiros Jerônimo Francisco Coelho. Coadjuvou o 2° Tn.M do mesmo Corpo Cristiano Pereira de Azeredo Coi.° 1842. 0°>,473 xO-,664. | |
| 3006 | Planta hydrographica da Laguna ley. e des. pelo 1." tenente d' armada Antônio Luiz v. Hoonholtz coadj. pelos 1.º tenentes E. d'01iveira e M. Gonçalves, 2.º tenente Castro Menezes e pratico Alves Serpa ... 1864. 0m ,746x0°)600. (B. N.) | |
| 3007 | Planta da Ilha das Vinhas na província de Santa-catharina. Lev. por J. S. M. Alvim. 1847. 0m ,210x0B ,393. | |
| 3008 | Planta hydrographica da costa e porto de Santa Catharina desde a ponta das Bombas até a cidade levantada ... pelo 1.º tenente d'armada Antônio Luiz v. Hoonholtz ... coadjuvado pelo 2.º tenente Eduardo A. de Oliveira. 1862. Desenhada pelo autor em março de 1864- Imp. Inst. Artístico. 0°934x0m ,718. (B'. N.) | |
| 3009 | Planta da villa de S. Miguel reduzida a quinta parte da escala do original por João de Souza Mello e Alvim, 1." T.e d'Eng.03 1847. 0m ,254 X0m ,419. | |
| 3010 | Planta das Colônias Allemães e terrenos medidos na Província de Santa Catharina por Woldemar Schultz. Coritiba no mez de Fevereiro. 1860. Instituto lithograph. de H. Kxmsch. - Lipsia. 0°>,710x0m ,460. Color. (B. N.) | |
| 3011 | Planta demonstrativa da posição relativa das colônias actualmento existentes em Santa Catharina; pelo Capitão de Engenheiros Sebastião de Souza e Mello. 1864. 0-,576Xlm ,289. | |
| 3012 | Mappa de parto da Província de Santa-Catharina, servindo para indicar os diversos pontos onde se achão collocadas as diversas Colônias, trabalho organizado por Pedro Luiz Taulois, Engenheiro do Governo. 1867. Lith. Imp. de Rensburg. Rio de Janeiro. 0m ,373x0m ,490. (B. N.) | |
| 3013 | Planta da colônia de Dona Francisca, na província de Santa Catharina. 1853. Por Ilcrman Liebich. 0m ,720x0m ,470. | |
| 3014 | Mappa do território da Colônia D. Francisca contendo o traçado de todas as picadas abertas para a província do Páráná, por o Capitão João de Souza Mello e Alvim. 1856. Organizado segundo os trabalhos do Capitão-Tenente Torreção, e da | |

| | | |
|------|---|--|
| | Comissão dirigida pelo General Jerônimo Francisco Coelho, e dos de Mrs. Pabs, e Wanderval, Engenheiros da Colônia. Im ,24x0m ,788. | |
| 3015 | Carte der Colonie Dona-Francisca in Süd-Brasilien, 1858. Colonisations-Verein v. 1849 in Hamburg.Lith. Inst. v. Chi.' Fuchs, in-Hamburg Lith. v. Jos. Köhler. 0m ,4f12x0,n,348. | |
| 3016 | Mappa da Colônia Dona Francisca, por Friedrich Heeren, Inspector da dita Colônia. No mez de Fevereiro de 1860. Im ,44Xlm ,242. | |
| 3017 | Karte der Colonie Dona Francisca und Umgebung, nebst den projectirten Yerbindungsstrassen. {Lith}. 0°,425xOra,310. | |
| 3018 | Mappa da Colônia Dona Francisca- 1868. Colonisations-Verein v. 1849 in Hamburg. J. Köhlers Geog. lith. Instituí, Hamburg. Lith v. O. Maasch. s. d. 0n,,629x0m ,493. | |
| 3019 | Mappa dos terrenos da Nova Colônia Itajahy, e Blumenau, o adjacentes aos rios Itajahy ouçu, e Itajahy merira, contendo a direcção da Picada mandada abrir pela Presidência para communicação da nova Colônia com a Villa Itajahy em 1860. 0m ,488x0m ,713. | |
| 3020 | Mappa geral da Colônia Blumenau na prov. de Santa Catharina levantado pelo engenheiro Emilio Odebrecht 1872. Escala 1 : 80:000. Inst. Lithogr. de Bernardo Scheidemantel. 2 ft'. color., que medem junetas 0m ,990 XO-,747. (B. N.) | |
| 3021 | Planta da Colônia Santa Isabel. Feito pelo Cap."º Adalberto Jahn. Engenh.º e Director da Colônia S." Izabel, em Fever.º de 1859. 0m ,520 X0™,350. (B. N.) | |
| 3022 | Ligeira idea da localidade escolhida para a Colônia Theresopolis na província de Santa Catharina o posição relativa as Colônias do Santa Isabel e Vargem Grande levantada sob a direcção do ... Presidente da m.m " Província D.r Francisco Carlos de Araújo Brusque em 30 de Março de 1860. 0m ,443x0m ,651. | |
| 3023 | Mappa das Colônias D. Affonço outr'ora Nova-Italia, Leopoldina e outros estabelecimentos agrícolas de propriedade do dr. Henrique Schutel na prov. de S." Catharina. Pelo mesmo dr. II. Schutel. 1 fl. de 0m ,224 XO-,219. (B. N.) | |
| 3024 | Planta da Colônia militar estabelecida no Rio das Capivaras e no do Cubatão. João de Sz." Mello o Alvim. Francisco Jozé de Freitas 1." Tenente d'Engenheiros. S." Catharina 7 de Maio do 1855. Ou,)758x0m ,922. | |
| 3041 | Carta da Província de S. Pedro do Sul contendo o Estado Oriental e parte da província de S.* Catharina, levantada debaixo da inspecção do Conselheiro Jozé Antônio Pimenta Bueno, por Raymundo Alvares da Motta. 1850. Im ,584Xlm ,720. | |
| 3383 | Not. estatística da Ilha de Santa Catharina, 1812. V. O Patriota, 3.» ser. n.º 3 (1814), pg. 99. (B. N.) | |

| | | |
|------|---|--|
| 3384 | Mappas estatísticos da provincia de Sancta Catharina dos annos do 1810, 1811, 1813, 1814, 1815, 1817, 1821, 1823, 1825 e 1826 | |
| 3385 | (Notas estatísticas do governo de S. Catharina.) V. O Patriota, n.º 3 (1813), pg. 98. (B. N.) | |
| 3481 | St a Catharinaer Colonie - Kalender für das Jahr 1866. Dona Francisca, O. Dörffel, in-8.º (B. K). | |
| 3482 | Deutscher Colonie - Kalender für Südbrasilien auf das Jahr 1867. Dona Francisca, Verlag von J. H. Unter, in-4." com est | |
| 4695 | O Argos da província de Santa Catharina. Proprietário e redactor—José Joaquim Lopes. (Anno IV.) Desterro, Typ. Desterrense. de J. J. Lopes, 1859, in-fol. com lac. (B. K) | |
| 4696 | Colonie-Zeitung. (Anzeiger für !D. Francisca und Blumenau) (Anno IV.) Druck von D. Dörffels Buchdruckerei in Joinville, 1866, in-fol. Spec. (B. K) | |
| 4697 | O Conciliador. Jornal politico e noticioso da provincia de Santa Catharina. (Anno I.) (Desterro), Typ. de J. J. Lopes, 1872, in-fol. Spec | |
| 4698 | O Conservador. Órgão do partido conservador da província de Santa Catharina. Birector—Hermelino Jorge de Linhares (Annos VIII e IX.) Desterro, Typ. rua do Ouvidor, 11, 1879-1880, in-fol. com lac. (B. N.) | |
| 4699 | O Conservador. Órgão do partido conservador da província de Santa Catharina. Birector—Hermelino Jorge de Linhares (Annos VIII e IX.) Desterro, Typ. rua do Ouvidor, 11, 1879-1880, in-fol. com lac. (B. N.) | |
| 4700 | O Correio Catharinense. Desterro, Typ. Catharinense, Editor G. Ant. Maria, 1854, in-fol. Spec. (B. N.) | |
| 4701 | O Despertador. Director José J. Lopes Júnior (Annos II, XII e XIV). Desterro, Typ. de J. J. Lopes, 1864, 1874-76, in-fol. Spec. (B. N.) | |
| 4702 | O Desterrense. Proprietário Francisco Vicente Ávila e João Antônio Rodrigues. Desterro, Typ. Catharinense, 1864, in-fol. peq. Spec. (B. N.) | |
| 4703 | O Mercador. Folha commercial e noticiosa. Desterro, Typ. de J. J. Lopes, 1861, in-fol. peq. Spec. (B. N.) | |
| 4704 | O Mercantil. Principal redactor Joaquim Augusto do Livramento. (Annos III e IV.) Desterro, Typ. CommèrcicU de J. A. do Livramento. 1863-64, in-fol. peq. Spec. (B. N.) | |
| 4705 | O Município. Órgão do commercio e daJavoura. Proprietário e redactor P. Leiy Santos. (Anno III.) Laguna, Typ. Praça Conde d'Eu 11.' 11, 1880, in-fol. Spec. (B. N.) | |
| 4706 | A Regeneração. Órgão do partido Liberal. (Anno 8.º) Desterro, Typ. da Regeneração, 1876, in-fol. Spec. (B. N.) | |
| 5555 | Memória acerca da provincia de Santa Catharina, por João de Betancourt Pereira Machado e Sousa. 1822. | |
| 5556 | Memória politica sobre a Capitania de Santa Catharina escripta no Rio de Janeiro em o anno de 1816. Por Paulo Jozé Miguel | |

| | | |
|------|---|--|
| | de Brito, &., Lisboa, Typ. da Acad. Real das Sciencias, 1829, in-4.º peq. de 2 ff.-XIL -181 pp., com 1 ch. (B. N.) | |
| 5557 | Memória histórica da provincia de Santa Catharina pelo major Manoel Joaquim d'Almeida Coelho. Santa Catharina, Typ. Desterrense, de J. J. Lopes, 1856, in-4.º peq., de 2 ff., 216 pp., e 2 ff. de Índice e errata (B. N.) | |
| 5558 | Cartas acerca da provincia de Santa Catharina. (por J. G. S. S. [José Gonçalves dos Sanctos Silva]). Desterro, Typ. de J. J. Lopes, 1857-1858, in-fol. de 42 ff. (B. N.) | |
| 5559 | Noticias da Povoação, e fundação da Villa da Laguna feita por Francisco de Brito Peixoto que foi Cap.m niór delia, e doou os seus s«rviços em seu Sobrinho Diogo Pinto do Eego. (B. N.) | |
| 5560 | Nota relativa á antigüidade da Villa, hoje Cidade de Nossa Senhora da Graça, do Eio de S. Francisco do Sul. (Por João José Coutinho. Desterro, 1859.) | |
| 6038 | Elaçam da victoria que os portuguezes alcançarão no Eio do Janeyro contra os Francezes, em 19. de Setembro de 1710. Publicada em 21. de Fevereiro. (Arm. port.) Lisboa, Na Oflicina de Antônio Pedrozo Galrão, com as licenças necessárias, & Privilegio Real. Anno de 1711. Vende-se em casa de Manoel Diniz, Livreiro ás portas de Santa Catharina, & na Rua Nova. In-4.0 , de 12 pp. (B. N.) | |
| 6452 | Eliação do que se precisa p.m fornecimento do Real Trem do Rio de Janr.º do qual se fornece todo o Continente do Rio Grande de S. Pedro, Ilha de S. Catharina, e mais Praças pertencentes a m.11" Capitania. 1798. (B. K) | |
| 6492 | Informação sobre a Ilha de Sancta Catharina, dada em 1767 ao conde de Azambuja, vice-rei e capitão general de mar e terra do Estado do Brazil, pelo governador Francisco de Sousa de Menezes. (B. N.) | |
| 6493 | Correspondência doa governadores de Sancta Catharina com os vice-reis do Estado do Brazil o vice-versa. 1779 - 90. | |
| 6494 | Reflexoens sobro a Ilha de Santa Catharina ou Plano para a defença da mesma (Pelo Tenente Antônio Ignacio Koi.2 Cordova). 24 de Dezembro de 1787. (B. N.) | |
| 6495 | Primeiras tentativas de huma communicação franca com a Villa de Lages, e Capitania de S. Paulo, ordenadas pelo Governador da Província de Santa Catharina o Ten.e Coronel de Artilharia Josó Pereira Pinto, em. o anuo de 1787. | |
| 6496 | Compilação dos objectos mais essenciaes e permanentes de queestá encarregado o commandante do Rio do S. Francisco Xavier, &. 1791. V. Uec. do Inst. IlisL, II ser. IV (1848), pg. 487. (B. N.) | |
| 6497 | Mapa do mes de Dezembro de 1798 do Itegimento de Infantaria da Ilha de Santa Catharina, de que hó Coronel Manoel Soares Coimbra : Em o 1." do Janeiro de 1799. (B. N.) | |
| 6498 | Informação dada em 1800 sobre os cortes de madeiras na ilha de Sancta Catharina, por José Caetano de Lima | |

| | | |
|------|--|--|
| 6499 | Mapa do Terço de Infantaria, e Cavalaria do Milícias da Ilha do Santa Catliarina de | |
| 6500 | .Relação das idades, antigüidades, diferentes Graduaçoens, Conduatas, o prestimos dos Officiaes, Ofnciaes Inferiores, e Cadetes do Regimento de Infantaria de Linha da Ilha de Santa Catharina. No 1." Semestre do anno de 1806. (B. N.) | |
| 6501 | Mappa do mes do Junho do Regimento do Inf.* (sic) d' Linha da Ilha d' S.* Cather." 1 de Julho de 1800. (B. N.) | |
| 6502 | Documentos sobre o Rio-Grande de S. Pedro, S." Catharina e Colônia do Sacramento. (1762-1778). V. Rec. do Inst. Hist., XXXI, 1.* p.. (.1868), pg. 265. (B. N.) | |
| 6512 | Officio do conde de Rezende datado do Rio de Janeiro a 10 do Julho do 1797 c dirigido a d. Rodrigo de Sousa Coutinho, sôbrc objectos relativos ao Rio Grande do Sul, e Sancta Catharina o remettendo vários documentos do coronel Manuel Marques de Sousa o tenente general Sebastião Xavier da Veiga Cabral acerca da revolução, que se-obsrvava na nação castelhana confinante com as fronteiras do Rio Grande, & . &. (B. N.) | |
| 6659 | Mappa do Armamento que se tem remettido, para as Capitancias abaixo declaradas, sem Avizo da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. (B. N.) | |
| 6874 | Versos que na occasião de celebrar o corpo do commercio da ilha de Santa Catharina o haver-se alli jurado a Constituição, recitou seu author Diogo Duarte e Silva, &. Rio de Janeiro, na Impressão Nacional, 1821,'in-4.", de 14 pp. (B. N.) | |
| 6875 | Peças justificativas da innocencia de Felix Antônio da Silva, João Teixeira Nunes e outros cidadãos moradores na villa da Laguna, província de S.* Catharina, calumniosamente denunciados pelo T." C." Francisco da Silva França, e absolvidos no Supremo Tribunal de Justiça. Rio de Janeiro, Plancher Seignot, 1827, in-fol. de 10 pp. (B. N.) | |
| 6876 | Memorial que dirigio a S. M. o Imperador o capitam Joam de Bitemcourt Pereira Machado e Souza, prezo de intriga na cidade de S.s Catharina. Rio de Janeiro, Plancher, s. d., in-fol. de 9 pp. (B. N.) | |
| 7035 | Ao muito alto ê constitucional Imperador do Brazil, o senhor d. Pedro Primeiro, O. D. e C. Diogo Duarte Silva, os poemas que recitou, celebrando a Junta do Governo da Província de Santa Catharina, a Independência do Brazil, o desejada acelamação de S. M. Imperial, no faustissimo dia 12 de Outubro. Rio de Janeiro, 1823, na Typ. de Silva Porlo & C.*, in-4.º de 24 pp. (B. N.) | |
| 7413 | Rcllaçam da maneira por que celebrou o ... presidente da província de Santa Catharina o fâustissimo dia 12 de Outubro anniversario natalieio de Sua Magestadc Imperial o de sua gloriosa aeclamaçam. Rio de Janeiro, Typ. de Planclier, 1S25, in-fol. de 1S pp. (B. N.) | |

| | | |
|------|---|--|
| 7414 | Resposta (de Domingos de Souza França) á papcleta que o menino vindo de S. Catharina, mandado por seu avô, Joain | |
| 7612 | Conta dada ao Governo de hum reconhecimento militar na fronteira limitrophe entre as províncias de Santa Catharina, e Eio Grande do Sul. Pelo ten. coronel engen. Jeronymo Francisco Coelho. 1842. | |
| 7613 | Observações sobre a Memória apresentada pelo Tenente Coronel Jeronymo Francisco Coelho, com o titulo de «Reconhecimento Militar entro as Províncias de Santa Catharina e Eio Grande de S. Pedro do Sul. Por Francisco José de Sousa Soares de Andréa. 1842. | |
| 7690 | Oração de acção de graças, que por occasião da visita de SS; MM. II. á villa de S. José, no dia 20 de Outubro de 1845, recitou o P.# Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva, &. Santa Catharina, Typ. Provincial, 1845, in-4.º de 9 pp. | |
| 7691 | Discurso que por occasião do solemne Te Deum em acção de graças pelo anniversario da visita de SS. MM. II. á villa de S. José da provincia de Santa Catharina recitou na igreja matriz em 20 de Outubro do 1846 o p.' Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva, &. Desterro, Typ. Provincial, 1847, in-8.º de 12 pp. | |
| 7698 | Programma para o recebimento de suas • magestades imperiaea no regresso de sua viagem ás províncias de S. Pedro, Santa Catharina e S. Paulo. (Rio de Janeiro, na Typ. Nac, 1846). in-4.º de 6 pp. (B. K) | |
| 8195 | Memória descriptiva das Fortificações da Província de Santa Catharina. Pelo major engen. Patrício Antônio de Sepulveda Everard. 1841. | |
| 8196 | Apontamentos sobre os meios de Defeza da Província do Eio Grande, e designação dos pontos em que se devem levantar fortificações de 2.* ou 3.º Ordem &.* com judiciosas indicações sobre a navegação da Lagoa dos Patos, Mirim &." e estabelecimentos qua facilitem as communicações com as Províncias de S. Paulo e S." Catharina. (B. N.) | |
| 8607 | Relatórios da prov. de S." Catharinà, apres. pelos respectivos presidentes á Assembléa Provincial ou aos seus successores, nos annos de: 1837, 1840, 1842, 1846, 1847, 1849, 1850, 1853, 1854, 1856, 1857, 1859 (2), 1860, 1861 (4), 1862 (3), 1863, 1864 (2), 1805, 1866, 1867, 1868, 1870 (3); 1871, 1872 (2), 1873 (4), 1874, 1875 (2), 1876 (2), 1877 (2), 1878 (3), 1879, 1880 (3). Desterro, 1837-80, 52 vols. hi-4.» e in-fol. (B. N.) | |
| 9076 | Representação feita em 24 do Agosto de 1801 por Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, ex-govern. da cap. do RioGrande do S. Pedro do Sul, sobre a necessidade de separar aquelle território, como também o da ilha do Santa Catharina, da jurisdicção do bispado do Rio de Janeiro. V. Rei: do Inst. Hist., XV I (1853), pg. 347. (B. N.) | |
| 9306 | Papeis Juridico-Políticos de vários Authores Portuguczcs recolhidos por Silvio Miondanio, contendo uma serie de | |

| | | |
|-------|---|--|
| | ofícios e cartas régias acerca do seqüestro dos bens dos Jesuítas; do transporte de Jesuítas que se achavam nos Hospícios da Colônia e Ilha de Sancta Catharina; da expulsão dos Jesuítas; do destino que devem ter as fazendas de que estavam de posse os Jesuítas; do attentado contra a vida d'el-rei d. ; da demarcação dos limites e estabelecimento de Índios; da reforma de estudos; da liberdade dos índios; do estabelecimento de villas; da reforma dos padres da Companhia, & &. (1758-01) | |
| 9349 | Traslado da doação da igreja de Nossa Senhora da Graça feita a este Convento (de S. Bento) por Catharina Alvares Paraguassú e das terras circumvizinhas, e o mais que delia constará a qual doação foi feita na era de 1586 (16 de Julho). V. Mello Moraes, Brazil Histórico, I, pg. 124 (B. N.) | |
| 9527 | Ao povo Catharinense. (Pelo dr. Luiz Delfino dos Santos). Rio de Janeiro, Typ. de Pereira Braga, (1863?) in-4.» de 11 pp. (B. N.) | |
| 10195 | Collecção das leis da provincia do Santa Catharina, deo annos | |
| 10196 | Leis provinciacs de Santa Catharina, promulgadas nas sessões legislativas de 1841-62, 1864-77 e 1880. Desterro, 1841-80, 26 vols. in-4.º | |
| 10780 | Copia da Carta que o Mestre de Campo André Ribeiro Coutinho escreveu ao Gn.al Gomes Freire de Andrada em 24 de Agosto do anno de 1737. (B. N.) | |
| 10816 | Invasão da Ilha de Sancta Catharina por I. A. C. (1853). V. Rei: Pop., XVI (1862), pg. 98. (B. N.) | |
| 10817 | Defeza do Marechal do Campo Antônio Carlos Furtado do Mendonça no processo, que se lhe forma pela perda da Ilha do Santa Catarina n'America onde era Commandante quando Ibi invadida pela Armada Hespanhola no mcz do Fevr.º de 1777. Com outros documentos relativos ao mesmo processo. 1784. (B. N.) | |
| 10818 | Defesa de Antônio Carlos Furtado do Mendonça, respeitosa entrega da Ilha de Santa Catharina. 1776. V. Rei: do Inst. Ilinl., XXVII, 1.» p. (1864), pg. 291. (B. N".) | |
| 10839 | Memória histórica do extinto regimento d'infantaria de linha da provincia de Santa Catharina ... por Manoel Joaquim de Almeida Coelho. (Desterro), Typ. Catltarincnse, 1853, Germano A. Maria, in-4.º, de 1 H.-56 pp. (B. N.)' | |
| 11063 | Oração em acção de graças pela feliz terminação da guerra do Paraguay, recitada no solemne Te-Deum feito celebrar pela câmara municipal na igreja da V. O. Terceira de S. Francisco... Pelo P." Francisco Pedro da Cunha, &... Santa-Catharina, Typ. da Regeneração, 1870, in-4.% de 3 fls. - 32 pp. -1 fl. (B. N.) | |
| 11133 | Mappa da Ilha de Sancta Catharina. 0»,370xOm ,290. (B. N.) | |

| | | |
|-------|---|--|
| 11153 | Mappa do theatro da guerra em 1839 na província de Santa Catharina. Por G.m * Bouliech. Litho: Briggs, rua do Ouvidor, ISO. Lanhauser fecit. 0m ,441x0m ,391 | |
| 11156 | Cart a geographica da Part e das Províncias de S." Catharina o de S. Paulo, necessária para intelligencia das operações da guerra do Sul ao N. e O. da Província de S. Pedro. Ho extrahida do Mappa Corographico da Capitania de S. Paulo. 0m ,453x0m ,910. | |

Tomo II

| Número de Registro | Ítem | Exposto |
|--------------------|---|---------|
| 11363 | Breve noticia sobre três esqueletos de indígenas brasilienses da província de Santa Catharina (Brazil). Pelo d.r Duarte Paranhos Schutel: 1867. Rio de Janeiro, Pinto Brandão & C, 1875 in-8.º do 10 pp., com 1 est. (B. N.) | |
| 11364 | — Idom. (2.» edição). Ibi, Typ. de Moreira Maximino & C, 1875, in-8.' de 10 pp. 1 fl. (B. N.) | |
| 11989 | Minas de carvão de pedra de Santa Catharina. Pelo dr. Júlio Parigot. Rio de Janeiro, Typ. Imper. e Const. de J. Villeneuve e Co., 1841, in-8.« de 12 pp. (B. N.) | |
| 11990 | Memória terceira sobre as minas de carvão de pedra de Santa Catharina, pelo dr. Júlio Parigot. Rio de Janeiro, Typ. Imper. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1842, in-4.º de 30 pp. (B. N.) | |
| 12001 | Exame das águas mineraes de Santa Catharina pelo dr. J. M. da Cruz Jobim. V. A reli. Med. Braz., III (184C), pp. 29-31. (B. N.) | |
| 12009 | As Caldas da Imperatriz. Águas thermaes da prov. de Santa Catharina, por Alfr. de Escragnolle Taunay. 1877. V. O Vulgarizador, I, pp. 2, 13 e 21, e Rei: do Inst. Hist., XLII, 2.»p. (1879), pg. 39. (B. N.) | |
| 12029 | Geologia da prov. de Santa Catharina. Ext. da mem. de Carlos Van-Lede, e vertido em vulgar pelo dr, A. M. de Miranda Castro. V. Mev. do Inst. Mist, VII (1845), pg, 87 e 178. (B, N.) | |
| 12094 | Carta dirigida aos senhores membros d'Assemblé» provincial 4e Santa Catharina, pelo dr. Joaquim Remédios Monteiro, &. Santa Catharina, Typ. de J. J. Lopes, 1872, in-8.« peq., de 18 pp. (B. N.) | |
| 12165 | Eegulamento da instrucção publica, expedido... pelo dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, presidente da província de S. Catharina. Desterro, Joaquim Augusto do Livramento, 1868, in-4." de 24 pp. (B. N.) | |
| 13054 | Discripção da Cultura do linho Canamo na Ilha de Santa Catharina (Por Jozé M.el Antunes da Frota). | |
| 13310 | Handelsbericht aus Santa Catharina. V. Preussische Handelsarchiv, I, 1864. (B. N.) | |

| | | |
|------------------------------|---|--|
| 14131 | Relatório apresentado ao... dr. Delfino Pinheiro d'Ulhoa Cintra, presidente da prov. de Santa Catharina, pelo engenheiro Eduardo José de Moraes, director da Estrada Dona Francisca. Joincillc, Typ. de C. Guilherme Boehm, 1872, in-8.º (B. N.) | |
| 14367 | Algumas considerações sobre o discurso do nobre Senador pela província do Espirito Santo em 13 de Setembro de 1869 com relação á estrada de ferro projectada de Santa Catharina a S. Pedro do Sul, por I. D. da C. L. (José Dias da Cruz Lima). Ilio de Janeiro, Typ. de I. LoboVianna, 1870, in-4.º peq. de 18 pp. (B. N.) | |
| 14519 | Mappa dos terrenos das prov. de S. Pedro do Sul e de S.la Catharina, que teve de receber a projectada Estrada de ferro de d. Isabel. Lith. Imp. de S. A. Sisson. Rio de Janeiro. | |
| 14520 | Planta anexa ao pedido de autorisação dos estudos de uma estrada de ferro de Santa Catharina a Porto Alegre que ao Governo Imperial faz Sebastião Antônio Eodrigues Braga J." Pariz 25 de Janeiro de 1865. Lith. e Topog. de Koegel & Schtcestka. Rio. 0m)114x0m,55 | |
| 14521 | Mappa de parte da America do Sul indicando, segundo os mais recentes dados as Estradas de ferro ahi: em trafego, estudos e projecto c a rêde-ferrea futura que na prov. de S. Pedro do Eio Grande do Sul deve resultar da influencia das linhas privativas ás republicas, Argentina e do Estado Oriental do Uruguay e da construcção da Estrada de ferro do Santa Catharina a Porto Alegre, organizado pelo eng. Sebastião Antônio Eodrigues Braga. 1870. Lith. Koegel & Schwestka. 0m ,326x0m ,579 | |
| 14658 (XXX) | Planta da Linha Telegraphica na Ilha do Sancta Catharina. Do eng. E. de Ia Martiniore. Reduzida em Janeiro de 1877. 1 fl. | |
| 14658 (XXXI) | Planta da Linha Telegraphica na Ilha de Sancta Catharina. Do eng. D. E. F. de Lossio c Seilbitz. Reduzida em Janeiro de 1877. 1 fl. | |
| 14658 (XIII) LINHA DO SUL | Traço da picada para Linha Telegraphica acompanhando a Estrada de Sancta Catharina. Do eng. D. E. F. de Lossio e Seilbitz. Maio de 1877 | |
| 14834 | Memória hist. sobre a colônia allemã de S. Pedro d'Alcantara ... na prov. de Santa Catharina, pelo vigário Joaquim Gomes de Oliveira o Paiva. V. liev. do Inst. Hist., II ser., III (1848), pg. 504. (B. N.) | |
| 14835 | Mémoire sur l'état de Ia colonic Dona Francisca, dans Ia province Santa Catharina, redige par Ilcwnan Liebich, fondé de pouvoirs de Ia Société de Colonisation de Ilambourg. Rio de Janeiro a 12 de Março de 1853. | |
| 14836 | Dic ColonieDona Francisca in Süd-Brasilion. Bciträge zur Chronik dersclbon ... herausg. Von Theodor Rodowicz Oswiecimsky, &. Hamburg, F. H. Nestler und Melle, 1853, in-8.º, com est. | |

| | | |
|-------|--|--|
| 14837 | Franco et Brésil par S. Dutot. Notice sur Dona Francisca par M. Aubé. Paris, librairie de Guillaume et C.°, 1857, in-18.°, com 2 ch. geog. | |
| 14838 | Verzeichniss der Grundbositzer in der Colonie Dona Francisca ... Endo 1857 nach den Nummern dor Grundstücke geordnet nebst Karto der Colonic. (Hamburg, 1858), in-fol. | |
| 14839 | Relatório apresentado ao ... ministro e secretario d'estado dos negócios do império, polo conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, encarregado polo governo imperial do inspecciouar as colônias da província de Santa Catharina. Rio de Janeiro, Tiip. Unio., de Laemmert, 1859, in-fol. (B. N.) | |
| 14840 | A Colônia D. Francisca, por Leonce Aubé. V. Rev. Pop. II (1859), pg. 281. (B. N.) | |
| 14841 | -I. O. L. Niemeycr: Dic Colonie Dona Francisca. V. Petermann's Mitthcitungcn, VIII, 18G2. (B. N.) | |
| 14842 | Gcmeinde-Ordnung dor Colonie Dona Francisca. Joinville, O. Dörffel, 1865, in-4.° peq. (B. N.) | |
| 14843 | Brésil. La Colonie Blumenau. Paris, Impr. Parisienne, L. Bergcr, 1867, in-8.° do 13 pp. (B.N.) | |
| 14844 | Eelatorio sobre as colônias Blumenau, Itajahy, Príncipe D. Pedro o D. Francisca (Província Santa Catharina). Apresentado ao Ministério da Agricultura ... pelo engenheiro Luiz Manoel de Albuquerque Galvão em 9 de Março de 1871. Rio de Janeiro, Typ. JVac, 1871, in-4.°, de 127 pp., com modelos. (B. N.) | |
| 14845 | Projectod()_fontnfto ?°m ° Gaaano_J^mperial para a fundação de uma c(^nT5T~nlícional na província de Santa CathãriTía. (Pov—iluv^ melino Jorga^ao Linhares). Rio de Janeiro, Typ. da Luz, 1873, in-8.° de 1» | |
| 14846 | Relatório sobre as colônias da Província de Santa Catharina... apresentado em 1873, por Bernardo José de Castro, k. Rio áe Janeiro, Typ. Persecerança, 11876, iu-8.° de 52 pp., com mapp. (B. N) | |
| 14847 | Memória justificativa de um engenho central em Blumenau na província de Santa Catharina, por Ilclvidio Augusto de Mattos. Rio de Janeiro, Typ. du Gazeta, 1879, in-8." (B. N.) | |
| 14851 | Rapport do l'Envoyó extraordinaire snisse au Brésil, Mr. de Tschudi, au Consoil federal, sur l'état des colonies brésiliennes de Santa Catharina et San Pedro do Rio Grande do Sul (Du 18 Juin 1861). In-8.", com 3 mapp. estat. (B. N.) | |
| 15715 | Mour a [d. Paulo de]. Biographia de d. Paulo do Moura, depois fr. Paulo do Santa Catharina. Pelo p. Lino do Monto Carmelo Luna. V. ltev. do Inst. Hist., XXIV (1861), pg. 685. (B. N.) | |
| 17277 | A view of the nortb entrance of tbe barbour of S.' Catherine». Gb. por J. "Wood. S. d. (1748?). (B. N.) | |
| 17278 | A view of the N. E. End of the Island of S.' Catherine on Coast of Brasil». Gb. por Anon. [J. Wood?]. S. d. (1748?). (B. N.) | |

| | | |
|-------|--|--|
| 17279 | O mesmo assumpto das 2 estampas antecedentes. Cópia reduzida das dietas estampas, gb. em uma só folba (com o — n.º 1— na margem superior, á esquerda), por F. de Bakker. 1748. (B. N.) | |
| 17280 | O mesmo assumpto. Cópia da estampa precedente. Gb. por Anon. S. d. (1750). (B. K) | |
| 17281 | Desterro (Ilha de Sancta Catharina quando visitada por La Pérouse (6-19 Novembro 1785)». Gb. por Lemaitre [A. F.]. S. d. (B. N.) | |
| 17282 | Cidade do Desterro. Lith. por Anon (?) S. d | |
| 17283 | Cidade do Des-terro, capital da Província de Santa Catharina. (Na margem inferior). Lith. por Anon. da offic. de Schvarzer & Eohlacher. S. d.? (B. N.) | |
| 17284 | « Colônia Blumenau ». Lith. por Eohlacher, com offic. lithographica em Blumenau. S. d. | |
| 17285 | «Stadtplatz Blumenau». (Praça da Colônia Blumenau). Xg. por F. A. Brockhaus. S. d. (B. N.) | |
| 17286 | Serie de 2 folhas, que accompanhum o manuscripto « Mémoire sur l'état de Ia Colonio Dona Francisca, dans Ia Province de Santa Catharina... par Iierman Liebich ...Eio de Janeiro, 12 Mars 1853». S. d. | |
| 17287 | Vistas photographicas da Colônia Dona Francisca tiradas por L. [João Otto Luiz] Nieracyer. 1866 ». Serie de 18 vistas em um álbum. | |
| 17288 | Vista s d a Colôni a Don a Francisca ; seri e do 12 estampa s phg . p o r Anon . 18S0; alguma s poré m sem data . | |
| 17289 | «Joinville (Prov. de S. Catharina)». Xg. por Anon. S. d. (B. N.)> | |
| 17290 | Vistas da Colônia de Itajahy. Santa Catharina)>. Serie de 9' estampas, phg. por Anon. S. d. | |
| 17291 | Salto grande do Itajahy. (Prov. do S. Catharina)». Xg. por Anon. S. d. (B. N.) | |
| 17510 | Vista do desembarque de SS. MM. II. o Sr. D.º Pedro 2." Imperador do Brasil e a Imperatriz a Sra. D.1- Thereza Christina Maria na Cidade do Desterro da Ilha de S." Catharina, no dia 12 de Outubro de 1845. Dib.º por V. Prieto ». Aquarella. S. d. | |
| 18930 | Brigadeiro José da Silva Paes, Governador do S. Catharina (1739) c instituidor da Eepartição da Caridade em o anno de 1738. Pinctado a óleo. | |

Tomo III

| Número de Registro | Ítem | Exposto |
|--------------------|--|---------|
| 19359 | Notas geographicas c históricas sobre a Laguna desde sua fundação até 1750 por Manoel N. da Fonseca Galvão. Desterro, Typ. de J. J. Lopes, 1881, III-4." do 56 pp. (B. N.) | |

| | | |
|-------|--|--|
| 19360 | Descrição da município da Laguna, comarca do mesmo nome. (Resposta ao Questionário), por Sebastião Isidoro Rodrigues da Costa, 1881. (li. N.) | |
| 19462 | Mappa da Viagem a Cima da Serra. 0m ,458x0m ,373 | |
| 19843 | Der Südbrazilianische Laudwirlli. lín fjeitfadon für Ansiedler in Brasilicns siidlichon 'Provinzcn Rio Grande do Sul, Paraná und Santa Catharina. Van O. Dorffel. Dona Francisco, O. Diirffd, 18G5, in-8.º do 43 pp. (B. N.) | |

APÊNDICE C - Tabela de itens Catarinenses enviados para a Exposição Universal da Paris de 1889

| Ítem | Tradução |
|--|--|
| Pièces verrerie et gobeletterie de couleur | Peças de vidraçarias e vidraçarias coloridas |
| Bloc de charbon de terre. | Bloco de Carvão da Terra |
| Diamants octaèdres, dodécaèdres, scalinoèdres conglomérat avec petits diamants. | Diamante octaedro, dodecaedro, escalinoedro conglomeração com pequenos diamantes. |
| Huile de ricin raffinée. | Óleo de rícino refinado. |
| Huile d'Amendoim(pistaches). | Óleo de amendoim (pistache). |
| Huile de noix pour encres. | Óleo de noz para tintas. |
| Amidon | amido |
| Fubá | Fubá |
| Arrow-Root. | Araruta |
| Manioc | Mandioca |
| Farine de maïs. | Farinha de milho |
| Saindoux et beurre. | Manteiga e banha |
| Crevettes, filets de porc. | Camarões, lombinhos de porco. |
| Fruits | Frutas |
| Mélasse | Melaço ou Melado |
| Liqueurs. | Licores |
| Tillandsia tesselatta, originaire de la province de Santa-Catharina. (E.S) | Tillandsia tesselatta, nativa da província de Santa-Catharina. |
| Mortier en forme de poisson en diorite noir. Trouvé dans l'intérieur d'un Sanbaqui (dépôt d'huîtres) à la côte de Santa-Catharina. [5] | morteiro de diorito preto em forma de peixe. Encontre em dentro de um Sambaqui (depósito de ostras) na costa de Santa-Catharina. [5] |

| | |
|---|--|
| Mortier en forme d'oiseau, en diorite. Trouvé dans un Sambaqui de Santa Catharina. [3] | Morteiro em forma de ave, em diorito. Encontrado em um Sambaqui de Santa Catharina. [3] |
| Pilon en diorite. Trouvé dans un Sambaqui de Santa-Catharina. | Pilão Diorite. Encontrado em um Sambaqui- Santa Catharina. |
| Rouleau à moudre, en diorite. Trouvé dans l'intérieur de la province de Santa-Catharina | Rolo de moagem, em diorito. Encontrado no interior da provincia de Santa Catharina |
| Hache en diorite, de la province de Santa Catharina. | Machado em diorito, da província de Santa Catharina |
| Pierre à aiguiser, de la province de Santa Catharina. | Pedra de amolar, proveniente da província de Santa Catharina. |
| Pointes en diorite. Trouvées dans les Sambaquis de Santa Catharina. | Pontas de diorito. Encontrado no Sambaquis de Santa Catharina. |
| Polissoir en diorite. De la province de Sainte-Catherine. | Polidor em diorito. Da provincia de Sainte-Catherine |
| Poids en diorite. Trouvé dans un Sambaqui de la province de Sainte-Catherine. | Peso em diorito. Encontrado em um Sambaqui da provincia de Santa Catarina |
| Instrument sans mais connu, quoique ayant la forme d'une pioche, en diorite. Trouvé à Sainte-Catherine. | Instrumento desconhecido mas comum, em forma de picareta em diorito, encontrado em Santa Catarina |
| Instrument paraissant destiné à creuser la terre, en diorite. Trouvé dans la province de Sainte-Catherine | Instrumento aparentemente destinado a cavar a terra, em diorito. Encontrado na província de Sainte-Catherine |
| Tafia | Tafia |
| Vin d'oranges | Vinho de Laranja |
| Beurre. | Manteiga |

APÊNDICE D - Quadro de Expositores Catarinenses na França (1889)

| Expositor | Nº | Nome da Classe |
|--------------------|----|---|
| AREAS (L. Simoës) | 67 | Céréales. — Produits farineux avec leurs dérivés. |
| COLONIE BLUMENEAU | 69 | Corps gras alimentaires, laitage et oeufs. |
| COMMISSION DE EXP. | 67 | Céréales. — Produits farineux avec leurs dérivés. |

| | | |
|------------------------------------|----|---|
| CUSTABIO (José) | 67 | Céréales. — Produits farineux avec leurs dérivés. |
| DEBRETINS (Martins) | 67 | Céréales. — Produits farineux avec leurs dérivés. |
| DESMEBER | 69 | Corps gras alimentaires, laitage et oeufs. |
| EMENDOERFER (G.) | 67 | Céréales. — Produits farineux avec leurs dérivés. |
| FALLER ET FILHO | 72 | Condiments et stimulants 1 sucres et produits de la confiserie. |
| GAND (Auto frey) | 73 | Boissons fermentées. |
| KRAMER (E.) | 19 | Cristaux, verrerie et vitraux. |
| MAFRA (Joao) | 67 | Céréales. — Produits farineux avec leurs dérivés. |
| MARCHE (José) | 67 | Céréales. — Produits farineux avec leurs dérivés. |
| Milfedo | 67 | Céréales. — Produits farineux avec leurs dérivés. |
| Minas de Tubarão | 41 | Produits des exploitations des mines et de métallurgie. |
| PHILIPPE (Guilherme) | 67 | Céréales. — Produits farineux avec leurs dérivés. |
| ROUQUAYROL (H.) | 45 | Produits chimiques et pharmaceutiques. |
| RUDOLF (R.) | 45 | Produits chimiques et pharmaceutiques. |
| SATURNINO DE VEGA (Bernardo) | 72 | Condiments et stimulants 1 sucres et produits de la confiserie. |
| SCHEFFER (Guilherme) | 44 | Produits agricoles non alimentaires. |
| SCHMIDT | 69 | Corps gras alimentaires, laitage et oeufs. |
| SILVEmA. (Castano) | 67 | Céréales. — Produits farineux avec leurs dérivés. |

Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a disponibilizar em ambiente digital institucional, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e/ou outras bases de dados científicas, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data 25/04/2022.

1. Identificação do material bibliográfico: () Tese (X) Dissertação () Trabalho de Conclusão

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Autor: Murilo Ristow Catarina

Orientador: Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes

Coorientador: _____

Data de Defesa: 22/03/2022

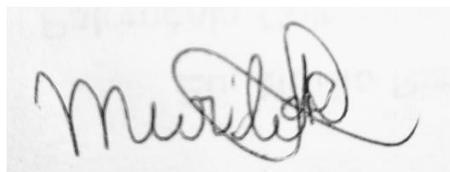
Título: VALORES E TRAJETOS DO PATRIMÔNIO CATARINENSE NAS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS (1876 E 1889) E DE HISTÓRIA DO BRASIL (1881)

Instituição de Defesa: Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)

3. Informação de acesso ao documento:

Pode ser liberado para publicação integral (X) Sim () Não

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese, dissertação ou relatório técnico.



Assinatura do autor

Joinville, 25/04/2022

Local/Data